

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO REYES
MALDONADO”**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

ISRAEL QUEIROZ DE LIMA

**MARCAS DE EXPRESSIVIDADE DA LIBRAS: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA A
PARTIR DE DADOS DO INVENTÁRIO DE LIBRAS DE RIO BRANCO, ACRE**

CÁCERES-MT

2025

ISRAEL QUEIROZ DE LIMA

**MARCAS DE EXPRESSIVIDADE DA LIBRAS: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA A
PARTIR DE DADOS DO INVENTÁRIO DE LIBRAS DE RIO BRANCO, ACRE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa

CÁCERES-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

L732m Lima, Israel Queiroz de.

Marcas de expressividade da Libras: uma análise estilística a partir de dados do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre. / Israel Queiroz de Lima. - Cáceres, 2025.
159f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Alexandre Melo de Sousa.

1. Libras. Estilística. 2. Expressividade. Afetividade. 3. Inventário de Libras. I. Sousa, Alexandre Melo de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81'221.24

ISRAEL QUEIROZ DE LIMA

**MARCAS DE EXPRESSIVIDADE DA LIBRAS: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA A
PARTIR DE DADOS DO INVENTÁRIO DE LIBRAS DE RIO BRANCO, ACRE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Presidente/Orientador – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Profa. Jocineide Macedo Karin
Examinadora Interna – PPGL/ UNEMAT

Prof. Dr. Rodrigo Santana Silva
Examinadora Interna – PPGL/ UNEMAT

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig
Examinador Externo – UFT

Prof. Dr. Felipe Aleixo
Examinador Externo – UFRR

APROVADA EM: 26/06/2025

Dedico esta conquista à comunidade surda rio-branquense, a meu esposo João Renato, a minha falecida mãe e a meu orientador Alexandre Melo de Sousa, que acreditou e conduziu tão bem este estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu forças, sabedoria e discernimento durante a elaboração deste estudo, especialmente em um período difícil, marcado por enfermidade familiar. Sem Ele, nada disso teria sido possível.

Ao meu marido, João Renato dos Santos Junior, pessoa surda, que contribuiu significativamente com esta pesquisa, especialmente quando surgiam dúvidas sobre sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Ao meu orientador, professor Alexandre Melo de Sousa, pela dedicação e orientação incansáveis — não apenas durante os dias úteis, mas também em feriados e finais de semana, independentemente do horário.

À minha mãe (*in memoriam*), que sempre acreditou na minha trajetória acadêmica, pessoal e profissional.

Às minhas irmãs, sobrinhas e sobrinhos(as)-netos(as), que torceram por esta conquista. Espero, sinceramente, ser um exemplo positivo para suas trajetórias escolares.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/Unemat), pelo apoio e compromisso com a formação acadêmica.

A todos os professores que atuam ou atuaram no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), campus de Cáceres (MT).

Aos meus amigos, que sempre acreditaram em mim ao longo desta caminhada.

À Profª. Dra. Rosane Garcia, da Universidade Federal do Acre, por ter me orientado na produção do artigo para qualificação e por todos os momentos que disponibilizou para me incentivar com suas palavras amigas e encorajadoras.

Ao meu irmão-amigo, Elcimar Prisco Marinho, ser humano ímpar, cujo apoio financeiro, carinho, compreensão e fé em mim foram fundamentais para que este momento se tornasse realidade.

À Universidade Federal do Acre, por ter me liberado das funções para cursar o Doutorado.

Aos participantes surdos da pesquisa, sem os quais não seria possível estabelecer a relação entre teoria e prática que fundamenta os resultados deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, nas pessoas do presidente, Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (UFAL); das professoras internas Profª. Jocineide Macedo Karin (Unemat) e Profª. Lúcia Maria Assunção Barbosa (Unemat); e dos avaliadores externos Prof. Carlos

Roberto Ludwig (UFT) e Prof. Felipe Aleixo (UFRR), pelas valiosas contribuições que enriqueceram significativamente esta pesquisa.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

A língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. As comunidades surdas procuram entender o mundo por através de experimentos visuais (Strobel, 2015, p. 52).

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada à área da Linguística Aplicada, na linha “Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem” do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), tem como objetivo analisar, sob uma perspectiva estilística, os recursos expressivos utilizados por surdos acreanos para intensificar ideias em produções registradas no Inventário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) da região de Rio Branco, Acre. Parte-se do entendimento de que a Libras é uma língua natural, visual-espacial e plenamente desenvolvida, cujos elementos fonológico, morfológico e discursivo possibilitam a manifestação da expressividade e da subjetividade por meio de diversos recursos estilísticos. A fundamentação teórica está centrada na estilística afetiva proposta por Bally (1941; 1951), que compreende o estilo como expressão da subjetividade e da valoração do falante. Dialogam com essa abordagem os estudos de Monteiro (1991; 2005), que entende a estilística como uma forma de ler os traços expressivos da linguagem; de Martins (2000), que associa o estilo à afetividade e à construção de sentido; e de Sousa (2018) que evidencia a expressividade e a afetividade a partir da utilização de intensificadores e recursos criativos do falante. A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa, com base em dados videográficos de 24 participantes surdos, organizados em dois grupos etários (18–29 e 30–49 anos), com equidade de gênero. A análise revelou 13 ocorrências principais de intensificação expressiva em sinais utilizados para marcar superlativos, reforçar adjetivos e verbos ou indicar valoração afetiva. Entre os sinais identificados, destacam-se RARÍSSIMO, FAMOSSÍSSIMA, FÁCILIMO, QUENTÍSSIMO, FORTÍSSIMO, além de estruturas como SOFRERdemais e RUIMmuito, que exibem modificações estilísticas marcadas. Observou-se que os participantes recorrem a uma combinação complexa de expressões faciais, corporais e parâmetros manuais e não manuais (movimentos de olhos, boca, cabeça, postura, tensão dos ombros, entre outros) para gerar efeitos de intensificação e expressividade. Esses recursos estilísticos não apenas ampliam o significado dos sinais, mas também comunicam experiências subjetivas e avaliações pessoais, tornando a linguagem sinalizada um meio rico de afetividade e construção de sentido. Verificou-se que os sinais intensificados são escolhidos com base em avaliações subjetivas, especialmente em contextos de forte impacto emocional, como relatos sobre exclusão social, ausência de intérpretes ou dificuldades ambientais, como o calor intenso e as queimadas. Nesses contextos, a linguagem adquire uma função mais que informativa — torna-se também expressiva, afetiva e identitária. Conclui-se que os surdos de Rio Branco utilizam a Libras de forma estilisticamente marcada, mobilizando elementos expressivos que revelam experiências pessoais, sentimentos e julgamentos de valor. A pesquisa contribui, assim, para os estudos linguísticos da Libras ao evidenciar a potência expressiva da língua em contextos naturais de uso, afirmando seu estatuto de língua plena, sensível e esteticamente rica.

Palavras-chave: Libras. Estilística. Expressividade. Afetividade. Inventário de Libras.

ABSTRACT

This research, situated within the field of Applied Linguistics under the line of inquiry “Studies of Social Practices of Language Processes” of the Graduate Program in Linguistics (PPGL), aims to analyze, from a stylistic perspective, the expressive resources used by Deaf individuals from Acre to intensify ideas in productions documented in the Brazilian Sign Language (Libras) Inventory of the Rio Branco region. The study is grounded in the understanding that Libras is a natural, visual-spatial, and fully developed language, whose phonological, morphological, and discursive elements allow for the expression of subjectivity and affectivity through various stylistic strategies. The theoretical framework is based on the affective stylistics proposed by Bally (1941; 1951), who conceives style as an expression of the speaker's subjectivity and value judgment. This perspective is complemented by the works of Monteiro (1991; 2005), who views stylistics as a means of interpreting expressive traits in language; Martins (2000), who associates style with affect and meaning-making; and Sousa (2018), who highlights expressiveness and affectivity through the use of intensifiers and the speaker's creative strategies. This qualitative, descriptive, and interpretative study is based on videographic data from 24 Deaf participants, divided into two age groups (18–29 and 30–49 years), with gender equity. The analysis revealed 13 key occurrences of expressive intensification in signs used to mark superlatives, reinforce adjectives and verbs, or convey affective valuation. Among the identified signs are RARÍSSIMO (very rare), FAMOSSÍSSIMA (very famous), FÁCILIMO (very easy), QUENTÍSSIMO (very hot), FORTÍSSIMO (very strong), as well as structures like SOFRERdemais (suffer a lot) and RUIMmuito (very bad), which present marked stylistic modifications. It was observed that participants employ a complex combination of facial expressions, body movements, and manual and non-manual parameters (eye, mouth, and head movements, posture, shoulder tension, among others) to generate expressive and intensifying effects. These stylistic resources not only amplify the meaning of the signs but also communicate personal experiences and subjective evaluations, making sign language a rich medium for affectivity and meaning construction. Intensified signs were found to be chosen based on subjective assessments, especially in emotionally charged contexts, such as accounts of social exclusion, lack of interpreters, or environmental hardships like extreme heat and wildfires. In such contexts, language assumes a function beyond information transmission—it becomes expressive, affective, and identity-forming. In conclusion, Deaf signers from Rio Branco use Libras in a stylistically marked manner, mobilizing expressive elements that reflect personal experiences, emotions, and value judgments. This research contributes to linguistic studies on Libras by highlighting the expressive potential of the language in natural usage contexts, affirming its status as a full, sensitive, and aesthetically rich language.

Keywords: Libras. Stylistics. Expressiveness. Affectivity. Libras Inventory.

RÉSUMÉ

Cette recherche, inscrite dans le domaine de la linguistique appliquée, dans le cadre de la ligne « Études des processus des pratiques sociales du langage » du Programme de troisième cycle en linguistique (PPGL), vise à analyser, dans une perspective stylistique, les ressources expressives utilisées par des personnes sourdes de l'Acre pour intensifier des idées dans des productions enregistrées dans l'Inventaire de la Langue des Signes Brésilienne (Libras) de la région de Rio Branco. On part du principe que la Libras est une langue naturelle, visuo-spatiale et pleinement développée, dont les éléments phonologiques, morphologiques et discursifs permettent l'expression de la subjectivité et de l'affectivité à travers divers procédés stylistiques. Le cadre théorique s'appuie sur la stylistique affective proposée par Bally (1941 ; 1951), qui conçoit le style comme une manifestation de la subjectivité et de la valorisation du locuteur. Cette perspective est enrichie par les travaux de Monteiro (1991; 2005), qui conçoit la stylistique comme une lecture des marques expressives du langage ; de Martins (2000), qui associe le style à l'affectivité et à la construction du sens; et de Sousa (2018), qui met en évidence l'expressivité et l'affectivité par l'usage d'intensificateurs et de stratégies créatives du locuteur. De nature qualitative, descriptive et interprétative, l'étude repose sur des données vidéographiques recueillies auprès de 24 participants sourds, répartis en deux groupes d'âge (18–29 ans et 30–49 ans), avec une parité de genre. L'analyse a révélé 13 occurrences principales d'intensification expressive, liées à des signes superlatifs, des renforts d'adjectifs et de verbes ou à l'expression d'une valorisation affective. Parmi les signes relevés, on trouve: RARÍSSIMO, FAMOSSÍSSIMA, FÁCILIMO, QUENTÍSSIMO, FORTÍSSIMO, ainsi que des structures comme SOFRER demais et RUIM muito, qui présentent des modifications stylistiques marquées. Il a été observé que les participants mobilisent une combinaison complexe d'expressions faciales, de gestes corporels et de paramètres manuels et non manuels (mouvements des yeux, de la bouche, de la tête, posture, tension des épaules, etc.) pour produire des effets d'intensification et d'expressivité. Ces ressources stylistiques amplifient le sens des signes tout en véhiculant des expériences personnelles et des évaluations subjectives, transformant la langue des signes en un puissant vecteur d'affectivité et de construction du sens. On constate que les signes intensifiés sont choisis en fonction d'évaluations subjectives, notamment dans des contextes à forte charge émotionnelle, comme le vécu de l'exclusion sociale, l'absence d'interprètes ou les difficultés environnementales (chaleur extrême, incendies). Dans ces cas, la langue dépasse sa fonction informative pour devenir expressive, affective et identitaire. En conclusion, les sourds de Rio Branco utilisent la Libras de manière stylistiquement marquée, révélant des expériences personnelles, des émotions et des jugements de valeur. Cette recherche apporte une contribution inédite aux études linguistiques sur la Libras en mettant en évidence sa puissance expressive dans des contextes d'usage naturel, affirmant son statut de langue pleine, sensible et riche sur le plan esthétique.

Mots-clés: Libras. Stylistique. Expressivité. Affectivité. Inventaire de la Libras.

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Acre
AL	Alagoas
AL.	Azul
CM	Configuração de Mão
CE	Ceará
CF.	Conferir
Dra	Doutora
ES	Escrita de Sinais
ETC.	Entre outras coisas
EXP./CORP.	Expressão Corporal
LOC.	Locação
MD	Mão Direita
ME	Mão Esquerda
MINC	Ministério da Cultura
MOV.	Movimento
N.	Número
NUN.	Nunca
OR.	Orientação de Palma de Mão
P.	Página
PE	Pernambuco
SC	Santa Catarina
SW	<i>SignWriting</i> (Escrita de Sinais)
TV	Televisão
TO	Tocantins

LISTA DE SIGLAS

ASL	American Sign Language
ASSACRE	Associação dos Surdos do Acre
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez Formação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFDD	Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos
CNPq	Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID	Corona Virus Disease (Doença do Corona Vírus)
EaD	Educação a Distância
ELAN	Eudico Language Annotator
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
ENM	Expressão Não Manual
GTDL	Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INDL	Inventário Nacional de Diversidade Linguística
INDLibras	Inventário Nacional da Libras
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	Instituto de Desenvolvimento em Política Linguística
LAFE	Laboratório de Aquisição de Fala e de Escrita
LALI	Laboratório de Línguas Indígenas
LSKB	Língua de Sinais Ka'apor Brasileira
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PROLIBRAS	Proficiência em Libras
RFFSA	Rede Ferroviária Federal SA
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPB	Universidade Federal de Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Católica de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Layout do Portal de Libras.....	34
Figura 2	Antologia Literária em Libras.....	35
Figura 3	Perspectivas das quatro câmeras.....	38
Figura 4	Professores e surdos pesquisadores do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre.....	42
Figura 5	Fonética articulatória das línguas de sinais.....	46
Figura 6	Articulador de configuração de mão elaborada por Hulst e Kooij....	47
Figura 7	Agrupamento da orientação de mão/configuração de mão.....	48
Figura 8	Parâmetros fonológico da Libras.....	49
Figura 9	Par mínimo em oposição à configuração de mão.....	50
Figura 10	Par mínimo em oposição à locação.....	51
Figura 11	Par mínimo em oposição à orientação de palma.....	51
Figura 12	Segmentação estrutural (diferenças entre unidades da língua oral e da Língua de Sinais).....	52
Figura 13	Parâmetros morfológicos da Libras.....	55
Figura 14	Sinal ONTEM.....	58
Figura 15	Sinal ANTEONTEM.....	59
Figura 16a	Sinal FOGO_1.....	60
Figura 16b	Sinal FOGO_2.....	60
Figura 17	Paradigmas e sintagmas (Saussure).....	62
Figura 18	<i>Google Meet</i>	64
Figura 19	Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal <i>Google Meet</i>	64
Figura 20	Teleconferência.....	64
Figura 21	Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal Teleconferência.....	65
Figura 22	Ambiente Virtual.....	65
Figura 23	Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal Ambiente Virtual.....	65
Figura 24	<i>Netflix</i>	65
Figura 25	Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal <i>Netflix</i>	66
Figura 26	<i>Classroom</i>	66
Figura 27	Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal <i>Classroom</i>	66
Figura 28	Esquema dos elementos mórficos e sufixal (comutação) aplicado na Libras.....	67
Figura 29	CASA + CRUZ = IGREJA.....	68
Figura 30	Representação em Escrita de Sinais da perda de movimento.....	69
Figura 31	Sinal IGREJA (derivacional).....	69
Figura 32	Composição no léxico.....	70
Figura 33	Representação da soletração manual ‘U-N-I-D-A-D-E’.....	71
Figura 34	Empréstimo linguístico do sinal PROCURAR com letra inicial em ‘P’.....	71
Figura 35	Empréstimo linguístico “AL”.....	72
Figura 36	Empréstimo linguístico “N-U-N” derivado do sinal “N-U-N-C-A”	72
Figura 37	Articulações dos lábios como empréstimo linguístico.....	73
Figura 38	Sinal do Banco Itaú em Libras.....	75
Figura 39	Bairro 15 em Libras.....	75

Figura 40	A transemitização inclui a transliteração.....	76
Figura 41	Esquema do grau de expressividade do sinal LINDO.....	85
Figura 42	Esquema do grau de expressividade do sinal FEIO.....	85
Figura 43	Perspectivas das câmeras.....	90
Figura 44	Slide conversação livre.....	92
Figura 45	Sinal ALGUM (+ ALGUM).....	96
Figura 46	Sinal RUIMmuito.....	100
Figura 47	Sinal MELHOR-MAIS.....	103
Figura 48	Sinal SENTIR-bem-mais-que-o-comum.....	107
Figura 49	Sinal FAMOSÍSSIMA.....	111
Figura 50	Sinal ASSUSTADAmuito + + + ...	115
Figura 51	Sinal POUCO(inho) superlativado em Libras.....	120
Figura 52	Sinal ESFORÇARmuito+ + + na forma superlativa em Libras.....	123
Figura 53	Sinal NADINHA.....	127
Figura 54	Sinal ESCURECER+ + +.....	130
Figura 55	Sinal FACILIMO.....	134
Figura 56	Sinal QUENTÍSSIMO.....	137
Figura 57	Sinal FORTÍSSIMA.....	140
Figura 58	Sinal RARÍSSIMO.....	144
Figura 59	Sinal SOFRERdemais.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Projetos-piloto com línguas de categorias ou em situações sociolinguísticas diferentes.....	28
Quadro 2	Informantes das atividades do projeto inventário de Libras.....	37
Quadro 3	Seleção dos dedos das configurações de mãos.....	48
Quadro 4	Grupo 1 e Grupo 2 (participantes homens e mulheres) com faixas etárias distintas.....	95
Quadro 5	Link e transcrições em Libras e português do sinal ALGUM (+ ALGUM).....	96
Quadro 6	Marcas de expressividade ALGUM.....	98
Quadro 7	Marcas de expressividade ALGUM.....	99
Quadro 8	Link e transcrições em Libras e português do sinal RUIM.....	99
Quadro 9	Marcas de expressividade RUIMmuito.....	101
Quadro 10	Marcas de expressividade RUIMmuito.....	102
Quadro 11	Link e transcrições em Libras e português do sinal MELHOR-MAIS.....	103
Quadro 12	Marcas de expressividade MELHOR-MAIS.....	105
Quadro 13	Marcas de expressividade MELHOR-MAIS.....	105
Quadro 14	Link e transcrições em Libras e português do sinal SENTIR-BEM-MAIS-QUE-O-COMUM.....	106
Quadro 15	Marcas de expressividade SENTIR-bem-mais-que-o-comum.....	109
Quadro 16	Marcas de expressividade SENTIR-bem-mais-que-o-comum.....	109
Quadro 17	Link e transcrições em Libras e português do sinal FAMOSÍSSIMA.....	110
Quadro 18	Marcas de expressividade FAMOSÍSSIMA.....	113
Quadro 19	Marcas de expressividade FAMOSÍSSIMA.....	114
Quadro 20	Link e transcrições em Libras e português do sinal ASSUSTADAmuito+ + +.....	115
Quadro 21	Marcas de expressividade ASSUSTADAmuito+ + +.....	117
Quadro 22	Marcas de expressividade ASSUSTADAmuito+ + +.....	118
Quadro 23	Link e transcrições em Libras e português do sinal POUCO(inho).....	119
Quadro 24	Marcas de expressividade POUCO(inho).....	122
Quadro 25	Marcas de expressividade POUCO(inho).....	122
Quadro 26	Link e transcrições em Libras e português do sinal ESFORÇAR-MUITO.....	123
Quadro 27	Marcas de expressividade (ESFORÇARmuito+ + +).....	125
Quadro 28	Marcas de expressividade (ESFORÇARmuito+ + +).....	125
Quadro 29	Link e transcrições em Libras e português do sinal NADINHA....	126
Quadro 30	Marcas de expressividade NADINHA.....	129
Quadro 31	Marcas de expressividade NADINHA.....	129
Quadro 32	Link e transcrições em Libras e português do sinal ESCURECERmuito.....	130
Quadro 33	Marcas de expressividade ESCURECER+ + +.....	132
Quadro 34	Marcas de expressividade ESCURECER+ + +.....	133
Quadro 35	Link e transcrições em Libras e português do sinal FÁCIL, FÁCIL, FÁCIL (= FACÍLIMO).....	134
Quadro 36	Marcas de expressividade FACÍLIMO.....	136
Quadro 37	Marcas de expressividade FACÍLIMO.....	137

Quadro 38	Link e transcrições em Libras e português do sinal sol QUENTÍSSIMO.....	137
Quadro 39	Marcas de expressividade QUENTÍSSIMO.....	139
Quadro 40	Marcas de expressividade QUENTÍSSIMO.....	139
Quadro 41	Link e transcrições em Libras e português do sinal FORTÍSSIMA.....	140
Quadro 42	Marcas de expressividade FORTÍSSIMA.....	142
Quadro 43	Marcas de expressividade FORTÍSSIMA.....	143
Quadro 44	Link e transcrições em Libras e português do sinal RARÍSSIMO.	143
Quadro 45	Marcas de expressividade RARÍSSIMO.....	146
Quadro 46	Marcas de expressividade RARÍSSIMO.....	146
Quadro 47	Link e transcrições em Libras e português do sinal SOFRERdemais.....	147
Quadro 48	Marcas de expressividade SOFRERdemais.....	150
Quadro 49	Marcas de expressividade SOFRERdemais.....	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Grupos de participantes.....	89
Tabela 2	Quantitativo de sinais expressivos.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - OS INVENTÁRIOS DE LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES LINGÜÍSTICAS, SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS.....	24
1.1 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).....	24
1.2 Inventário Nacional da Libras.....	30
1.3 Inventários de Libras (projetos de Santa Catarina, Maceió, Fortaleza, Tocantins).....	39
1.4 Inventário de Libras de Rio Branco (AC).....	41
CAPÍTULO II - ASPECTOS DESCRITIVOS DA LIBRAS.....	44
2.1 Fonética e Fonologia da Língua Brasileira de Sinais.....	44
2.2 Morfologia da Língua Brasileira de Sinais.....	53
CAPÍTULO III - A EXPRESSIVIDADE NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	77
3.1 Estilo e expressividade.....	77
3.2 Expressividade e afetividade.....	79
3.3 Tonalidades emotivas das palavras/sinais.....	83
CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	87
4.1 Caracterização geral da pesquisa.....	87
4.2 Inventário de Libras de Rio Branco, Acre – a geração dos dados....	88
4.3 Procedimento de análise.....	91
CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS.....	94
5.1 Expressividade no sinal ALGUM.....	96
5.2 Expressividade do sinal RUIM.....	99
5.3 Expressividade do sinal MELHOR-MAIS.....	102
5.4 Expressividade do sinal SENTIR-BEM-MAIS-QUE-O-COMUM..	106
5.5 Expressividade do sinal FAMOSÍSSIMAcomida.....	110
5.6 Expressividade do sinal ASSUTADAmuito.....	114
5.7 Expressividade do sinal POUCO(inho).....	119
5.8 Expressividade do sinal ESFORÇAR-MUITO.....	123
5.9 Expressividade do sinal NADINHA.....	126
5.10 Expressividade do sinal ESCURIDÃO.....	129
5.11 Expressividade do sinal FÁCIL, FÁCIL, FÁCIL (= FACÍLIMO)...	133
5.12 Expressividade do sinal sol QUENTÍSSIMO.....	137
5.13 Expressividade do sinal FORTÍSSIMA.....	140
5.14 Expressividade do sinal RARÍSSIMO.....	143
5.15 Expressividade do sinal SOFRERdemais.....	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS.....	155

INTRODUÇÃO

Meu nome é Israel Queiroz de Lima. Sou professor de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Universidade Federal do Acre (UFAC), onde atuo desde o ano de 2012. No entanto, minha relação com a Libras remonta a 2005, quando participei do programa “Amigo da Escola” e tive os primeiros contatos com a comunidade surda de Rio Branco (AC). Desde então, venho me dedicando à formação de profissionais para a educação de surdos, tanto na formação inicial quanto continuada de tradutores e intérpretes de Libras. Além disso, tenho atuado na capacitação de familiares, professores especializados do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e docentes das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), que trabalham diretamente com pessoas surdas.

Sou casado com João Renato dos Santos Junior, que também é surdo, professor da UFAC e meu colega no programa de doutorado da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). A convivência cotidiana com meu esposo ampliou significativamente minha aproximação com a Libras e com a cultura surda. O contato constante em contextos informais, familiares e, sobretudo, em situações emocionalmente delicadas — como o início de um doloroso tratamento oncológico que ele enfrentou logo após ingressar no doutorado — me permitiu vivenciar a Libras em múltiplas nuances, compreendendo sua expressividade em níveis que transcendem o uso técnico da língua.

Em minha trajetória acadêmico-profissional, destaco dois marcos relevantes. O primeiro refere-se à minha participação, em 2013, na equipe responsável pela criação do curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFAC. Esse desafio me impulsionou a aprofundar meus estudos sobre os aspectos linguísticos e culturais da Libras. O segundo marco ocorreu quando fui convidado pelo professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, meu orientador nesta tese, para integrar a equipe do projeto “Inventário de Libras de Rio Branco, Acre”. Desde as primeiras atividades, pude perceber a relevância da constituição desse corpus linguístico, que resultou em um valioso acervo audiovisual da Libras em uso por sujeitos surdos. Durante o processo de gravação e arquivamento dos dados, foi possível observar formas expressivas de uso da língua que intensificavam ideias e promoviam riqueza comunicativa, revelando-se um material de grande valor para estudos linguísticos, educacionais e sociais.

Ao acompanhar todas as etapas das entrevistas e das atividades de elicitación, surgiram diversas inquietações investigativas que me levaram a refletir sobre construções sintáticas, produtividades lexicais, relações discursivas e aspectos sociolinguísticos presentes na Libras. No entanto, foi a expressividade observada em determinadas situações comunicativas que mais

me instigou. Percebi o uso recorrente de sinais marcados por repetições, tensões nos braços e mãos, bem como superlativização das expressões faciais. Esses fenômenos despertaram minha atenção para algo além da estrutura gramatical: a estilística da Libras.

Em conversa com o professor Alexandre, compartilhei minhas observações e ele prontamente sugeriu leituras introdutórias sobre Estilística, estilo e expressividade. Já nos primeiros contatos com esse campo do saber, identifiquei uma lacuna: são raros os estudos estilísticos voltados às línguas de sinais no contexto brasileiro. A partir disso, aproximei minha perspectiva analítica dos ensinamentos de Charles Bally (1941, 1951) sobre expressividade. Bally (1941; 1951) define expressividade linguística como a capacidade que a língua tem de transmitir emoções, atitudes, valores e subjetividades do falante, indo além da mera função referencial ou informativa da linguagem.

Segundo o autor, a expressividade está presente nos usos cotidianos da língua, e não apenas em contextos literários ou poéticos. Ela se manifesta quando o falante utiliza os recursos disponíveis no sistema linguístico — como entonação, escolha lexical, morfologia, ritmo, entre outros — para intensificar sentidos, marcar afetividade, avaliar ou valorizar o conteúdo da mensagem. Em outras palavras, é o modo como o falante se posiciona emocionalmente ou avaliativamente diante do que diz.

Foi nesse contexto que emergiu a pergunta norteadora desta pesquisa: quais recursos expressivos disponíveis na língua de sinais (fonético-fonológicos e morfológicos) são utilizados por sujeitos surdos como marcas de expressividade?

O objetivo geral desta investigação é analisar, sob uma perspectiva estilística, os recursos expressivos utilizados por sujeitos surdos acreanos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC), com ênfase nos mecanismos de intensificação de ideias.

Para alcançar tal objetivo, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever, sob a ótica estilística, a expressividade em Libras;
- b) identificar os recursos estilísticos (fonético-fonológicos e morfológicos) utilizados pelos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC);
- c) interpretar as expressividades à luz dos conceitos de axiologia, valoração e subjetividade;
- d) descrever os articuladores manuais e não manuais presentes nos dados selecionados como marcas expressivas implícitas ao sinal típico.

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e com caráter explicativo quanto aos seus objetivos. Os dados foram gerados a partir das entrevistas registradas no âmbito do projeto “Inventário de Libras de Rio Branco, Acre”.

A expressividade já foi tratada, no âmbito da estilística, por alguns pesquisadores. Bally (1941; 1951), por exemplo, define a expressividade como a capacidade da linguagem de traduzir emoções, valores e atitudes do falante, utilizando os recursos disponíveis no sistema linguístico. Para Bally, a expressividade não se restringe à linguagem literária, mas é inerente ao uso comum da língua. Ele analisa elementos como a entonação, a escolha lexical, a repetição e os traços morfológicos que intensificam significados e transmitem subjetividade. Sua abordagem é essencial para esta tese por fornecer uma base teórica sólida para compreender a expressividade como um fenômeno linguístico estruturado. Convém, neste ponto, apresentar outras bases teóricas relevantes que sustentam as reflexões desta tese, especialmente no que diz respeito à noção de estilo, expressividade e valor afetivo da linguagem, aspectos centrais para a análise da Libras enquanto língua natural e expressiva.

Murry (1968) discute o estilo como a manifestação da individualidade do autor ou falante. Para o autor, o estilo configura-se como a projeção da personalidade na linguagem, revelando escolhas conscientes e inconscientes que moldam o discurso. Essa concepção aproxima-se da ideia de expressividade ao considerar que o estilo é um reflexo direto da experiência subjetiva, das emoções e dos valores do sujeito. Tal abordagem é fundamental para compreender a expressividade na Libras não apenas como um fenômeno estrutural, mas como uma dimensão subjetiva da comunicação, na qual o gesto é também carregado de afetividade e intencionalidade.

Paz Gago (1993), por sua vez, oferece uma visão abrangente da Estilística, percorrendo suas correntes clássica, moderna e aplicada. O autor sistematiza os principais conceitos da área, destacando a expressividade como um dos pilares centrais da análise estilística. A expressividade é entendida como um fenômeno transversal à linguagem, manifestando-se em aspectos fônicos, morfossintáticos e semânticos, tanto em textos literários quanto em registros discursivos cotidianos. Sua contribuição reside na consolidação da Estilística como campo legítimo de investigação linguística, o que reforça a aplicabilidade de seus instrumentos analíticos à Libras, considerando-a uma língua plena de recursos estilísticos e expressivos.

Sousa (2018) contribui com a discussão ao investigar a expressividade em textos jornalísticos, especialmente em colunas sociais, com foco na produtividade lexical e nos mecanismos de gradação de sentido. O autor evidencia como a linguagem é mobilizada para intensificar, atenuar ou valorizar conteúdos, por meio de recursos morfológicos e estilísticos. Sua análise, apoiada em Pottier (1978; 1992) demonstra que a expressividade opera também em gêneros cotidianos, funcionando como um marcador de estilo e subjetividade – elementos igualmente presentes na estrutura e uso discursivo da Libras.

Além dessas contribuições, destaca-se a perspectiva de Martins (2000), que compreende o estilo como um fenômeno linguístico-discursivo associado à afetividade e à construção de sentidos. Martins enfatiza que o estilo não é apenas resultado de uma estética pessoal, mas também uma prática social e culturalmente situada, em que o afeto e a intenção comunicativa desempenham papéis centrais. Essa visão é especialmente relevante para línguas visuais-espaciais como a Libras, em que o corpo e a emoção participam ativamente da construção estilística.

Monteiro (1991, 2005) também oferece importantes subsídios ao tratar da estilística como um instrumento de análise que abrange as diferentes formas de expressividade da linguagem. Em suas obras, o autor defende que o estilo se revela nos desvios, nas ênfases e nas escolhas do falante, constituindo uma assinatura discursiva. Essa perspectiva permite observar a Libras como um espaço de criação estilística, em que as escolhas de configuração de mão, movimento e expressão facial operam como marcadores de estilo individual e coletivo.

Complementando essa discussão, Monnerat (2003) aborda os processos de intensificação no discurso publicitário, ressaltando o papel dos intensificadores como elementos que atribuem valor afetivo e persuasivo à linguagem. A autora identifica uma gama de recursos linguísticos utilizados para intensificar sentidos, ampliando sua força expressiva e emocional. Tal abordagem é extremamente produtiva para o estudo da Libras, uma vez que permite identificar, nas práticas discursivas das comunidades surdas, estratégias semelhantes de intensificação realizadas por meios visuais, corporais e espaciais.

Dessa forma, os aportes teóricos de Murry (1968), Paz Gago (1993), Sousa (2018), Martins (2000), Monteiro (1991, 2005) e Monnerat (2003) contribuem de maneira integrada para o fortalecimento da proposta desta tese, que reconhece a Libras como uma língua rica em marcas estilísticas, capaz de expressar afetividade, subjetividade e identidade por meio de seus recursos linguísticos e discursivos próprios.

Embora as obras de Bally (1941; 1951), Paz Gago (1993), Murry (1968) e Sousa (2018) ofereçam importantes contribuições para o entendimento da expressividade e da estilística nas línguas orais, a presente pesquisa propõe um avanço inédito ao aplicar esses fundamentos teóricos à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os estudos mencionados concentram-se majoritariamente em contextos verbais orais ou escritos, deixando uma lacuna significativa quanto à análise da expressividade estilística em línguas de sinais. Nesse sentido, esta tese se distingue por investigar como a expressividade se manifesta na Libras por meio de recursos fonético-fonológicos, morfológicos e discursivos, com base em dados empíricos do Inventário de Libras de Rio Branco (AC). Trata-se, portanto, de um trabalho pioneiro, que busca

ampliar o campo da Estilística para além das fronteiras das línguas orais, reconhecendo a Libras como uma língua plena, rica em nuances expressivas e digna de estudo aprofundado sob a perspectiva da expressividade linguística. **Defendemos a tese de que os diferentes recursos estilísticos em Libras, tanto fonético-fonológicos quanto morfológicos, proporcionam aos surdos formas de expressão que ampliam o significado dos sinais, mas também refletem as experiências subjetivas de cada participante, gerando uma comunicação que transcende a simples transmissão de informações, para tocar as dimensões emocionais e afetivas do interlocutor.**

A tese está estruturada em cinco capítulos, distribuídos de modo a oferecer ao leitor uma compreensão progressiva dos fundamentos teóricos, contextuais, metodológicos e analíticos da pesquisa. No primeiro capítulo, apresenta-se um panorama geral dos Inventários de Libras no Brasil, com destaque para a atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a constituição do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). São também descritos os principais projetos de Inventários de Libras desenvolvidos em estados como Santa Catarina, Alagoas, Ceará, Tocantins e Acre, sendo este último o foco central do estudo. Essa contextualização evidencia as contribuições linguísticas, sociais, culturais e educacionais desses projetos, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento e à documentação da Libras como patrimônio imaterial e manifestação da diversidade linguística brasileira.

O segundo capítulo dedica-se à descrição dos aspectos fonético-fonológicos e morfológicos da Língua Brasileira de Sinais, buscando oferecer fundamentos teóricos essenciais à análise estilística proposta. A análise fonético-fonológica abrange os parâmetros formais que compõem os sinais — configuração de mão, localização, movimento, orientação e expressões não manuais —, com atenção às variações que influenciam a expressividade. A seguir, a morfologia da Libras é abordada em suas formas derivacionais e flexionais, bem como na composição e criação de sinais. Já no terceiro capítulo, discute-se a expressividade linguística, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, ancorando-se em autores como Bally e em conceitos como axiologia, valoração e subjetividade. Esse capítulo explora as bases da Estilística como campo de investigação e propõe uma compreensão da expressividade como um fenômeno comunicativo e afetivo, marcado por escolhas linguísticas que revelam intenções, emoções e julgamentos subjetivos por parte dos falantes/sinalizantes.

O quarto capítulo descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa, caracterizando-a como um estudo qualitativo, de natureza básica e com objetivos explicativos. Detalha-se o processo de geração e seleção dos dados a partir das entrevistas realizadas no

âmbito do Inventário de Libras de Rio Branco (AC), bem como os critérios utilizados para análise estilística dos sinais. Por fim, o quinto capítulo apresenta a análise dos dados linguísticos coletados, concentrando-se em seis sinais recorrentes — ALGUM, RUIM, MELHOR, POUCO, ESFORÇAR e NADA — e investigando suas variações expressivas. A análise contempla elementos fonético-fonológicos, morfológicos e discursivos, buscando evidenciar como os sujeitos surdos utilizam recursos da Libras para intensificar ideias e atribuir valor às suas enunciações. A tese se encerra com as considerações finais e com a apresentação das referências bibliográficas que fundamentam a pesquisa, reafirmando seu compromisso com a ampliação do conhecimento linguístico da Libras e com o reconhecimento de sua expressividade como fenômeno legítimo e significativo no uso linguístico cotidiano.

CAPÍTULO I

OS INVENTÁRIOS DE LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS, SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS

Neste capítulo trataremos a respeito dos Inventários de Libras desenvolvidos ou em desenvolvimento no Brasil. Este capítulo tem fundamental importância para esta tese uma vez que se trata da primeira pesquisa de doutorado que utiliza os dados do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre. Desse modo, entendemos ser relevante explicar o contexto de criação dos Inventários de Libras e suas replicações.

1.1 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), criado em 1937, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, cuja finalidade consiste em preservar o patrimônio cultural brasileiro. Seu objetivo central é “proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras” (Brasil, 2020).

Atualmente, o conceito de “patrimônio” não se restringe apenas ao passado, mas abrange também o presente e o futuro, considerando-se a cultura como um fenômeno dinâmico e em constante (des)construção. Os conceitos que regem o patrimônio cultural transformam-se conforme as necessidades de cada geração, que busca bem-estar por meio de sua relação com a memória e identidade cultural.

Nos termos da Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, Seção III, Art. 46, foi instituído o Serviço do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a missão de “promover, em todo o país e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional”. Atualmente, o Iphan continua exercendo sua atuação em todo o território nacional, com uma estrutura organizacional composta por:

- a) 27 Superintendências, uma em cada unidade federativa;
- b) 37 Escritórios Técnicos, situados majoritariamente em cidades com conjuntos urbanos tombados, denominadas Cidades Históricas;
- c) 6 Unidades Especiais, sendo quatro localizadas no Rio de Janeiro — Centro Lucio Costa, Sítio Roberto Burle Marx, Paço Imperial e Centro Nacional do Folclore e Cultura

Popular — e duas em Brasília — Centro Nacional de Arqueologia e Centro de Documentação do Patrimônio (Brasil, 2023).

As ações do Iphan abrangem a proteção de bens culturais de natureza material e imaterial, reconhecendo-os isoladamente ou em conjunto, como referências da identidade, ação e memória dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira. Os principais domínios de atuação incluem:

- a) Patrimônio Cultural: abrange os bens móveis e imóveis de relevância histórica para o Brasil;
- b) Patrimônio Material: inclui os bens classificados segundo sua natureza — arqueológica, paisagística, etnográfica, histórica, belas artes e artes aplicadas. Esse conceito foi ampliado pela Constituição Federal de 1988;
- c) Patrimônio Ferroviário: compreende os bens móveis e imóveis oriundos da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), sob a responsabilidade do Iphan quanto à sua preservação;
- d) Patrimônio Arqueológico: refere-se aos vestígios e locais associados a grupos humanos do passado que contribuíram para a formação identitária brasileira, incluindo sítios, coleções e acervos, móveis e imóveis;
- e) Licenciamento Ambiental: visa garantir a sustentabilidade dos ecossistemas, considerando os impactos sobre sítios e monumentos de valor histórico, arqueológico e cultural;
- f) Educação Patrimonial: envolve processos educativos formais e não formais voltados à valorização do patrimônio cultural como recurso para a compreensão das referências culturais;
- g) Patrimônio Imaterial: constitui-se de práticas, saberes, expressões, celebrações e demais manifestações transmitidas de geração em geração, recriadas continuamente por grupos sociais em função de sua história, ambiente e relações culturais (Brasil, 2023).

É importante destacar que o patrimônio cultural material é tangível, enquanto o imaterial refere-se a manifestações como músicas, histórias orais, narrativas, poesias e poemas preservados pelas comunidades linguísticas do Brasil. A língua, nesse contexto, está intrinsecamente vinculada às identidades e expressões culturais dos povos brasileiros.

Atualmente, estima-se que existam mais de 250 línguas faladas no território brasileiro que buscam reconhecimento, tais como línguas quilombolas, indígenas, crioulas, de imigração, Línguas de Sinais urbanas e de povos originários surdos. Esse não reconhecimento se deve, em parte, à equivocada percepção de que o Brasil seria um país monolíngue, cuja única língua oficial e legítima seria o português (Brasil, 2023).

Embora o Brasil seja, de fato, um país multilíngue, a escassa divulgação e ensino da diversidade linguística nas escolas contribui para a manutenção dessa percepção. A desconstrução desse imaginário ocorre, muitas vezes, quando os indivíduos ingressam em cursos de linguística ou áreas afins, passando a compreender a história das línguas, o processo de crioulização, o conceito de língua materna e demais aspectos relacionados.

Nesse contexto, o Decreto nº 7.387, de 2010, institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de reconhecimento das línguas faladas no Brasil (Decreto, 2010). O INDL representa uma política pública voltada ao reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural nacional e possui os seguintes objetivos: “Pesquisar as línguas e reconhecê-las como patrimônio cultural, a partir da identificação e documentação da pluralidade linguística nacional, por meio de mapeamento, caracterização de usos e diagnóstico de vitalidade linguística” (Iphan, 2016).

Para serem incluídas no INDL, as línguas — de imigração, indígenas, afro-brasileiras, crioulas e Línguas de Sinais — devem apresentar relevância para a memória e identidade dos grupos que as utilizam, funcionar como veículo de transmissão cultural e estar em uso no território nacional há pelo menos três gerações (GTDL, 2007 *apud* Quadros *et al.*, 2023, p. 106).

As Línguas de Sinais, embora historicamente invisibilizadas, têm sido cada vez mais reconhecidas. Segundo Quadros e Silva (2017), há cerca de 10 línguas de sinais em uso por comunidades indígenas brasileiras, especialmente em aldeias com povos originários surdos. Tais línguas estão presentes também em comunidades rurais e vilas isoladas.

Conforme Tukano (2023), a língua é parte constitutiva do ser humano, sendo simultaneamente memória e transformação. As palavras e os sinais recriam o mundo e conferem sentido aos seus usuários. Os povos originários compreendem a língua materna como a alma de seu povo. Em reconhecimento a essa importância, a Unesco instituiu o dia 21 de fevereiro como o Dia Internacional da Língua Materna, celebrando as mais de 6 mil línguas faladas e sinalizadas em todo o mundo.

Embora a Libras tenha sido oficialmente reconhecida em 2002 como a principal língua das comunidades surdas brasileiras, ainda persiste o preconceito de que as línguas de sinais se restringem a gestos ou mímicas. No entanto, tanto as línguas orais quanto as de sinais são marcadores identitários de seus povos e comunidades.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, consolidando o Inventário Nacional de Referências Culturais. Em 2004, políticas mais estruturadas de

salvaguarda permitiram ao Iphan fortalecer o reconhecimento do patrimônio imaterial, incluindo o INDL.

De acordo com Quadros *et al.* (2018, p. 11), o INDL contempla línguas de povos originários, de imigração, de comunidades isoladas, crioulas, quilombolas remanescentes, bem como três línguas de sinais: Urubu-Ka’apor, Libras e Cena. Dentre essas, as duas primeiras têm sido mais estudadas, enquanto a Língua de Sinais Cena, embora recente, vem sendo objeto de registro e pesquisa específica, conforme sua localidade e seus falantes.

O INDL emerge da necessidade de preservação e promoção da diversidade linguística por meio de políticas públicas culturais que assegurem o reconhecimento das línguas não-portuguesas faladas no país. Trata-se de uma ferramenta de gestão cultural conduzida pelo Ministério da Cultura, com apoio do Iphan, e em articulação com os Ministérios da Educação, Justiça, Ciência e Tecnologia, e Planejamento, Orçamento e Gestão, conforme estabelecido no Decreto nº 7.387 (Brasil, 2010).

Esse decreto prevê que as línguas orais e de sinais utilizadas por grupos minoritários no Brasil sejam incluídas no INDL e reconhecidas como “Referência Cultural Brasileira” pelo Ministério da Cultura (Brasil, 2010).

As línguas inventariadas contribuirão para o desenvolvimento de políticas públicas, ações de valorização e reconhecimento sociolinguístico. Nesse sentido, o INDL também colabora com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao fornecer subsídios para o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa que permitam identificar as línguas faladas nos lares brasileiros, contribuindo para a elaboração de um Censo Linguístico Nacional.

Dentre os objetivos do INDL, destacam-se: “mapear, caracterizar, diagnosticar e dar visibilidade às diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira” (Brasil, 2010). Esses objetivos possibilitam que as línguas sejam alvos de políticas patrimoniais que garantam sua valorização, continuidade histórica e transmissão intergeracional, promovendo não apenas a preservação da memória coletiva, mas também o fortalecimento da identidade cultural dos grupos sociais.

A busca pelo reconhecimento das comunidades linguísticas no Brasil não é recente. As discussões sobre as línguas faladas por grupos não-portugueses e usuários de Línguas de Sinais vêm sendo articuladas por representantes das próprias comunidades e por pesquisadores comprometidos com a diversidade cultural. No caso do INDL, adota-se como marco temporal o ano de 2006, data de constituição do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL).

Ainda que recente, essa data simboliza um avanço nas políticas de reconhecimento das línguas faladas no Brasil, refletindo as reivindicações históricas de povos e comunidades linguísticas que lutam por visibilidade e valorização:

Essa nova e importante política de reconhecimento e salvaguarda das línguas faladas no Brasil é resultado das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), constituído em 2006 por representantes dos Ministérios acima mencionados e da sociedade civil (Instituto de Desenvolvimento em Política Linguística – IPOL), da comunidade acadêmica (Universidade de Brasília – UnB) e da UNESCO" (Brasil, 2010).

Como forma de apresentar as ações desenvolvidas pelo Brasil a partir da criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído em 2006, destacam-se, a seguir, os projetos-piloto realizados e seus respectivos proponentes, selecionados por meio de editais públicos, conforme demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 – Projetos-piloto com línguas de diferentes categorias e em distintas situações sociolinguísticas

Projeto	Proponente
Levantamento Sociolinguístico e Documentação da Língua e das Tradições Culturais das Comunidades Indígenas Nahukwa e Matipu do Alto-Xingu	Museu Nacional/UFRJ – Bruna Franchetto
INDL – Inventário da Língua Guarani-Mbyá	Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL)
INDL – Inventário da Língua Ayuru	Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)
A Língua Asuriní do Tocantins: Projeto-piloto para a Metodologia Geral do INDL	Universidade de Brasília (UnB) / Laboratório de Línguas Indígenas (LALI)
A Libras no Nordeste: Levantamento Linguístico das Variantes Usadas nas Comunidades de Surdos de João Pessoa/PB e Recife/PE	LAFE/UFPB e UNICAP
Para um Inventário da Língua Juruna	UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
Inventário da Diversidade Cultural da Imigração Italiana: o <i>Italian</i> e a culinária	Universidade de Caxias do Sul e Instituto Vêneto

Fonte: Iphan (2010).

O desenvolvimento desses projetos-piloto contribuiu para a consolidação do INDL como um instrumento institucionalizado e legitimado, fortalecendo as políticas linguísticas no país. Sua implantação representou um marco na articulação entre os Ministérios e demais setores da sociedade civil que compõem o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL). A partir dessas ações, foi possível incluir, pela primeira vez, as línguas orais e de sinais — historicamente invisibilizadas — no Censo Demográfico de 2010 (Iphan, 2010, p. 1).

Entretanto, até 2016, apenas as línguas faladas pelos povos originários estavam plenamente representadas nos dados censitários. Já o Censo de 2022 ampliou esse escopo, trazendo um conjunto de informações sobre os territórios, distribuição geográfica e demarcações das terras indígenas, além de aspectos socioculturais relevantes relacionados à presença e vitalidade dessas línguas (Brasil, 2020).

Recentemente, em 4 de agosto de 2023, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados da pesquisa relativa aos povos originários, conforme trecho a seguir:

[...] O IBGE divulgará, às 10 horas do dia 26 de julho, no evento *Brasil Quilombola: Quantos somos, onde estamos?*, os primeiros resultados do Censo Demográfico 2022 para a população quilombola, apresentando um conjunto inédito de informações básicas sobre os totais de pessoas quilombolas residentes no País, em diferentes níveis geográficos e recortes territoriais. Devido à magnitude da pesquisa, os resultados permitirão a exploração dessas informações nos seguintes níveis geográficos: Grandes Regiões, Unidades da Federação, Municípios e Territórios Quilombolas oficialmente delimitados (IBGE, 2023).

A oficialização do INDL se mostra essencial, pois viabiliza a coleta e sistematização de informações fundamentais sobre as comunidades linguísticas que não têm o português como língua materna. Essas informações subsidiam políticas públicas voltadas à valorização e proteção dessas línguas, promovendo seu estudo, documentação e inclusão nos registros oficiais.

Um dos desdobramentos mais relevantes do INDL foi a criação de um inventário específico para as Línguas de Sinais: o Inventário Nacional da Libras (INDLibras). Este documento visa mapear, registrar e salvaguardar as variantes regionais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), contribuindo para sua preservação e reconhecimento.

O reconhecimento institucional do INDL implica a necessidade de criação de um sistema informatizado de documentação linguística, mantido e atualizado pelo Ministério da Cultura ou pela pasta à qual o Iphan estiver vinculado. Tal sistema deverá viabilizar o mapeamento das línguas, a caracterização de seus usos e a análise de sua vitalidade em contextos diversos, em consonância com a pluralidade linguística brasileira.

A inclusão das línguas orais — como as crioulas, indígenas, de imigração — e das Línguas de Sinais no INDL representa um avanço significativo no reconhecimento de práticas linguísticas historicamente marginalizadas. Ao promover seu registro e institucionalização, o

Brasil dá um passo importante na preservação de sua diversidade cultural e na garantia dos direitos linguísticos dos povos que compõem sua população.

1.2 Inventário Nacional da Libras

O Inventário Nacional da Libras (INDLibras) é parte integrante do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), tendo sido criado com o objetivo de registrar a Língua Brasileira de Sinais, de natureza visuoespacial — percebida pelos olhos e produzida pelas mãos —, utilizada pelas comunidades surdas brasileiras em contextos urbanos. Além disso, o inventário busca mapear, documentar e salvaguardar as variações regionais da Libras.

Espera-se que o INDLibras venha a contemplar também outras línguas de sinais historicamente invisibilizadas, como é o caso da Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), utilizada por comunidades indígenas localizadas no norte do Maranhão. Nessa região, tanto indígenas surdos quanto ouvintes fazem uso da LSKB em suas interações cotidianas. Outra língua minoritária identificada é a chamada Cena, utilizada em Várzea Queimada, no sertão do Piauí, por uma comunidade agrícola composta por surdos e ouvintes. Dessa forma, almeja-se que o INDLibras contemple outras línguas de sinais presentes em zonas rurais e vilas brasileiras (Quadros *et al.*, 2020).

O INDLibras deve ser compreendido como um instrumento vinculado ao Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), destinado a atender às especificidades semióticas, socioculturais e políticas das línguas faladas e sinalizadas no Brasil. Ele se articula a outros instrumentos complementares, como o Registro e o Inventário Nacional de Referências Culturais (Quadros *et al.*, 2020, p. 5458).

O PNPI enfatiza, como salienta Strobel (2015), os artefatos culturais dos povos surdos. A autora amplia a noção tradicional de artefato cultural, conforme exposto na citação a seguir:

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos está habituada a apelidar de ‘artefatos’ os objetos ou materiais produzidos pelos grupos sociais; de fato [...], mas não são só formas individuais de cultura material ou produtos definidos da mão de obra humana; também pode incluir o que não se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuários, maneiras pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas etc. (Strobel, 2015, p. 43).

Entre os principais elementos que compõem os artefatos culturais da comunidade surda, destacam-se: a experiência visual, o desenvolvimento linguístico, a vida familiar, a

literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, a política e os materiais culturais. Pesquisadores surdos e ouvintes reconhecem que esses elementos constituem aspectos únicos e valiosos da identidade surda.

Strobel (2015) argumenta que os artefatos culturais extrapolam a materialidade, abrangendo modos de ser, perceber, compreender e transformar o mundo, especialmente por meio da experiência visual e do uso da Libras. Esses traços são comuns à humanidade, mas assumem formas específicas entre surdos e ouvintes, o que confere aos artefatos surdos um caráter peculiar e significativo.

Historicamente, os estudos de documentação da Libras remontam às décadas de 1980 e 1990, quando a linguista Lucinda Ferreira Brito, professora da UFRJ, foi reconhecida como pioneira na pesquisa de uma língua de sinais indígena — a dos Ka'apor. Seu trabalho contou com a colaboração de pessoas surdas e teve forte embasamento técnico e científico. Brito buscou demonstrar que a língua dos Ka'apor apresentava características linguísticas autênticas, reforçando o reconhecimento da Libras como uma língua plena e legítima (Quadros *et al.*, 2020).

No Brasil, a Libras foi oficialmente reconhecida como a língua das comunidades surdas por meio da Lei nº 10.436/2002, sendo posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. O início dos anos 2000 representou um marco para os estudos científicos da Libras, com seu reconhecimento jurídico e institucional. Segundo Quadros *et al.* (2020), o período entre 2000 e 2010 foi decisivo para a consolidação das pesquisas sobre a língua de sinais no país.

A criação do INDLibras visa sistematizar informações sobre a Libras, registrar suas variantes regionais e construir um repositório de dados que possa ser utilizado pelas comunidades surdas, pela academia e por gestores públicos em contextos políticos, culturais, educacionais, linguísticos e científicos.

A promulgação das referidas legislações possibilitou a geração de instrumentos de documentação da Libras, entre os quais se destacam:

- a) PROLIBRAS: exame de proficiência que habilita surdos e ouvintes a atuarem no ensino e na interpretação da Libras, nos níveis médio e superior;
- b) Cursos de Letras-Libras, nas modalidades presencial e a distância, voltados à formação de professores e tradutores/intérpretes;
- c) Adaptação do ENEM para Libras, respondendo a demandas da comunidade surda;
- d) Formações continuadas, publicações científicas, dissertações e teses voltadas à educação de surdos e aos aspectos linguísticos da Libras.

Esses avanços contribuíram significativamente para o fortalecimento das políticas linguísticas e educacionais voltadas às comunidades surdas no Brasil.

A documentação linguística, nesse contexto, corresponde à coleta sistemática de dados sobre uma determinada língua, os quais servem de base para análises linguísticas, históricas, educacionais, culturais e literárias. Os dados podem ser organizados em bancos de dados linguísticos, como no caso da Libras, permitindo a análise de seus níveis linguísticos com base em gravações realizadas por tradutores e intérpretes em ambientes escolares e comunitários.

O livre acesso aos registros audiovisuais facilita a transcrição e análise dos dados por parte de pesquisadores, incentivando o aumento das investigações sobre as línguas de sinais no Brasil. Esse banco de dados colabora diretamente com a metodologia do INDLibras e respeita os aspectos culturais e linguísticos de cada região do país, conforme destaca Quadros *et al.* (2023, p. 108):

[...] o banco de dados de Libras conta, atualmente, com uma configuração metodológica cientificamente consistente e rigorosamente controlada, sempre respeitando os aspectos éticos conforme as orientações dos Comitês de Ética em Pesquisa. Tal metodologia tem sustentado o desenvolvimento do Inventário Nacional da Libras, contando com documentação nas seguintes regiões: Grande Florianópolis/SC (UFSC), Grande Maceió/AL (UFAL), Grande Fortaleza/CE (UFC), Grande Palmas/TO (UFT) e região de Rio Branco/AC (UFAC).

A metodologia aplicada nos projetos locais permite comparar sinais entre diferentes regiões, possibilitando análises sobre a variabilidade linguística da Libras em contextos distintos. Conforme Quadros (2016), os dados foram coletados por meio de procedimentos sistemáticos, que favorecem investigações sobre os fenômenos linguísticos da Libras enquanto língua de modalidade visuoespacial.

Além das metodologias de coleta e análise de dados, destaca-se o Portal da Libras, um instrumento digital de ampla acessibilidade que disponibiliza uma variedade de conteúdos visuais — como materiais didáticos, cursos, gramáticas e pesquisas — voltados ao ensino e à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. A plataforma é destinada tanto a iniciantes quanto a especialistas, constituindo-se como um recurso estratégico para a centralização e disseminação de informações sobre a Libras (Krusser *et al.*, 2020, *apud* Libras, 2020).

O desenvolvimento do Portal da Libras (Libras, 2020) envolveu pesquisadores de diversas instituições participantes do projeto, com destaque para as equipes especializadas em tecnologia, comunicação multimídia e design da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). O IFSC, por meio dos cursos técnicos

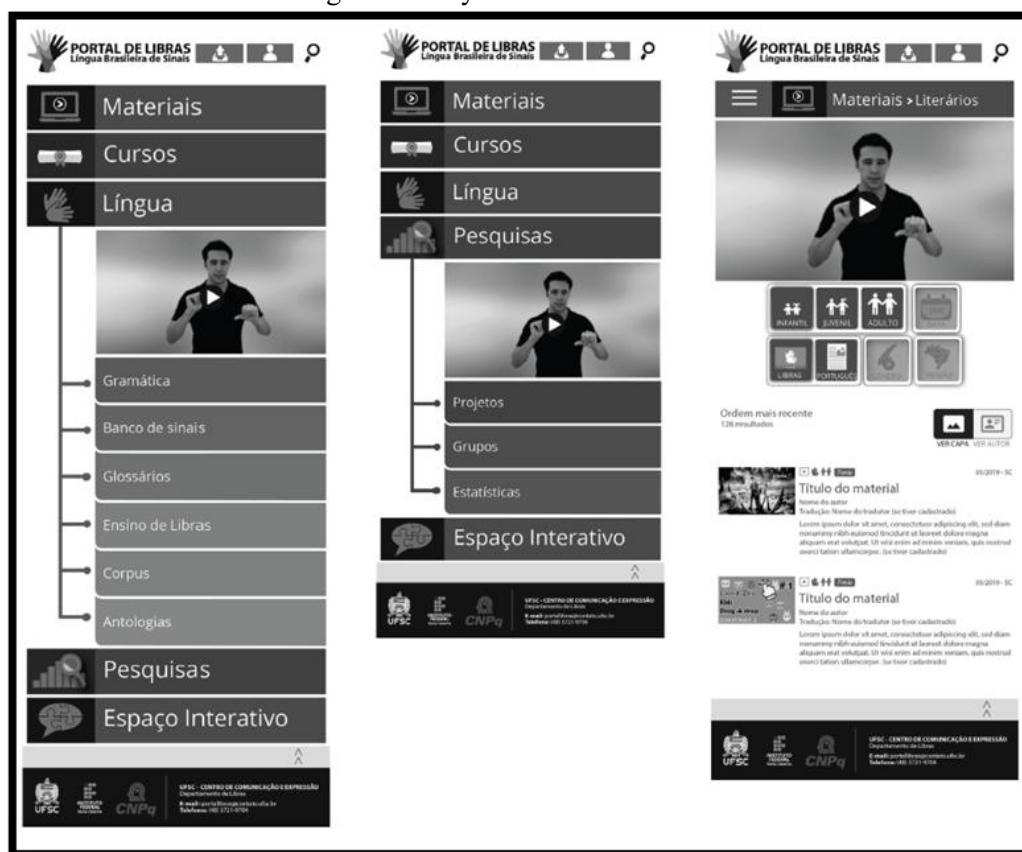
em Comunicação Visual e da graduação em Tecnologia em Produção Multimídia, contribuiu com pesquisadores das áreas de design, computação gráfica e tradução audiovisual aplicadas à educação bilíngue para surdos. Já a UFSC colaborou com especialistas em tecnologias voltadas à acessibilidade web e à educação bilíngue.

Essa composição multidisciplinar possibilitou a concepção de interfaces digitais multilíngues, didáticas e acessíveis, atendendo aos princípios de acessibilidade comunicacional e cultural necessários ao público-alvo. Assim, o Portal da Libras foi concebido não apenas como um repositório informacional, mas também como um espaço de valorização da identidade visual da cultura surda, respeitando as formas de orientação visual características dessa comunidade. Um dos princípios fundamentais adotados foi o da acessibilidade linguística, garantida pela presença de conteúdos em Libras (sinalizados em vídeo) e em português escrito.

Nesse contexto metodológico e tecnológico específico, a plataforma foi projetada para atender tanto pessoas surdas quanto ouvintes interessadas na Libras, oferecendo um ambiente de referência que reúne dados, registros e materiais de apoio à aprendizagem e à pesquisa sobre a língua.

Quanto ao layout das páginas do Portal da Libras, Krusser *et al.* (2020) descrevem os principais componentes da ferramenta, como a página inicial (home), menus interativos e seção de materiais literários, os quais podem ser filtrados por categorias como público-alvo (infantil, juvenil ou adulto), data, região, gênero literário e idioma (Libras e português). A visualização dos conteúdos pode ser feita por meio de listas de títulos e capas dos materiais.

Dessa forma, o portal foi idealizado para que pessoas surdas pudessem navegar intuitivamente utilizando sua língua natural, a Libras, a qual orienta todo o conteúdo e o layout da plataforma. Para usuários não-surdos, especialmente os que estão em processo de aquisição da Libras, o portal também oferece uma navegação facilitada, consolidando-se como um espaço acessível de aprendizado, formação e pesquisa.

Figura 1 – Layout do Portal de Libras¹

Fonte: Quadros *et al.*, (2023, p. 63)

Como se pode observar, os pesquisadores e as instituições envolvidas no desenvolvimento do Portal da Libras lograram êxito na criação de uma plataforma bilíngue que contempla tanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras) quanto a língua portuguesa, por meio de espaços interativos e acessíveis. Essa iniciativa baseia-se em uma documentação robusta e rica em dados linguísticos sobre a Libras.

Destaca-se, nesse contexto, o papel fundamental da tecnologia na consolidação de uma ferramenta voltada à constituição de um corpus da Libras. Um dos recursos presentes na plataforma é a aba intitulada "*Antologia Literária em Libras*", inserida na seção "Língua". Essa antologia reúne diversos gêneros textuais, como poemas, histórias, narrativas e biografias — todos produzidos originalmente em Libras. O objetivo central da "Antologia Literária em Libras" é permitir que essas obras sejam acessadas, analisadas e utilizadas como fonte de estudo em diferentes contextos acadêmicos, educacionais e culturais.

Considerando a natureza visual da Libras, a plataforma foi cuidadosamente estruturada para apresentar informações tanto em Libras quanto em português escrito, de modo a garantir

¹ As imagens se encontram em preto e branco devido o portal não abrir os vídeos, onde mostra a pessoa sinalizadora.

a acessibilidade e a inclusão de usuários surdos e ouvintes. Essa abordagem linguística e tecnológica favorece a ampla difusão e utilização dos materiais ali disponíveis.

Como exemplo da divulgação dessa iniciativa, apresenta-se a seguir uma captura de tela (print) da conta da professora Dra. Ronice Quadros na rede social Instagram, intitulada *Minuto Libras*. Nessa publicação, a pesquisadora aborda de forma didática e sinalizada o funcionamento da *Antologia Literária em Libras*, destacando como essa ferramenta contribui significativamente para os estudos e a documentação da Língua Brasileira de Sinais.

A página de Ronice Quadros no Instagram conta com aproximadamente 17,6 mil seguidores, entre os quais se encontram pesquisadores surdos e ouvintes, além de estudantes iniciantes da área em diferentes regiões do país. A partir de suas postagens, informações relevantes sobre a documentação da Libras têm sido amplamente disseminadas, ampliando o alcance e a visibilidade do Portal da Libras. Tal divulgação tem promovido o interesse de educadores, pesquisadores e demais interessados — surdos e ouvintes —, fomentando o uso e a valorização da Libras no Brasil.

Dentre as diversas publicações realizadas, destaca-se o vídeo sobre a aba *Antologia Literária em Libras*, no qual a professora Ronice Quadros, com o apoio de uma intérprete de Libras-Português, apresenta um panorama geral da proposta, reforçando a importância da plataforma como instrumento de documentação e pesquisa. Para acesso direto à aba mencionada, recomenda-se a consulta ao seguinte link: <https://portal-libras.org/lingua/antologia-literatura-e-libras>.

Figura 2 – Antologia Literária em Libras



Fonte: @ronicequadros – Instagram (2023).

O Corpus Libras constitui uma fonte essencial para a elaboração da gramática da Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de integrar o Inventário Nacional da Libras (INDLibras). Como parte dessa iniciativa, diversos projetos de documentação da Libras e de suas variantes regionais foram conduzidos por pesquisadores — surdos e ouvintes — vinculados a instituições de ensino superior em diferentes regiões do país. Para garantir a padronização e a consistência dos dados, os Inventários seguiram uma metodologia comum, com adaptações pontuais de acordo com os contextos locais, conforme já mencionado anteriormente.

Essa metodologia foi aplicada nos projetos de Inventários da Libras, já concluídos ou em andamento, com o objetivo de garantir a construção de um corpus linguístico heterogêneo e representativo, que contemple as variações regionais e sociais da Libras. Conforme explicam Quadros *et al.* (2020), a metodologia adotada permite a interação entre pares surdos, com a definição de grupos organizados por faixa etária e gênero. Com o intuito de uniformizar os procedimentos metodológicos entre os diferentes pesquisadores envolvidos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) promoveu uma formação teórica e prática, que abrangeu todas as etapas do processo de construção do corpus: coleta, arquivamento e transcrição dos dados.

A documentação para o INDLibras seguiu um protocolo metodológico rigorosamente controlado, com respaldo científico e em conformidade com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (Quadros *et al.*, 2023).

A formação especializada destinada aos pesquisadores foi direcionada a aspectos como edição, orientação e manipulação tecnológica, a fim de que os professores-pesquisadores e os pesquisadores surdos pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos na prática, especialmente no momento das gravações. As etapas do projeto foram organizadas da seguinte forma:

Participação dos professores-pesquisadores surdos e ouvintes:

- a) Um professor-pesquisador vinculado à instituição de ensino superior participante do projeto;
- b) Um pesquisador local surdo, reconhecido como liderança da comunidade surda local;
- c) Um total de 36 surdos residentes nas regiões selecionadas (onde as universidades estão localizadas), organizados em duplas — resultando em 18 entrevistas (Quadros *et al.*, 2020).

A equipe de coleta de dados foi estruturada em dois grupos com atribuições distintas. O primeiro grupo era composto pelo pesquisador surdo local, enquanto o segundo grupo era formado pelos participantes surdos da comunidade local, com as seguintes características:

Critérios para seleção do pesquisador surdo:

- a) Ser natural da capital ou residir e conviver com a comunidade surda local há, no mínimo, 10 anos;
- b) Ser comunicativo e articulado (preferencialmente com formação acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação);
- c) Possuir conhecimentos básicos em tecnologia e acesso regular a computador e internet.

Critérios para seleção dos participantes surdos:

- a) Ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos) ou possuir, no mínimo, 7 anos de exposição à língua, com proficiência reconhecida pela comunidade;
- b) Formar duplas compostas por pessoas com vínculo próximo (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária;
- c) Representar três gerações distintas: jovens (até 30 anos), adultos (entre 30 e 60 anos) e idosos (acima de 60 anos), contemplando homens e mulheres;
- d) Apresentar diferentes níveis de escolarização (ensino fundamental, médio e superior) (Quadros *et al.*, 2020).

Quanto à organização dos grupos por faixa etária e gênero, para a execução das gravações, os 36 participantes surdos foram organizados em 18 duplas, distribuídas de acordo com critérios de gênero e faixa etária. A estrutura ficou definida da seguinte maneira:

Quadro 2 – Informantes das atividades do Projeto Inventário da Libras

Grupo	Faixa etária	Duplas de homens	Duplas de mulheres
1	17-29 anos	3	3
2	30-49 anos	3	3
3	50 + anos	3	

Fonte: Quadros *et al.* (2020).

Os dados foram gravados em vídeo, armazenados e nomeados segundo um padrão específico, definido para cada localidade (estado) onde os projetos foram realizados ou estão em andamento. O modelo de nomenclatura dos arquivos segue a seguinte estrutura:

Sigla da cidade – Grupo – Dupla – Tipo de atividade – Vídeo. Exemplo: FLN_G1_D1_1entrevista_vídeo1.

Caso a atividade tenha um tema específico, o padrão de nomenclatura é ampliado:

Sigla da cidade – Grupo – Dupla – Tipo de atividade – Tema – Vídeo. Exemplo: FLN_G1_D1_1Conversação_AssociaçãoSurdos_Vídeo1.

Esse modelo é aplicado a todas as etapas da coleta, em cada uma das quatro gravações realizadas por dupla.

Com relação às gravações realizadas no âmbito do Inventário Nacional da Libras, foram montados estúdios específicos, estruturados de acordo com os padrões estabelecidos pelo projeto matriz.

Figura 3 – Perspectivas das quatro câmeras



Fonte: Inventário de Libras de Rio Braco, Acre (2023).

A disposição e o uso de quatro câmeras em ângulos distintos foram fundamentais para garantir a qualidade e a completude da captação dos dados linguísticos. As perspectivas contempladas foram as seguintes:

1. visão frontal do participante;
2. visão a partir da perspectiva do pesquisador surdo;
3. visão a partir da perspectiva do informante surdo;
4. visão superior (plano aéreo).

A adoção desse modelo de filmagem permitiu não apenas a captura detalhada dos sinais e expressões faciais, mas também a coleta de metadados essenciais à salvaguarda, catalogação e posterior análise dos registros. Após a captação, os dados foram arquivados de

forma sistematizada e submetidos ao processo de transcrição por meio da ferramenta ELAN (Eudico Linguistic Annotator).

O ELAN é um *software* amplamente utilizado em pesquisas linguísticas que envolvem línguas de sinais. Ele possibilita a criação, edição, visualização e busca de anotações diretamente em vídeos, sendo uma ferramenta central para a análise do corpus audiovisual. Para o Inventário Nacional da Libras, foram definidos seis momentos distintos para a transcrição básica no ELAN, conforme descrito por Quadros *et al.* (2023):

1. Glosagem dos sinais manuais realizados com a mão direita;
2. Glosagem dos sinais manuais realizados com a mão esquerda, ambas integradas ao Identificador de Sinais;
3. Tradução dos enunciados para a língua portuguesa;
4. Tradução das glosas da mão direita para a língua inglesa;
5. Tradução das glosas da mão esquerda para a língua inglesa;
6. Tradução dos enunciados do português para o inglês.

Esse processo metodológico garante a documentação linguística multilíngue da Libras, com registros acessíveis em português e inglês, além de possibilitar análises precisas dos aspectos linguísticos e discursivos da língua de sinais. A padronização da transcrição no ELAN contribui, ainda, para a formação de um corpus robusto, confiável e interoperável, fundamental para pesquisas futuras e ações de preservação da diversidade linguística brasileira.

1.3 Inventários de Libras (projetos de Florianópolis, Maceió, Fortaleza, Palmas)

Nesta seção, apresentaremos informações gerais sobre os Inventários de Libras de Florianópolis (SC), Maceió (AL), Palmas (TO) e Fortaleza (CE).

Em 2014, teve início o projeto matriz do Inventário de Libras da Grande Florianópolis (SC), com financiamento do CNPq (Processos 234255/2013-7, 303725/2013-3, 471355/2013-5). Concluído em 2017, esse projeto passou a integrar o Inventário Nacional de Libras (INDLibras), vinculado ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto nº 7.387/10, como instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção das línguas faladas no Brasil (Brasil, 2010).

A motivação para o arquivamento, mapeamento de dados e registro da língua de sinais como parte integrante do INDLibras baseia-se em estudos como os de Nonaka (2004), que abordou a vitalidade das línguas de sinais no mundo; Leite e Quadros (2014), Quadros e Silva (2017), que discutiram o risco de desaparecimento de línguas de sinais devido ao tamanho

reduzido das comunidades surdas; e Quadros (2019), que destacou a extensão da Libras, considerando que sua transmissão não ocorre necessariamente de pais surdos para filhos surdos, podendo resultar na não aquisição da língua natural pelas crianças surdas.

No mesmo período, os professores Jair Barbosa da Silva e Humberto Meira de Araújo Neto, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), realizaram uma visita técnica à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para conhecer a implantação do Curso de Letras: Libras e aprofundar-se no Inventário Nacional de Libras. Em reunião com a professora Dra. Ronice Quadros, assumiram o compromisso de replicar o projeto em Maceió (AL), situada na Região Nordeste (Quadros *et al.*, 2023).

Ao retornarem à UFAL, os professores submeteram o projeto Inventário de Libras da Região de Maceió, aprovado pelo CNPq (Processo 460589/2014-8). Após trâmites burocráticos, as atividades de coleta de dados, gravações e armazenamento iniciaram em 2015, com recursos financeiros liberados dois anos após a aprovação. Nos anos seguintes, houve o ingresso de novos bolsistas, acelerando a conclusão do projeto em 2018. De acordo com Quadros *et al.* (2020), os dados do Inventário de Libras de Maceió impactaram positivamente a pesquisa sobre a Libras, estando disponíveis no servidor da UFSC e no site do Córpus de Libras (2022).

No primeiro semestre de 2018, iniciaram as atividades do Inventário de Libras da Região de Fortaleza (CE), com orientações, planejamento das atividades e formação da equipe. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) na Plataforma Brasil da UFSC. Em 2019, foi disponibilizado um espaço para filmagens e arquivamento dos dados, com equipamentos e documentação cedidos pela UFSC e apoio financeiro do CNPq (Processo nº 44033/2017-8) (Quadros *et al.*, 2020).

Destaca-se que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi adaptado da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira, com foco na variação local da Região de Fortaleza, respeitando as peculiaridades linguísticas e culturais da comunidade surda cearense. Esse respeito às variações linguísticas contribuiu para o avanço das entrevistas, refletindo nas gravações e no armazenamento dos dados para posterior transcrição.

O Projeto do Inventário de Libras de Fortaleza teve suas atividades interrompidas devido à pandemia de COVID-19, permanecendo em processo de execução (Quadros *et al.*, 2023, p. 123).

Conforme Quadros *et al.* (2023, p. 125), o projeto de Libras está situado na cidade de Porto Nacional, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), vinculado ao Curso de Letras Libras. Em 2018, o Inventário da Libras da Região de Palmas (TO) iniciou suas atividades após

submissão e aprovação do projeto no CEP, com a primeira formação/treinamento da equipe de Tocantins na UFSC, juntamente com pesquisadores da UFAL, UFC e INES.

A participação de outros pesquisadores nesse treinamento contribuiu para aprimoramento técnico-metodológico, permitindo discussões, esclarecimento de dúvidas e elaboração de documentações necessárias, como o TCLE, adequados aos informantes, organização e armazenamento dos dados, seleção dos informantes seguindo metodologia adequada e transcrições dos dados, visando disponibilizar os resultados para pesquisadores surdos e não surdos, focados no contexto educacional ou em outros âmbitos relacionados à documentação do *Cópus de Libras* (Quadros *et al.*, 2023).

Os surdos tocantinenses envolvidos no projeto são bem articulados com a comunidade surda local, favorecendo a seleção de informantes para gravações, entrevistas, coleta e armazenamento dos dados, transcrições e disponibilização do material no acervo da UFSC vinculado à UFT. Esse acervo servirá como um rico repositório de *Cópus de Libras* para pesquisadores surdos e não surdos, que poderão acessar os dados para elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses, entre outros. Vale destacar que o projeto *Inventário de Libras de Palmas (TO)* encontra-se em fase final de arquivamento de dados e transcrição (Quadros *et al.*, 2023).

1.4 Inventário de Libras de Rio Branco (AC)

De acordo com Quadros e Sousa (2021), o projeto do *Inventário da Língua Brasileira de Sinais* (Libras) no estado do Acre tem como principais objetivos: (a) constituir um corpus linguístico representativo da Libras, que reflita as especificidades linguísticas e socioculturais dos surdos da região de Rio Branco; e (b) valorizar social, intelectual e culturalmente a comunidade surda rio-branquense. Além disso, busca-se a consolidação de um acervo empírico-metodológico robusto, acessível a pesquisadores e profissionais que atuam junto à comunidade surda, promovendo a democratização do conhecimento linguístico e científico.

Figura 4 – Professores e surdos pesquisadores do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre



Fonte: Quadros *et al.*, (2023, p. 127).

A equipe do projeto é composta por pesquisadores surdos e ouvintes, que atuam de forma colaborativa em todas as etapas da pesquisa. Para a seleção dos informantes surdos que participariam das gravações e da composição do corpus, foram estabelecidos critérios rigorosos de inclusão e exclusão, com base nas diretrizes do projeto matriz. Tais critérios visam garantir que os dados coletados sejam linguisticamente representativos da comunidade surda local. Os participantes deveriam atender aos seguintes requisitos:

1. Ser natural do estado do Acre ou residir na região há, no mínimo, 10 anos;
2. Ter adquirido a Língua Brasileira de Sinais até os 7 anos de idade, ou estar imerso na língua há pelo menos sete anos, ou ainda demonstrar proficiência reconhecida pela comunidade surda local;
3. Formar duplas compostas por pessoas com laços íntimos — como amizade ou parentesco — e preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária;
4. Compor grupos etários diversificados, distribuídos em três faixas: jovens (até 29 anos), adultos (entre 30 e 49 anos) e idosos (a partir de 50 anos);
5. Incluir tanto homens quanto mulheres;
6. Possuir diferentes níveis de escolaridade, abrangendo desde o ensino fundamental até o ensino superior (Sousa, 2021, p. 18–19).

A participação dos informantes surdos foi condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual concordaram plenamente com o uso e a divulgação de sua imagem, nos termos definidos pela pesquisa (Sousa, 2021).

O projeto *Inventário da Libras da Região de Rio Branco* visa contemplar os aspectos linguísticos, socioculturais e políticos relacionados à Libras, com vistas a alcançar os seguintes resultados:

- a) Criação de um corpus representativo da Libras utilizada na cidade de Rio Branco/AC;
- b) Elaboração de diretrizes metodológicas para o registro e arquivamento sistemático de dados e metadados;
- c) Desenvolvimento de uma plataforma digital de acesso público para consulta aos dados e metadados do inventário;
- d) Estruturação de um formulário padronizado com campos específicos para sistematização dos resultados da pesquisa;
- e) Incentivo à produção científica, por meio da publicação de artigos, monografias, dissertações e teses oriundas das atividades do projeto e de sua utilização como fonte de pesquisa por estudantes de graduação e pós-graduação (Sousa, 2021, p. 29).

A criação de um inventário linguístico na cidade de Rio Branco representa um avanço significativo para o reconhecimento da Libras enquanto língua minoritária de prestígio, além de fortalecer a identidade linguística dos surdos acreanos. O projeto contribui diretamente para dar visibilidade à diversidade linguística presente na região Norte do Brasil, integrando o mapeamento nacional da Libras em suas diversas variantes regionais.

A metodologia aplicada neste projeto segue os princípios do projeto matriz — o *Inventário Nacional da Libras* (INDLibras), implementado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa metodologia tem sido replicada em diversos estados, como Alagoas (Maceió), Tocantins (Palmas), Ceará (Fortaleza), entre outros. Assim, o modelo metodológico do Inventário de Libras de Florianópolis (SC), por sua consistência e eficiência, passou a servir como referência para o desenvolvimento de inventários locais, inclusive o do Acre.

Portanto, o Inventário de Libras da Região de Rio Branco adota uma metodologia consolidada, reconhecida por sua coesão e adequação científica, permitindo a coleta e organização de dados linguísticos de forma padronizada. O presente estudo utiliza o banco de dados proveniente desse inventário como corpus principal de análise, a partir do qual será conduzida a investigação linguística proposta (Quadros *et al.*, 2023).

CAPÍTULO II

ASPECTOS DESCRITIVOS DA LIBRAS

Neste capítulo, abordaremos os níveis linguísticos fonético-fonológico e morfológico da Língua Brasileira de Sinais (Libras), os quais são fundamentais para a análise dos recursos expressivos característicos dessa língua visual-espacial.

2.1 Fonética e Fonologia da Língua Brasileira de Sinais

A Libras, assim como outras línguas naturais, apresenta todos os níveis de análise linguística: fonética e fonologia, morfossintaxe, semântica, pragmática, discurso/texto, léxico e, conforme a concepção de Bally (1951), também a estilística, compreendida como a linguagem em uso cotidiano — foco desta pesquisa.

No que se refere à fonologia das línguas de sinais, destaca-se a contribuição seminal de William Stokoe (1960), que propôs o primeiro modelo fonológico para a *American Sign Language* (ASL), introduzindo unidades mínimas de sinalização conhecidas como *parâmetros*. Sua proposta impulsionou os estudos fonológicos em línguas sinalizadas, possibilitando a adaptação desse modelo à Libras. Entre os principais parâmetros fonético-fonológicos descritos na Libras, destacam-se os articuladores manuais:

- a. Configuração de mão (CM): as formas das mãos;
- b. Ponto de articulação ou locação (Loc): o local onde o sinal é produzido;
- c. Movimento (Mov): os deslocamentos das mãos.

Xavier (2006), com base nos estudos de Battison (2000 [1978a]), acrescenta um quarto parâmetro: orientação da palma da mão, que se refere à direção que as palmas assumem durante a sinalização.

Além dos articuladores manuais, há também os articuladores não manuais, denominados expressões não manuais (ENMs), que incluem:

- a. Movimento das sobrancelhas, olhos, bochechas e boca;
- b. Movimento dos ombros;
- c. Postura e movimento do tronco (Baker, 1983 *apud* Quadros, 2004).

Tais elementos desempenham papel crucial na modulação expressiva da Libras, contribuindo para a construção de sentido e para a transmissão de emoções e intensidades comunicativas.

Os estudos fonológicos tanto no Brasil quanto em nível internacional reconhecem que os traços fonológicos das línguas sinalizadas devem ser tratados com os mesmos critérios teóricos das línguas orais. Pesquisadores como Xavier (2006), amparado em autores como Battison (1978), Klima e Bellugi (1979), Liddell (1984) e Liddell e Johnson (2000 [1989]), defendem o uso dos termos "fonema" e "fonologia" no contexto das línguas de sinais. Essa equiparação terminológica é produtiva, pois permite a aplicação de conceitos linguísticos universais, facilitando o diálogo teórico entre diferentes modalidades linguísticas.

É importante destacar que as expressões não manuais (ENMs) não apenas complementam os sinais manuais, mas também atuam como elementos semióticos essenciais que conferem nuances pragmáticas e afetivas à mensagem, como expressões emocionais e intensificações semânticas.

Segundo Quadros (2004), a fonética das línguas de sinais tem como foco a análise da produção e da percepção dos sinais com base em suas propriedades físicas graduais. Já a fonologia investiga essas manifestações físicas a partir de uma perspectiva mental e representacional, identificando elementos contrastivos — ou seja, traços distintivos responsáveis por diferenciar pares mínimos de sinais com significados distintos.

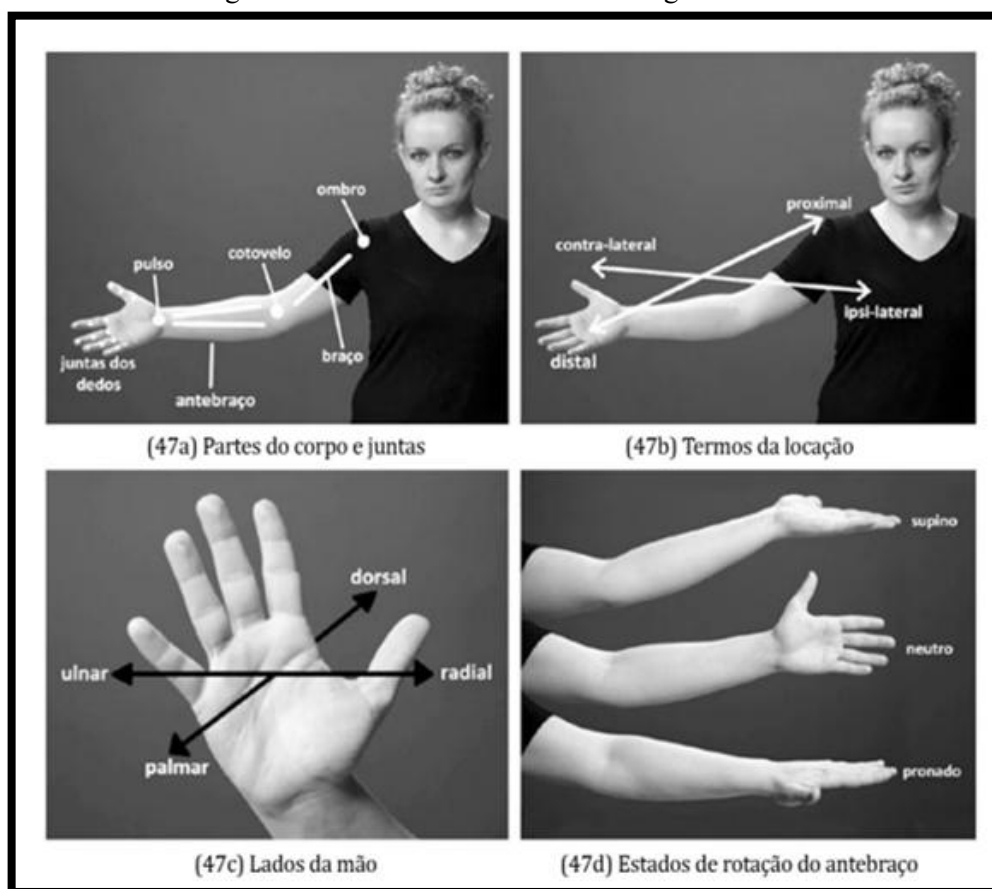
Crasborn (2012) amplia a compreensão da fonética articulatória nas línguas de sinais ao incluir não apenas os articuladores fisiológicos, mas também situacionais. O autor identifica os seguintes componentes fonético-articulatórios:

- a) Partes do corpo e articulações;
- b) Locação do sinal no espaço;
- c) Lados da mão utilizados;
- d) Estados de rotação do antebraço.

A análise realizada por Crasborn envolve o estudo dos músculos das mãos, dos braços e de outras partes do corpo, destacando que a descrição fonética precisa requer uma observação refinada das tensões musculares e articulações envolvidas no ato de sinalizar. Tal complexidade demonstra que a fonética articulatória da Libras vai além da simples observação visual, demandando formação técnica específica.

Para ilustrar essas observações, o autor apresenta representações gráficas da fonética articulatória das línguas de sinais, incluindo a Libras, o que contribui para uma compreensão mais precisa das articulações envolvidas no uso da língua.

Figura 5 – Fonética articulatória das línguas de sinais



Fonte: Quadros (2019, p. 60).

A partir da proposta de fonética articulatória para as línguas de sinais apresentada por Crasborn (2012), os métodos de análise tornaram-se mais refinados e sistemáticos. Por esse motivo, o pesquisador deve conduzir sua análise de maneira minuciosa, atentando-se cuidadosamente aos músculos e tensões envolvidos nas articulações corporais, à locação dos sinais no espaço, aos lados da mão utilizados e à rotação do antebraço, descrevendo cada um desses aspectos de forma separada.

Crasborn (2012), ao abordar a fonética das línguas de sinais, evidencia a importância dos aspectos fonéticos envolvidos na produção dos fonemas articulatórios, os quais se combinam para formar unidades significativas na linguagem sinalizada. Os sinais são construídos por meio de articulações coordenadas, denominadas *parâmetros* da Libras. Em determinados contextos, esses parâmetros podem ser comparáveis a fonemas; em outros, apresentam comportamento semelhante ao de morfemas nas línguas orais.

Os estudos sobre a fonética e a fonologia da Libras ainda são relativamente recentes, sobretudo quando comparados ao extenso corpo de pesquisas acumulado ao longo de mais de um século sobre as línguas orais. Essa diferença histórica e metodológica exige que se

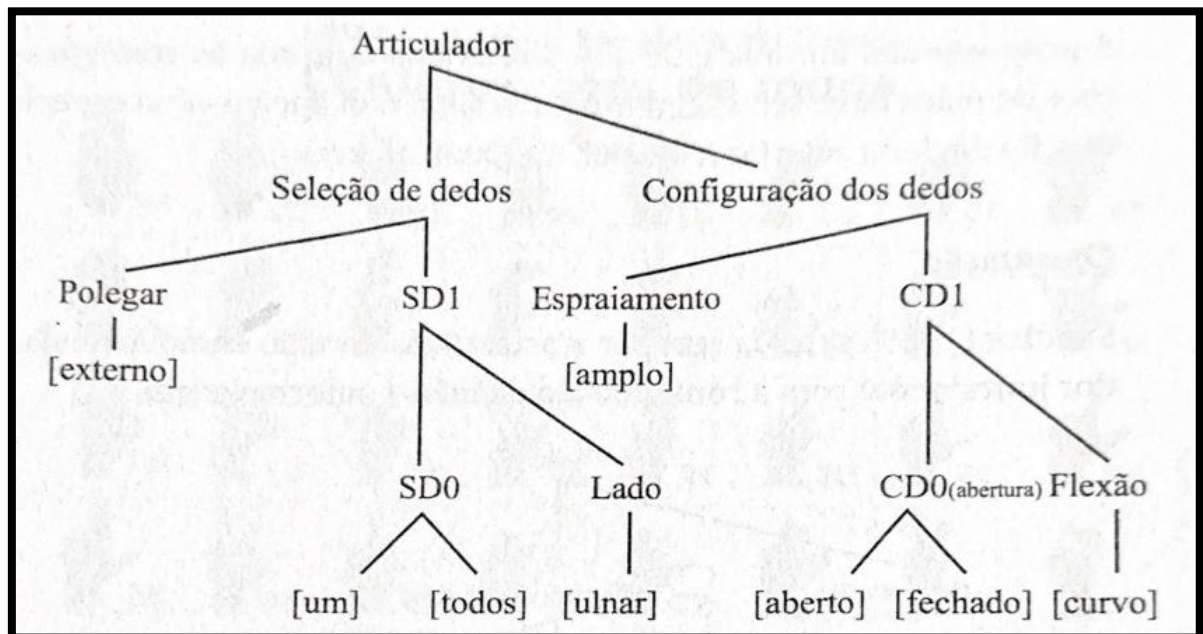
reconheçam as especificidades da Libras enquanto língua de modalidade visual-espacial, cuja percepção e produção envolvem uma estrutura fonológica centrada tanto em articuladores manuais (mãos, dedos, braços e tronco) quanto em articuladores não manuais (movimentos de cabeça, olhos, boca, sobrancelhas, bochechas e outros elementos do corpo), todos fundamentais para a construção de significado (Quadros, 2019).

Nesse contexto, Quadros (2019) apresenta categorias fonológicas da Libras que incluem: o grupo das configurações de mão (CM), a tabela de seleção de dedos, e o grupo de orientação da mão, todos considerados componentes essenciais na constituição dos sinais.

A configuração de mão (CM) é definida como um elemento fonológico que, isoladamente, não possui significado lexical. No entanto, ao ser combinada com outros parâmetros — como movimento, locação e orientação — passa a formar unidades significativas. As formas de mão podem ser articuladas com os dedos em diferentes posições: abertos, fechados ou curvados, e essas variações representam grupos fonológicos distintos dentro da Libras.

A seguir, serão apresentados os articuladores manuais, especialmente os relacionados aos dedos, que são analisados por diversos pesquisadores como elementos fundamentais na estrutura fonético-fonológica das línguas de sinais.

Figura 6 – Articulador de configuração de mão elaborada por Hulst e Kooij



Fonte: Quadros (2019, p. 43).

Quadros (2019) demonstra a proposta sobre a seleção de dedos das CMs:

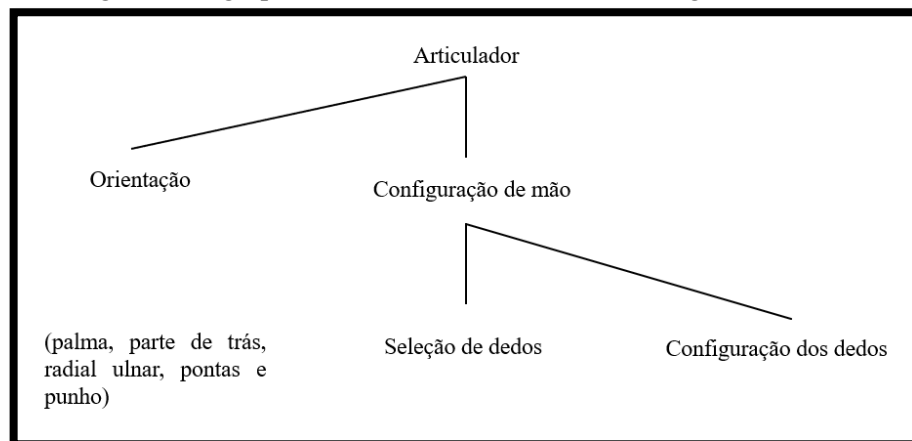
Quadro 3 – Seleção dos dedos das configurações de mãos.

SELEÇÃO DOS DEDOS	UM	UM TODOS	TODOS UM	TODOS
	indicador	indicador e médio	indicador, médio e anelar	todos os quatro
LADO: ULNAR	mínimo		médio, anelar e mínimo	

Fonte: Quadros (2019, p. 43).

Quadros (2019) apresenta o esquema a seguir que ilustra o grupo de orientações de mão:

Figura 7 – Agrupamento da orientação de mão/configuração de mão



Fonte: Quadros (2019, p. 44).

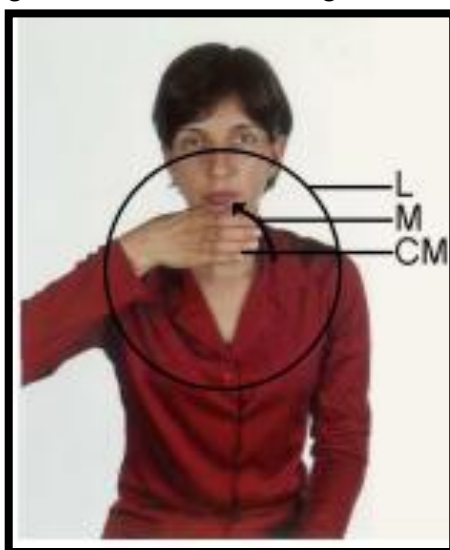
A fonologia é uma subárea da linguística que se dedica ao estudo das unidades mínimas sonoras, os fonemas, presentes nas línguas orais. No contexto das línguas de sinais, como a Libras, os fonemas são entendidos como parâmetros fonológicos visuais. Esses parâmetros constituem os elementos distintivos e contrastivos que permitem a diferenciação de sinais dentro da língua. No entanto, ao contrário das línguas orais, a fonologia das línguas de sinais demanda uma abordagem mais complexa, dada a sua natureza visual-espacial. As investigações fonológicas de Libras exigem não apenas observação das formas de sinais, mas também uma análise minuciosa dos parâmetros visuais, o que representa um desafio distinto em relação à fonologia das línguas naturais.

A fonologia da Libras foca na identificação e análise de diversos parâmetros fonológicos essenciais para a formação de sinais, tais como configuração de mão, movimento, orientação da palma, localidade/direcionalidade, e expressão facial e corporal. Estes parâmetros são considerados as unidades mínimas ou distintivas da língua de sinais, em termos fonológicos. De modo análogo à fonologia das línguas orais, onde os fonemas podem ser combinados para formar palavras e gerar significados, na Libras, os parâmetros fonológicos se combinam para formar sinais, e pequenas variações em um único parâmetro podem alterar completamente o significado do sinal.

A análise fonológica das línguas de sinais segue um modelo tradicional de investigação dos fones contrastivos, comumente aplicado às línguas orais, que consiste na comparação de pares de sinais para descobrir contrastes significativos em apenas um dos parâmetros fonológicos. Quando há uma mudança em um desses parâmetros, o significado de um sinal pode ser alterado, como demonstrado por pares contrastivos na Libras. Esse método de análise visa identificar quais variações nos parâmetros fonológicos são responsáveis pela alteração do significado lexical de um sinal em relação a outro, e como essas variações podem ser sistematicamente classificadas e analisadas.

Na sequência, apresentamos a Figura 8, que ilustra os principais parâmetros fonológicos da Libras, com uma descrição detalhada de suas variações. Além disso, serão apresentados pares contrastivos de sinais da Libras, de acordo com a metodologia de análise fonológica proposta por Quadros e Karnopp (2004), a fim de exemplificar como os parâmetros fonológicos podem ser manipulados para modificar o significado dos sinais.

Figura 8 - Parâmetros fonológico da Libras

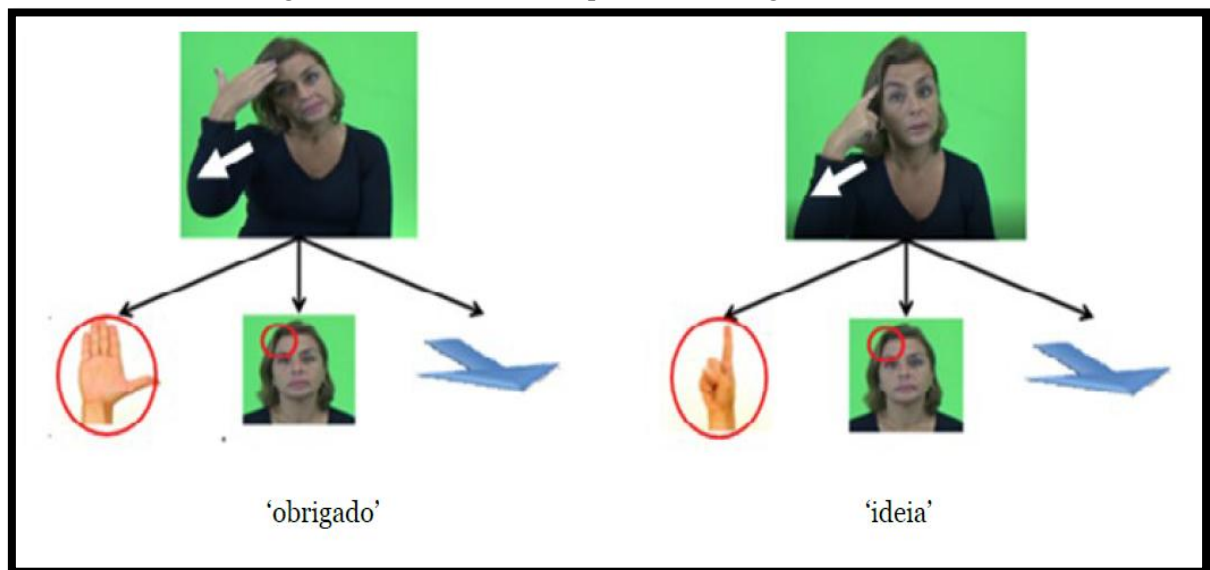


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 51)

Quadros (2023), com base em Alecrim e Xavier (2021a), apresenta os pares mínimos que contrastam entre si, exemplificando como os parâmetros fonológicos da Libras podem se opor em relação a diferentes aspectos, como a configuração de mão, a locação e o movimento. Além desses contrastes, outros seis tipos de variações entre unidades mínimas fonológicas da Libras foram identificados, os quais se manifestam de diferentes maneiras. Estes incluem: a) a extensão ou não do polegar; b) a quantidade de dedos envolvidos; c) a flexão ou não das articulações; d) a adução (aproximação) ou abdução (afastamento) dos dedos; e) a mudança ou não da configuração; f) a ordem das configurações.

A seguir, ilustramos alguns pares mínimos em oposição na Libras, com o intuito de demonstrar como pequenas variações nos parâmetros fonológicos podem resultar em diferenças significativas no significado dos sinais.

Figura 9 – Par mínimo em oposição à configuração de mão

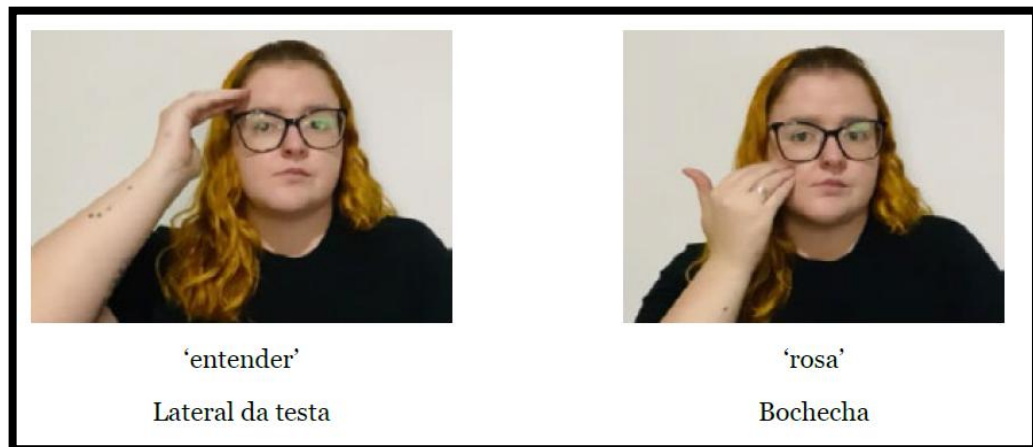


Fonte: Quadros *et al.*, (2023, p. 151).

Os sinais "obrigado" e "ideia" apresentam os mesmos movimentos (tipo unidirecional), o mesmo ponto de articulação e as orientações de palma das mãos são idênticas, ou seja, ambas estão posicionadas na diagonal para trás. Contudo, a configuração das mãos é o parâmetro que os diferencia, pois elas se contrastam por meio de pares mínimos, resultando em sinais distintos com significados diferentes.

Dessa forma, os sinais da Libras também contrastam em outros parâmetros fonológicos, como movimento, ponto de articulação e orientação da palma da mão, como será demonstrado a seguir.

Figura 10 – Par mínimo em oposição à locação



Fonte: Quadros *et al.*, (2023, p. 155).

Os sinais "entender" e "rosa" são idênticos em relação aos parâmetros fonológicos de movimento, orientação da palma da mão e configuração de mão. No entanto, esses sinais se contrastam no que diz respeito ao ponto de articulação: enquanto no sinal "entender" a locação ocorre na frente da testa, no sinal "rosa", a locação acontece na bochecha.

Figura 11 – Par mínimo em oposição à orientação de palma



Fonte: Quadros *et al.*, (2023, p. 155).

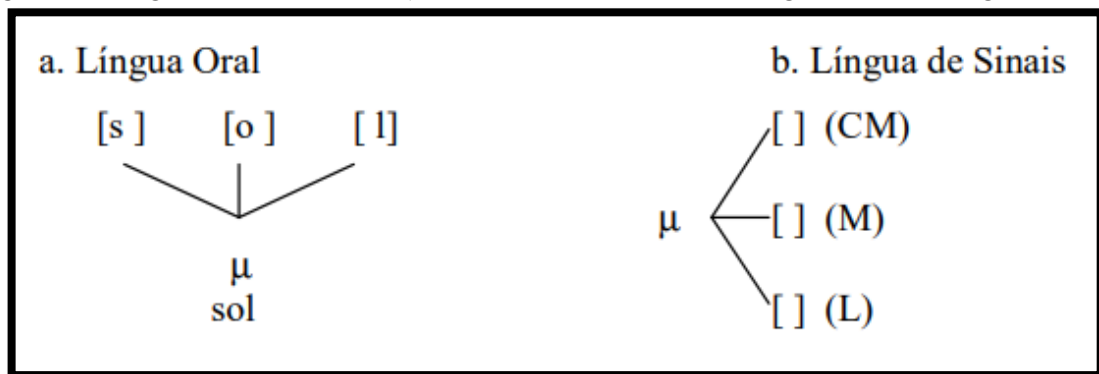
Os sinais "número dois" e "letra V" possuem os mesmos parâmetros fonológicos em relação aos seus pares, a saber: configuração de mão, movimento (sem movimento), e locação (em espaço neutro). Ambos os sinais se contrastam por meio dos pares mínimos relacionados à orientação da palma da mão. No sinal "número dois", a orientação da palma está voltada para trás, enquanto na "letra V", a orientação da palma está voltada para frente.

Os traços distintivos estudados pela fonologia estabelecem uma diferenciação semântica, estabelecendo uma relação entre os elementos de diferenciação e as condições que se combinam para formar morfemas, palavras e frases (Callou; Leite, 1999 *apud* Quadros; Karnopp, 2004, p. 17).

Nesse sentido, é relevante demonstrar o esquema de decomposição estrutural entre a Libras e as línguas orais. Assim, podemos compreender como ocorrem os segmentos fonológicos e como se dá a linearidade na estruturação dos sinais da Libras em relação às línguas orais.

Karnopp (2006), baseada em Stokoe (1960), argumenta que, durante a formação do sinal, é necessária a divisão estrutural dos segmentos da Língua de Sinais Americana (ASL), ou seja, foca-se mais na decomposição do sinal, que não possui significado de forma isolada. Essa ideia de parâmetros isolados, sem significado próprio, aponta para unidades mínimas que constituem morfemas nas línguas de sinais, incluindo a Libras. A autora apresenta uma ilustração com base na diferença segmental, conforme o esquema de Hulst (1993, p. 210), exemplificado da seguinte forma: (μ = morfema, [] = um fonema ou conjunto de especificações representando uma determinada CM, M, OR, L e ENMs).

Figura 12 – Segmentação estrutural (diferenças entre unidades da língua oral e da Língua de Sinais)



Fonte: Karnopp (UFSC, 2006).

Além do viés estilístico, que será abordado no Capítulo III desta pesquisa, compreendemos que o fenômeno linguístico da expressividade em Libras manifesta-se em todos os níveis da linguagem. Nesse sentido, destacamos aspectos fonéticos (como as articulações envolvidas na produção dos sinais), fonológicos (relacionados à construção de significados dos sinais) e morfológicos (com ênfase nos sufixos que, nesse contexto, conferem gradações expressivas, ampliando ou atenuando o sentido de um sinal). Tais níveis linguísticos são indissociáveis da dimensão estilística, entendida aqui como um conjunto de unidades que

envolvem axiologia, valoração e subjetividade, conforme a perspectiva teórica de Bally (1941; 1951).

Para Bally (1951; 1951), a estilística não se restringe ao campo literário, vinculado às obras de uma época ou à linguagem de determinados autores. O autor também propõe uma “estilística da língua falada”, mais próxima da linguagem cotidiana, espontânea e natural. Segundo ele, os interlocutores empregam recursos expressivos na comunicação diária com o intuito de provocar efeitos específicos nos outros — sejam emoções, sensações ou atitudes. Dessa forma, a expressividade não se limita à estética literária, mas constitui uma dimensão funcional e pragmática da linguagem.

Autores como Monteiro (1991) e Martins (2000) discutiram a estilística fônica — ou fonoestilística — no âmbito da língua portuguesa, analisando os efeitos expressivos que decorrem da combinação de sons e estruturas fonológicas. Já Sousa (2018) voltou-se para a expressividade e a produtividade lexical em colunas sociais, investigando o papel dos processos morfológicos — como a flexão e a derivação — na construção de significados subjetivos e graduados.

Desse modo, os aspectos fônicos e morfológicos revelam-se fundamentais para a constituição de fenômenos estilísticos. É por meio de uma base linguística — formada por unidades fonológicas e morfológicas — que os elementos expressivos ganham forma e adquirem valor subjetivo dentro da estilística. Assim, a expressividade, especialmente em uma língua visual e gestual como a Libras, não pode ser compreendida sem considerar a articulação entre esses níveis linguísticos e os efeitos de sentido que produzem.

2.2 Morfologia da Língua Brasileira de Sinais

Quadros e Karnopp (2004) explicam que a morfologia é uma subárea da linguística responsável pelo estudo da estrutura interna das línguas, incluindo as Línguas de Sinais, e pela análise da formação dos sinais. Esses processos baseiam-se nos morfemas, considerados as menores unidades linguísticas dotadas de significado.

Nas línguas orais, os morfemas geralmente se apresentam por meio de afixos (prefixos e sufixos) que se agregam a uma raiz, o que torna o processo de formação de palavras mais facilmente perceptível. Em contrapartida, nas Línguas de Sinais, por se tratarem de línguas visuais-espaciais, os elementos constituintes — como contornos visuais, simultaneidade e uso do espaço — tornam a identificação e análise dos morfemas um processo mais complexo. Essa complexidade se evidencia na forma como uma unidade mínima de significado pode modificar

um sinal, resultando na criação de um novo, conforme discutido por Lima e Bellugi (1979, *apud* Quadros; Karnopp, 2004, p. 87).

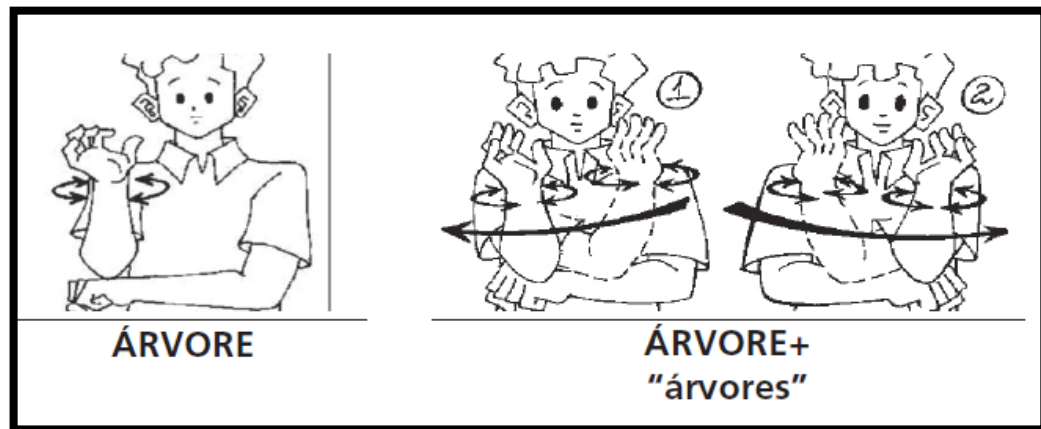
De acordo com Felipe e Monteiro (2007), os sinais são constituídos por movimentos realizados com as mãos, que podem ou não tocar partes do corpo (como braços, tronco ou cabeça), ou ainda serem executados em espaço neutro, com ou sem o uso de expressões faciais. Segundo as autoras, os sinais em Libras são formados a partir de cinco parâmetros fundamentais:

1. Configuração de Mão – forma assumida pela mão durante a produção do sinal;
2. Movimento – presença ou ausência de movimento, bem como o tipo de movimento (linear, circular, entre outros);
3. Ponto de Articulação – local onde o sinal é articulado: sobre o corpo, próximo a ele ou em frente ao corpo;
4. Orientação da Palma – direção que a palma da mão assume (para cima, para baixo, para os lados etc.);
5. Expressões Não Manuais – componentes faciais e corporais que complementam o sinal, contribuindo para sua função emocional ou gramatical.

Esses parâmetros são essenciais para a estruturação linguística das Línguas de Sinais, pois se articulam aos diversos níveis da linguagem: fonológico, morfossintático, semântico-pragmático, discursivo, lexical e estilístico, considerando-se a modalidade visual-espacial da língua.

A seguir, ilustramos como ocorre a decomposição de uma palavra no nível morfológico, utilizando um exemplo do português para fins comparativos: {menin-} {-a} {-s}. Nesse caso, o morfema {menin-} funciona como a raiz ou base lexical e expressa o significado de “criança”; o morfema {-a} indica o gênero feminino; e o morfema {-s} marca o plural. Analogamente, em Libras, também se pode identificar unidades mínimas com significado que, combinadas, formam novos sinais ou expressam variações semânticas, ainda que sua manifestação ocorra de forma visual e simultânea, o que desafia os modelos tradicionais de análise morfológica das línguas orais.

Figura 13 – Parâmetros morfológicos da Libras



Fonte: Felipe e Monteiro (2007, p. 27).

Tendo isso em vista, passamos agora à análise do sinal *ÁRVORE*, tanto em sua forma singular quanto plural, representada como *ÁRVORE+*. Após a exposição da Figura 13, acima mencionada, descreveremos os parâmetros articulatórios do sinal *ÁRVORE* no singular e, em seguida, de *ÁRVORE+* no plural, com ênfase na marcação de plural presente neste caso.

Ao observarmos os sinais *ÁRVORE* (singular) e *ÁRVORE+* (plural), verificamos que o primeiro é descrito a partir dos seguintes parâmetros articulatórios: a Configuração de Mão (CM) nº 13, realizada com a mão direita (MD), atua como mão ativa, enquanto a CM nº 69, com a mão esquerda (ME), permanece passiva e estática. O cotovelo ou antebraço da mão direita repousa sobre o dorso da mão esquerda, com a palma da MD voltada para cima e a da ME voltada para baixo. A execução do sinal envolve um movimento semicircular, repetitivo e alternado, da direita para a esquerda, por meio de um giro de antebraço.

Já o sinal *ÁRVORE+* (plural) apresenta modificações articulatórias de natureza morfológica. Nesse caso, ambas as mãos (MD e ME) utilizam as mesmas configurações de mão descritas anteriormente. No entanto, ocorre uma alternância na orientação das palmas — ora voltadas para cima, ora para baixo — e a execução envolve movimentos mais intensos, alongados e repetitivos de forma semicircular. O movimento é realizado por ambas as mãos de maneira coordenada.

As análises fonológicas e morfológicas dos sinais *ÁRVORE* e *ÁRVORE+* permitiram identificar que a marcação de plural ocorre por meio do parâmetro articulatório movimento. Especificamente, essa marca se manifesta pela presença de movimentos semicirculares com maior tensão e extensão. Assim, compreendemos que o movimento, nesse contexto, desempenha a função morfológica de indicar o plural do sinal *ÁRVORE+*.

As descrições dos sinais ocorreram tanto no nível fonológico — no qual o sinal é decomposto em seus parâmetros articulatórios — quanto no nível morfológico — no qual se analisam processos como afixação e variação. Essa descrição é fundamental para a próxima etapa da pesquisa, que aborda o nível linguístico expressivo, mais especificamente os mecanismos de intensificação semântica (para mais ou para menos), culminando na dimensão estilística da língua, conforme será aprofundado nos capítulos seguintes.

Embora o conceito de morfologia em Libras permaneça, em essência, o mesmo ao longo dos anos, seu estudo exige critérios específicos, como a seleção rigorosa de dados e uma análise com olhar treinado. Segundo Quadros (2023), a morfologia das Línguas de Sinais é o campo responsável por investigar “a estrutura interna dos sinais, as regras de formação desses sinais e a relação de um sinal com outro numa mesma Língua de Sinais”. Esses processos partem de unidades mínimas com significado — os morfemas — que, quando combinados, contribuem para a formação de novos sinais.

Quadros (2023) destaca dois aspectos fundamentais no estudo morfológico da Libras: (1) a criação de novos sinais, que corresponde à derivação; e (2) a modificação de sinais já existentes, caracterizando a flexão. A autora também aponta que a morfologia busca identificar os morfes e alomorfes — como radicais, raízes, prefixos e sufixos —, além de analisar seus significados e funções dentro do léxico.

Reforçamos que a análise morfológica da Libras não deve seguir o mesmo modelo das línguas orais, pois trata-se de uma língua de modalidade visual-espacial, com estrutura própria e recursos expressivos específicos. Ao observarmos a formação e a modificação dos sinais, identificamos como esses elementos expressam sentidos variados, sendo o movimento um fator essencial para a gramática visual.

É importante considerar que não apenas a forma (base ou raiz) e seus sufixos constituem o sinal; é necessário atribuir a ele um conteúdo semântico. Em Libras, o sinal é composto por forma (estrutura formal do sinal) e conteúdo (o significado comunicado entre interlocutores). A articulação entre forma e conteúdo exige uma abordagem que considere também aspectos subjetivos, avaliativos e valorativos, levando ao campo da Estilística, conforme proposto por Bally (1951).

Para ilustrar esse ponto, consideremos dois exemplos em português:

1. “Nossa! Aquele vestido é muito bonito.”
2. “Nossa! Aquele vestido é belíssimo.”

Ambas as frases expressam um julgamento de valor por meio de adjetivos em grau superlativo. No exemplo (1), a intensificação ocorre de forma moderada, enquanto no exemplo (2), o adjetivo “belíssimo” representa uma forma mais intensificada e expressiva de elogio, revelando a subjetividade do interlocutor. Essa diferença de intensidade resulta da experiência individual de cada falante, de suas referências pessoais em relação à moda, preferências estéticas, entre outros fatores.

Portanto, é insuficiente considerar apenas os elementos morfológicos — como o prefixo “muito” e o sufixo “íssimo” — para explicar a expressividade. A expressividade aqui está relacionada à axiologia (avaliação subjetiva), à valoração (atribuição de valor para mais ou para menos) e à intensidade. Esses elementos estão intrinsecamente ligados à forma e ao conteúdo do sinal, e não podem ser analisados de maneira isolada. Isso demonstra a relação interdependente entre forma, conteúdo e os níveis avaliativo, subjetivo e expressivo, culminando na dimensão estilística, tanto na língua falada quanto na sinalizada.

Na língua portuguesa, encontramos palavras monomorfêmicas — ou seja, indivisíveis — como “boi” e “sal”. Por outro lado, há palavras formadas por mais de um morfema, como:

- a) infeliz: prefixo “in” + adjetivo “feliz”;
- b) capacidade: radical “capaz” + sufixo “-idade”.

Essas estruturas, conforme exemplificado por Quadros (2023), demonstram como a morfologia atua na formação de palavras por meio de prefixação e sufixação.

Para fins de comparação, apresentamos também um exemplo monomorfêmico em Libras: o sinal correspondente a ONTEM. Em seguida, demonstramos a presença de morfemas presos (prefixos e sufixos) combinados a uma base lexical em sinais como: teleconferência, ambiente virtual, *classroom*, legenda e letras Libras. Esses exemplos ilustram o uso de elementos gramaticais visuais, evidenciando a aplicação morfológica na Libras.

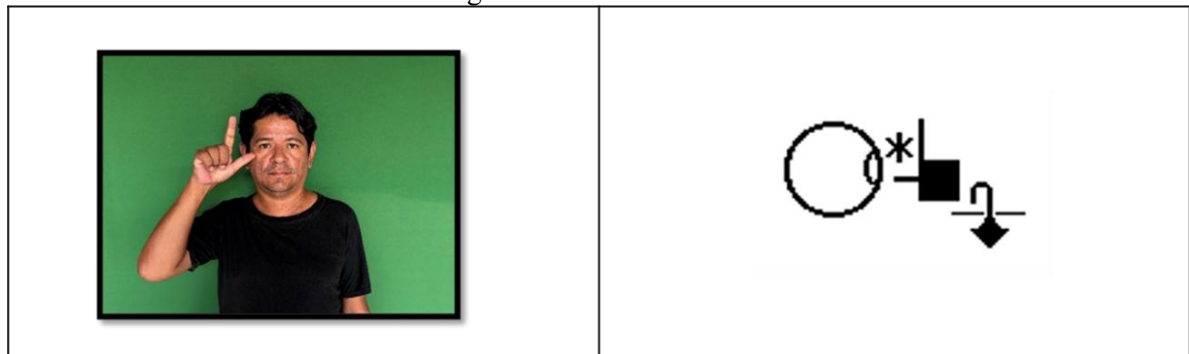
As frases elaboradas em língua portuguesa, como no exemplo com a palavra CHUVA, foram traduzidas para Libras, sendo os sinais gravados e disponibilizados por meio de links no YouTube, no canal do autor das figuras utilizadas. Esse procedimento metodológico permitiu a passagem do registro estático (imagem) para o registro dinâmico (sinal em movimento), estabelecendo uma relação entre o visual gráfico, o texto escrito e o sinal em ação, fundamental para a análise linguística em Libras.

1) Exemplo monomorfêmico:

Frase em língua portuguesa: Ontem, nós não fomos à escola por causa da **chuva**.

Libras: ONTEM, ESCOLA IR NÃO **CHUVA**, POR ISSO.

Figura 14 – Sinal ONTEM



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/LGJocrwe3PA>)

No âmbito dos estudos linguísticos da Libras, esta pesquisa situa-se no campo da morfologia, especificamente no que se refere à formação e à estruturação dos sinais. Dentre os diversos fenômenos morfológicos existentes, elegemos o processo de comutação como foco de análise, com o objetivo de justificar a presença de morfemas afixos — como sufixos e prefixos — que se apresentam de forma presa e se combinam a radicais (bases ou raízes) inalterados. Essa combinação resulta na criação de novos sinais e significados, sendo analisada sob uma perspectiva derivacional.

Nos exemplos que seguem, enfocamos especificamente o uso de sufixos agregados aos radicais, com o intuito de demonstrar a possibilidade de estabelecer paralelos entre os processos morfológicos da língua portuguesa e os da Libras.

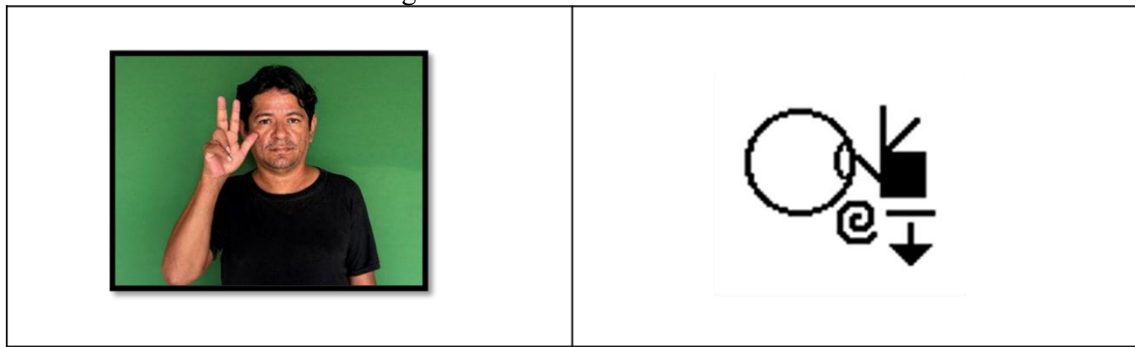
Identificamos, portanto, a existência de morfemas presos na Libras (prefixos e sufixos), os quais se articulam com um morfema-base para a formação de novos sinais. Como forma de exemplificação, foi selecionado um enunciado que contém um morfema preso, representado no sinal ANTEONTEM, conforme analisado por Faria-Faria-Nascimento (2013).

2) Exemplo morfema:

Frase em língua portuguesa: A minha festa de formatura foi anteontem

Libras: ANTEONTEM, FORMATURA FESTA ME.

Figura 15 – Sinal ANTEONTEM



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/YDtXi-v6kjl>).

Antes de apresentarmos os sinais que envolvem morfemas presos e os processos de comutação e paradigmática — este último estruturado por eixos linguísticos organizados horizontal e verticalmente —, trataremos inicialmente do processo de substituição linguística. O objetivo é compreender de que forma prefixos e sufixos se agregam a uma forma-base (radical), alterando seu sentido original e originando um novo termo com significado distinto.

Segundo Guérios (2010, p. 3), em linguística, a substituição linguística consiste na “permuta ou troca de uma ou mais unidades linguísticas por outra ou outras”. O autor ressalta que os elementos de uma língua — neste caso, as unidades mínimas de significado — podem ser substituídos entre si sem prejuízo à estrutura gramatical. Esse fenômeno pode ser observado tanto em nível fonológico quanto morfológico.

Com base nesse conceito, apresentaremos a seguir alguns exemplos de substituição linguística aplicados ao contexto da Libras. Tais exemplos incluem:

1. Substituição por paraplasmato (ex.: *despeço* → *despido*);
2. Substituição fonética (ex.: *alhaci* → *alface*);
3. Substituição por metalexia ou supletivismo (ex.: *jaguar* → *onça*).

Embora haja diversos tipos de substituição, neste contexto destacaremos a metalexia e o supletivismo, observando como esses processos se manifestam tanto na evolução da língua oral quanto nas Línguas de Sinais. Em Libras, verificamos que determinados sinais passaram por transformações nos parâmetros articulatórios, mas mantiveram o mesmo significado essencial. Um exemplo significativo é o sinal FOGO.

Melo (2022) apresenta o sinal FOGO utilizado durante o período em que Gama (1875) atuava como repetidor (professor auxiliar) na França. Naquela época, as aulas ocorriam em salas com lareiras, onde os alunos costumavam aquecer as mãos. O gesto de aproximar as mãos da lareira foi incorporado ao sinal FOGO, conferindo-lhe um caráter icônico — isto é, o sinal

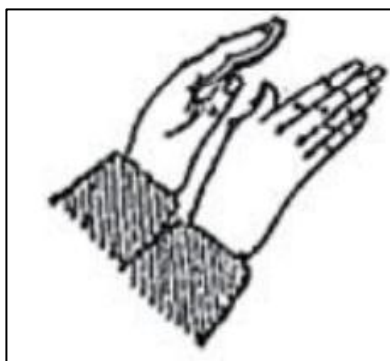
fazia referência direta à ação de se aquecer. Esse gesto, além de funcional, carrega também um valor cultural e contextual: o frio da região e o hábito local de aquecer-se na lareira.

Assim, o sinal FOGO da época trazia consigo elementos culturais e contextuais da França do século XIX. No entanto, ao compararmos esse sinal com a versão utilizada em 2022 na cidade de Rio Branco, no estado do Acre, é possível observar mudanças significativas em seus parâmetros articulatórios. Essa comparação revela como o sinal passou por um processo de substituição linguística, embora seu conteúdo semântico — a ideia de "fogo" — tenha permanecido estável ao longo do tempo.

A seguir, descreveremos detalhadamente os parâmetros articulatórios dos dois sinais de FOGO, destacando as alterações ocorridas no nível fonomorfológico ao longo da evolução da Libras, o que evidencia a dinâmica e a adaptabilidade da língua de sinais frente às transformações sociais, culturais e históricas.

A descrição fonética-fonológica de ambos os sinais para FOGO foi:

Figura 16a – Sinal FOGO



Fonte: Gama (1875)

Figura 16b – Sinal FOGO²



Fonte: Adaptado do Enap (2019)

Verificamos que a descrição fonético-fonológica do sinal FOGO, apresentada na Figura 16, foi elaborada da seguinte forma: as configurações das mãos direita e esquerda correspondem ao número 76, com ambas as mãos em forma côncava, dedos juntos e fechados. A execução do sinal ocorre no espaço neutro à frente do corpo, sem a presença de movimento — ambas as mãos permanecem paradas. As palmas das mãos estão orientadas na diagonal para baixo, à frente do corpo, e não há manifestação de expressões faciais ou outras expressões não manuais associadas ao sinal.

² <https://www.youtube.com/watch?v=BbYWUXN8dyQ> FOGO em Libras captado do Canal oficial da Escola Nacional de Administração Pública (Enap).

Por outro lado, a descrição fonético-fonológica do sinal FOGO, conforme registrado na Figura 16, apresenta alterações significativas: as configurações das mãos direita e esquerda são identificadas pelo número 13. Ambas estão abertas, com dedos separados. A sinalização ocorre também à frente do corpo, mas os movimentos são alternados entre as mãos — uma se posiciona acima enquanto a outra está abaixo. Os dedos realizam movimentos em zigue-zague, também de forma alternada. As palmas estão orientadas para cima, e a expressão facial aparece de maneira sutil, com olhos e testa levemente cerrados, transmitindo uma sensação de alerta, receio ou perigo. Nesse contexto, o sinal expressa a ideia de FOGO como algo potencialmente ameaçador, evocando emoções de medo e precaução.

Ao analisarmos ambos os sinais, identificamos que o sinal FOGO, ao longo do tempo, passou por alterações fonomorfológicas em seus parâmetros. Essas modificações ilustram um processo de substituição linguística, conceito originalmente elaborado para línguas orais, mas que se aplica de maneira eficaz também às Línguas de Sinais (Melo, 2022, p. 22).

Tanto Melo (2022) quanto Guérios (2010) abordam o fenômeno da substituição linguística, ressaltando que esse processo pode ocorrer de diversas formas, incluindo por meio de aspectos paradigmáticos.

Neste ponto, é pertinente recuperar Saussure (1995) que trata de diversas dicotomias linguísticas. Entre elas, destacam-se as noções de sintagma e paradigma, fundamentais para a compreensão da estrutura da língua.

Mas o que são sintagma e paradigma?

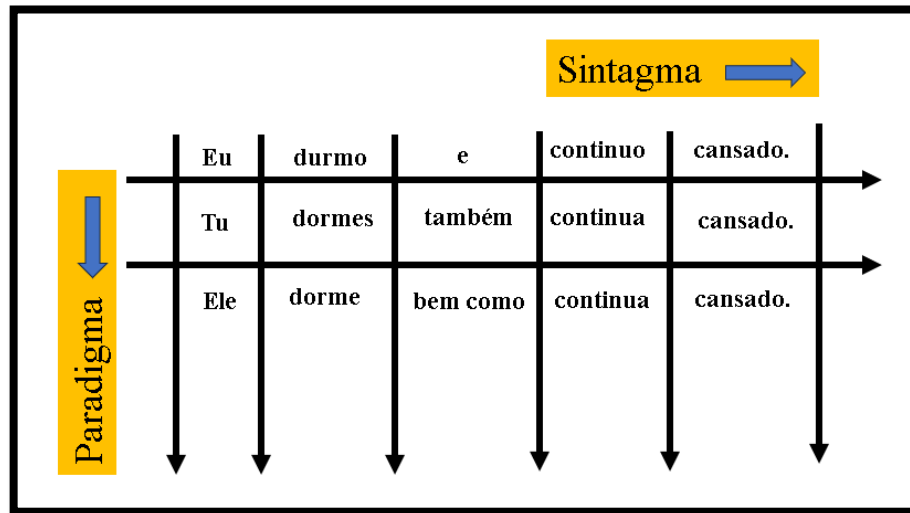
a. O sintagma diz respeito às relações lineares entre palavras no eixo horizontal da linguagem — ou seja, aquelas que compõem a sequência discursiva (ex: “O menino correu”). Ele está associado à realização da fala, à combinação efetiva de unidades.

b. Já o paradigma refere-se às relações de substituição entre elementos linguísticos que ocupam a mesma função estrutural no enunciado. Essas relações ocorrem no eixo vertical, e representam as escolhas possíveis entre diferentes palavras ou formas (ex: “menino”, “garoto”, “criança”, que podem ocupar o mesmo lugar na frase).

Essas noções nos permitem compreender como a organização da língua se dá a partir de eixos linguísticos, formando uma cadeia linguística estruturada. No eixo horizontal (sintagmático), ocorre a combinação das palavras, enquanto no eixo vertical (paradigmático), opera-se a substituição — processo central para a flexibilidade e dinamismo da linguagem, tanto oral quanto sinalizada.

A seguir, ilustraremos como essas relações paradigmáticas se manifestam na Libras, evidenciando como diferentes formas podem ser escolhidas ou substituídas de acordo com o contexto comunicativo, sem prejuízo da coerência ou do significado.

Figura 17 - Paradigmas e sintagmas (Saussure)



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como vimos, os sintagmas estabelecem relações entre palavras em uma sequência linear, sendo essas relações interpretadas a partir dos valores distintos atribuídos a cada termo. Diversos autores destacam que os termos não devem ser inseridos no discurso de forma aleatória, pois cada palavra ou sinal possui uma linearidade e sequencialidade que torna a separação de elementos orais ou sinalizados inadequada. Por exemplo, é inaceitável na estrutura da língua dissociar a sílaba "as" da sílaba "ca", antecipando "as" antes de "ca" no termo "casa". Isso demonstra que há restrições estruturais que regulam a formação das palavras.

No que diz respeito ao aspecto paradigmático, este se baseia em relações associativas — ou seja, envolve as possíveis escolhas e substituições de palavras ou sinais em um determinado contexto. Nesse eixo de seleção, os valores linguísticos são definidos por meio da oposição entre termos ausentes, conforme apontam Souza e Crestani (2017, p. 5).

Com base nesse entendimento, podemos afirmar que o eixo paradigmático está diretamente relacionado ao processo de comutação, que se refere às unidades mínimas no nível morfológico. A seguir, discutiremos como esse processo, originalmente desenvolvido no estudo das línguas orais, pode ser adequadamente adaptado às Línguas de Sinais.

A comutação consiste em um procedimento linguístico que considera as palavras como formas mínimas dotadas de significado, capazes de se combinar ou substituir para gerar novos

sentidos. Hjelmslev (1961, p. 185, *apud* Guérios, 2010, p. 12) destaca que “a comutação é a verdadeira chave para o entendimento das línguas no sentido linguístico das palavras”.

Harris (1960) também contribui com essa discussão ao definir a comutação como a substituição de qualquer parte de um enunciado por outra. Para o autor, comutação refere-se à “mutação entre os membros de um paradigma”, enquanto permutação trata da “mutação entre as partes de uma cadeia”. Assim, a substituição linguística pode ocorrer sem alterar o valor gramatical da frase, mesmo quando o paradigma permite múltiplas possibilidades contextuais. Um exemplo clássico seria a palavra “manga”, que pode significar tanto a fruta quanto a forma verbal “manga” (3ª pessoa do singular do verbo *mangar*). Nesse sentido, a substituição de uma palavra por outra é essencial na construção de sentidos no enunciado.

A comutatividade, portanto, diz respeito à capacidade de diversos elementos da língua se encaixarem em uma mesma construção. Segundo Larousse (1973, p. 134), há relações paradigmáticas mais ou menos estreitas entre os termos, o que afeta a sua possibilidade de substituição.

Ainda segundo Larousse (1973, p. 135), o conceito de “termo mutável” é utilizado para descrever situações em que “a substituição ocorre entre construções idênticas em uma mesma frase ou enunciado”. Por exemplo:

- a) “Escrevi meu nome a caneta.”
- b) “Escrevi meu nome a lápis.”

Ambas as expressões são gramaticalmente válidas, porém o valor semântico muda conforme a escolha lexical. No entanto, a frase: “Escrever a caneta é melhor porque se torna mais fácil o apagamento do registro escrito” não se sustenta, já que a tinta da caneta não é facilmente apagável, ao contrário do lápis. Isso demonstra que a adequação entre forma e conteúdo é fundamental para a aceitabilidade da construção.

No contexto das Línguas de Sinais, utilizamos o *SignWriting* (Escrita de Sinais – ES) como sistema de registro da Libras. Embora existam outros sistemas de escrita de sinais no Brasil, o *SignWriting* é o mais amplamente utilizado e foi adotado nesta pesquisa para o registro escrito dos sinais analisados.

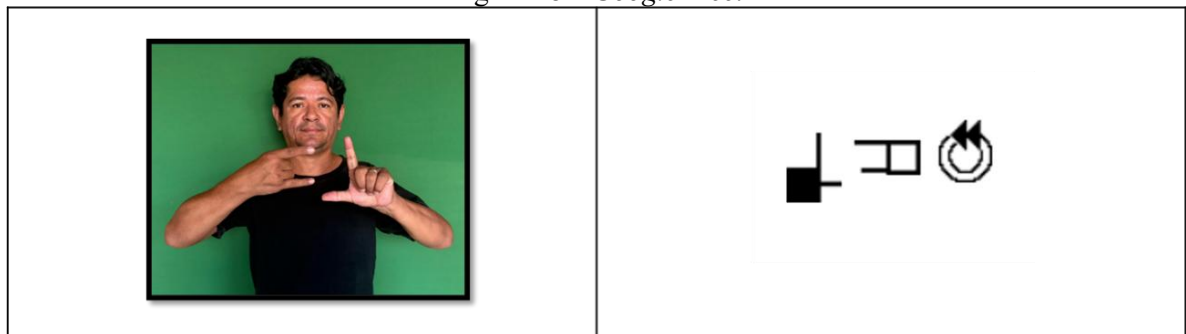
Para identificar com clareza a forma-base (radical) e os elementos de comutação (sufixos), trabalhamos a partir de um campo semântico específico relacionado à tecnologia, seguindo os seguintes passos metodológicos:

1. Inclusão de links de vídeos referentes aos sinais de cada área tecnológica;
2. Exibição da figura estática do sinal;
3. Registro do sinal em Escrita de Sinais (ES) ao lado da figura;

4. Separação da forma-base (radical) e do elemento sufixal, evidenciando o processo de comutação como substituição morfológica mínima, responsável pela transição de um sinal a outro, de um conceito a outro ou mesmo de um objeto a outro (Melo, 2022, p. 26).

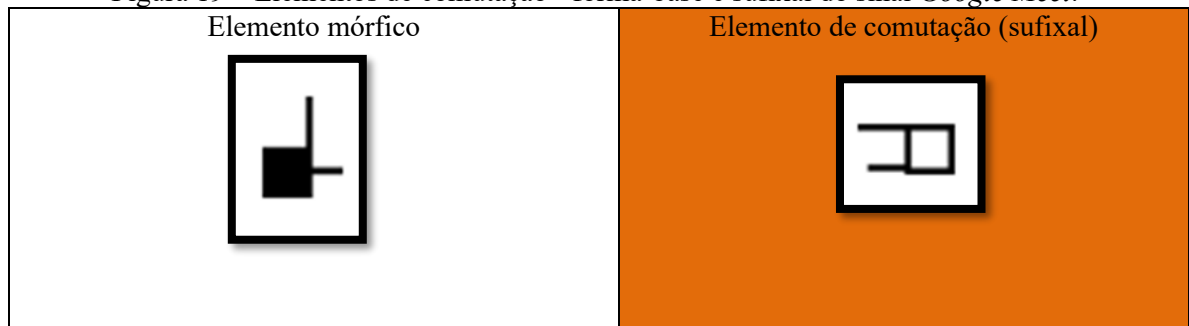
Esses procedimentos visam justificar, de forma clara e sistemática, o processo de comutação, no qual unidades morfológicas mínimas se combinam para formar novos sinais e expressar novos significados, como demonstraremos a seguir.

Figura 18 – *Google Meet*



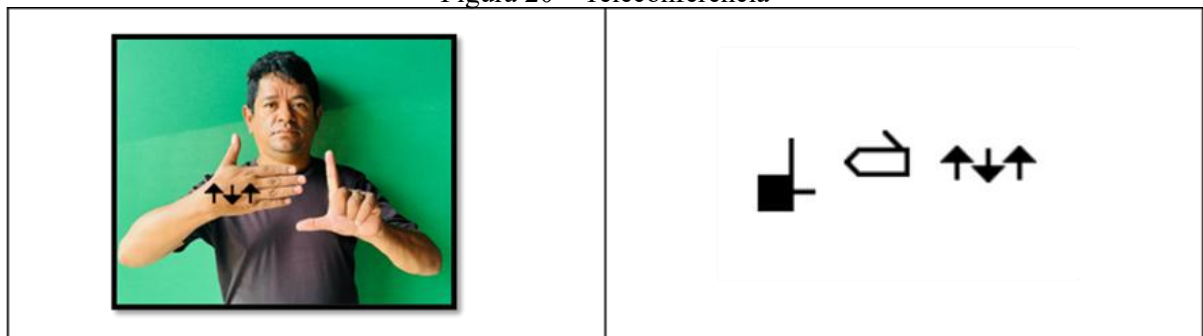
Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/uq82dJM3q7s>).

Figura 19 – Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal *Google Meet*.



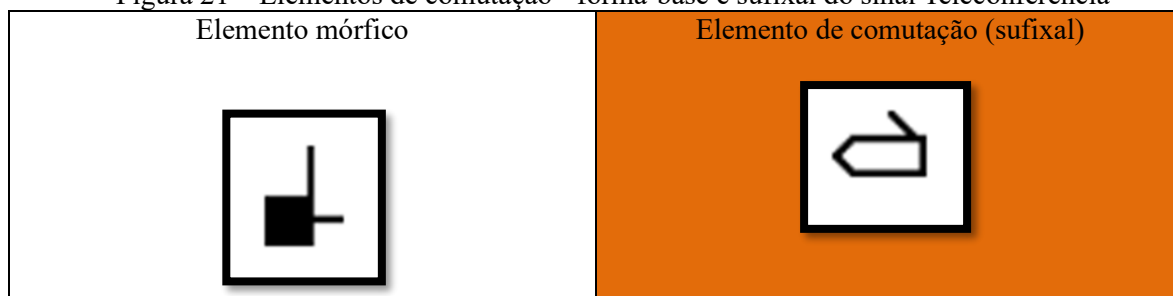
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 20 – Teleconferência



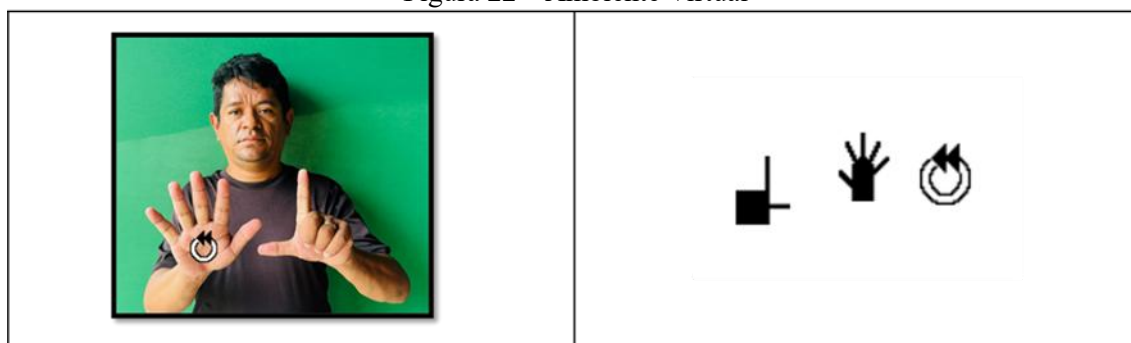
Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/OuX2SQz55k>).

Figura 21 – Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal Teleconferência



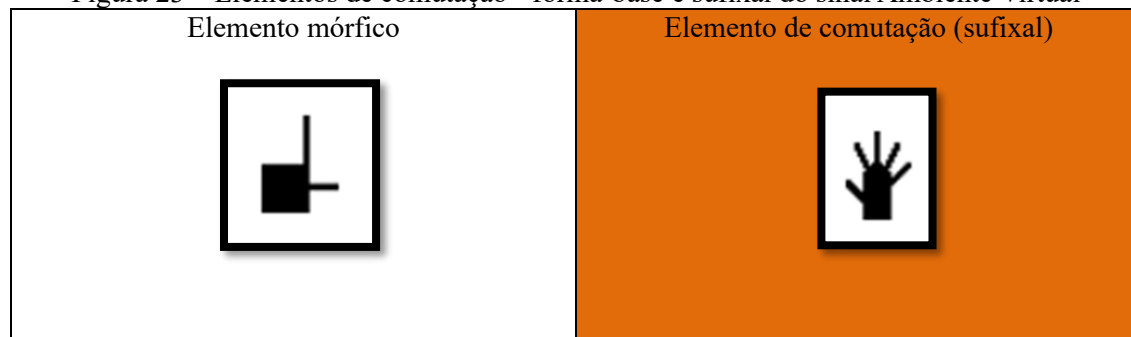
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 22 – Ambiente Virtual



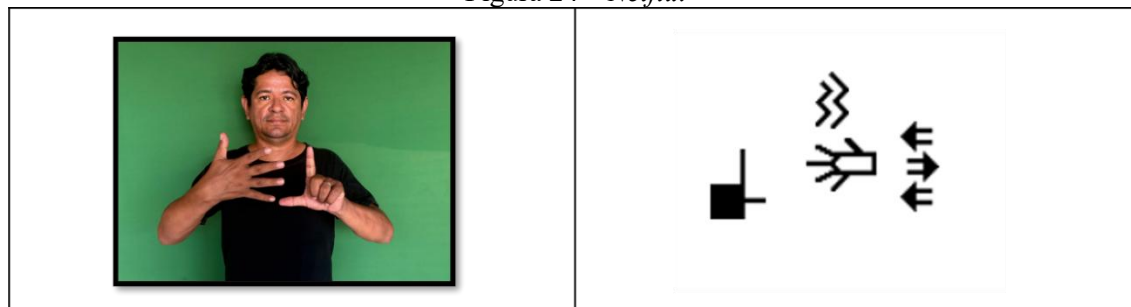
Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/5Wmzc1A8Pt8>).

Figura 23 – Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal Ambiente Virtual



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 24 – Netflix



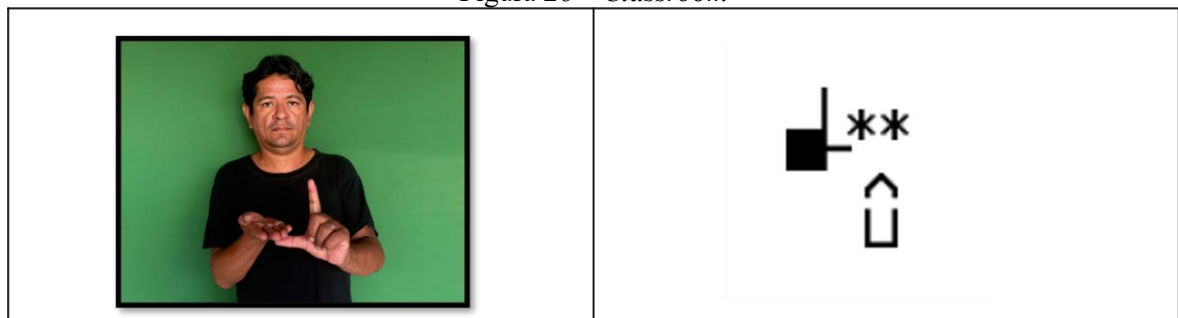
Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/4MyzJ-tQDdc>)

Figura 25 – Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal *Netflix*



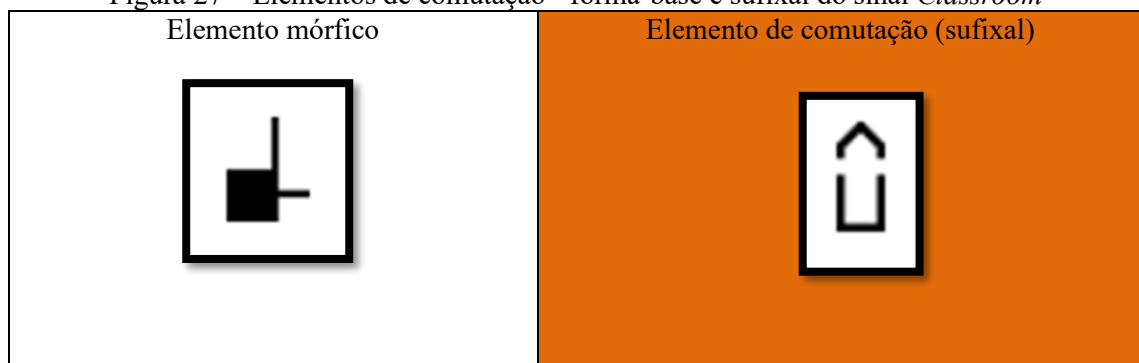
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 26 – *Classroom*



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/Ze2bIY2SA3E>).

Figura 27 – Elementos de comutação - forma-base e sufixal do sinal *Classroom*



Fonte: Elaborado pelo autor.

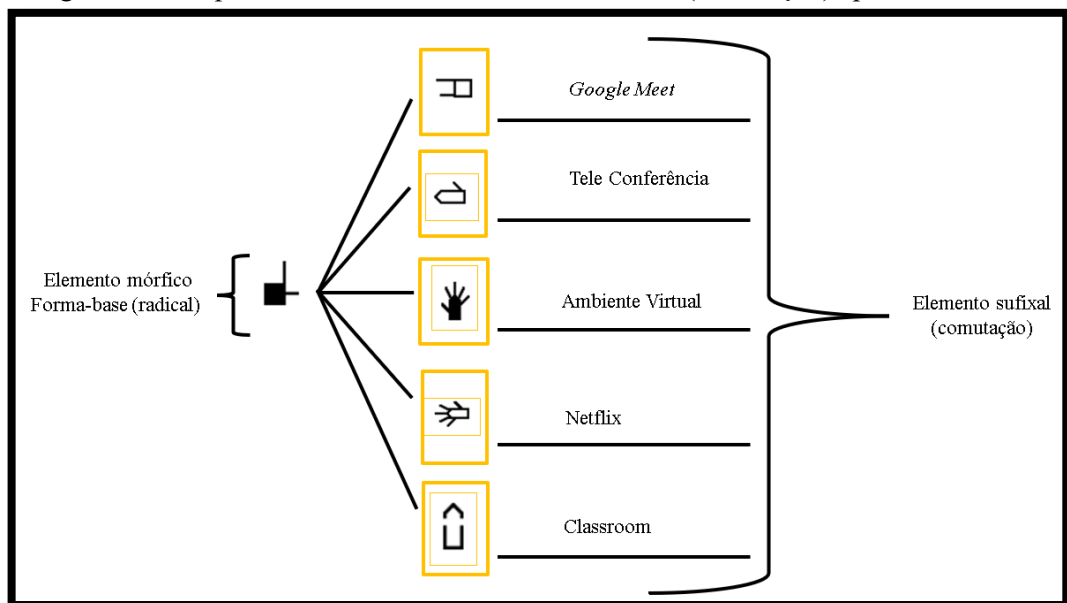
Este resumo dos esquemas referentes ao processo de **comutação**, apresentados anteriormente, evidencia que, nas línguas orais-auditivas, tal processo ocorre por meio do **aparelho fonador**, enquanto, nas **Línguas de Sinais** — especificamente na Libras —, a realização se dá por meio dos **articuladores visuo-espaciais**, em especial pelas **configurações das mãos**, que representam os **parâmetros morfológicos mínimos** (Diniz, 2011, p. 35).

Ao observarmos o esquema a seguir, identificamos a ocorrência de transições semânticas e conceituais, ou seja, passagens de um sinal a outro, de um significado a outro, de um conceito a outro, e até mesmo de um objeto a outro. Essas transformações são possíveis graças à atuação de informações adicionais, entre as quais destaca-se o elemento sufixal, que,

por meio do processo de comutação, é responsável pela alteração do sentido e pela formação de novos sinais em diferentes domínios lexicais da Libras — fenômeno característico da derivação sufixal.

Nesse processo, o elemento mórfico ou forma-base (radical) — representado pela Configuração de Mão nº 24, em forma de “L”, no sinal ‘Tela’ — permanece inalterado, assegurando a continuidade estrutural e o reconhecimento da base semântica original. Assim, o mecanismo de comutação evidencia a produtividade morfológica da Libras ao permitir a criação de novos sinais a partir de unidades mínimas significativas, mantendo a integridade da base e introduzindo variações formais e semânticas por meio de elementos afixais.

Figura 28 – Esquema dos elementos mórficos e sufixal (comutação) aplicado na Libras



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este resumo, apresentado por meio do registro em Escrita de Sinais (ES), tem como objetivo ilustrar e justificar o processo de comutação, entendido aqui como substituição linguística e mudança morfológica. Em determinados sinais da Libras, a presença da forma-base (representada pela mão passiva ou neutra) e o uso recorrente da mão ativa tornam mais evidente o elemento sufixal, representado na coluna de cor laranja, caracterizando o processo de comutação.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a morfologia simultânea e flexional nas Línguas de Sinais se estabelece a partir da modalidade visuoespacial, na qual a percepção se dá visualmente, enquanto a produção ocorre por meio das mãos e seus articuladores — muitas vezes motivadas pela iconicidade. Essa característica tem implicações no plano gramatical,

especialmente em fenômenos como a flexão verbal de concordância, a marcação de número em substantivos e o uso de classificadores. Tais flexões podem ser observadas na direção dos movimentos, no ritmo, ou na trajetória do sinal.

Além disso, os autores explicam que, dentro da morfologia da Libras, a composição é um processo produtivo que pode ser analisado a partir de uma base referencial. Esse processo ocorre quando dois radicais se combinam para formar um novo sinal, gerando assim um novo significado. Esse fenômeno será exemplificado a seguir, com base na Figura 29, que ilustra visualmente a composição de radicais em Libras.

Figura 29 – CASA + CRUZ = IGREJA.



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004).

Durante a produção do sinal CASA, observam-se dois toques realizados pelas pontas dos dedos, os quais representam, iconicamente, o formato do telhado de uma casa. No entanto, ao ocorrer a combinação do sinal CASA com o sinal CRUZ, há a formação de um novo sinal com um novo significado: o sinal IGREJA.

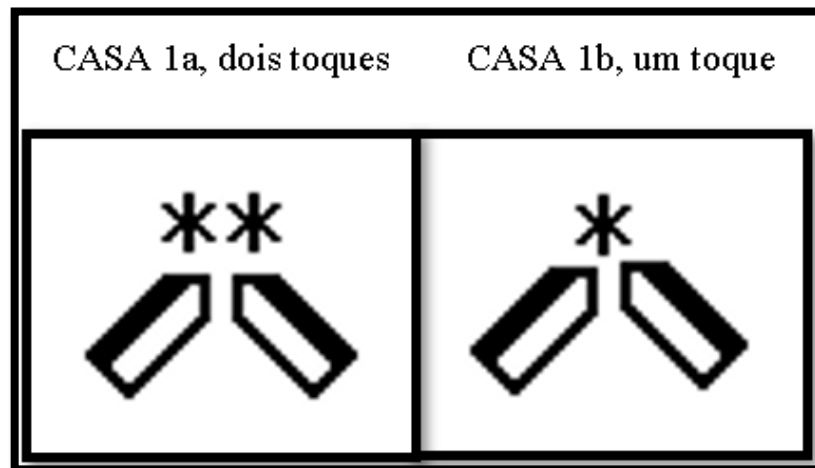
Como demonstrado na Figura 29, esse processo é caracterizado como um caso de composição morfológica. Verificamos que, na junção dos sinais, ocorre a supressão de um dos toques originalmente presentes no sinal CASA. Essa redução será detalhada a seguir por meio da Escrita de Sinais (*SignWriting*), que evidencia os toques aos quais nos referimos. Na composição, observa-se a manutenção de apenas um toque do sinal CASA, seguido da adição do sinal CRUZ, resultando em um único sinal composto.

Para ilustrar essa supressão do tipo de movimento "tocar", utilizamos os links dos vídeos *CASA 1a* e *CASA 1b*, disponíveis no YouTube no canal do sujeito desta pesquisa.

Acreditamos que a integração entre as figuras, a escrita de sinais (SW) e os vídeos contribui para tornar os exemplos mais visuais, acessíveis e compreensíveis, considerando que

uma imagem estática não é suficiente para representar todos os aspectos dinâmicos e articulatórios da Libras. Desse modo, a apresentação multimodal dos dados permite uma descrição mais rica e precisa da língua em uso.

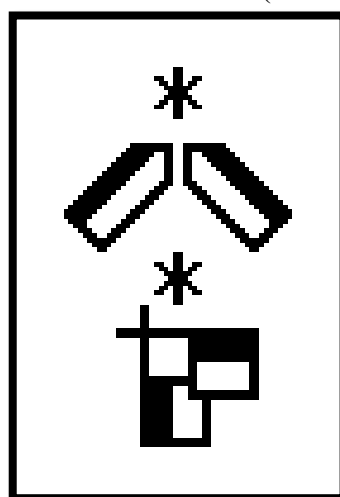
Figura 30 – Representação em Escrita de Sinais da perda de movimento



Fonte: Plataforma *SignPuddle* (2025)³.

Com base em Quadros (2019), os sinais CASA e CRUZ foram executados a partir de suas origens, gerando uma nova ideia: o sinal IGREJA, com valor e significado próprios. Nesse contexto, partimos do processo de composição morfológica na formação de novos sinais em Libras.

Figura 31 – Sinal IGREJA (derivacional)



Fonte: Plataforma *SignPuddle* (2025).

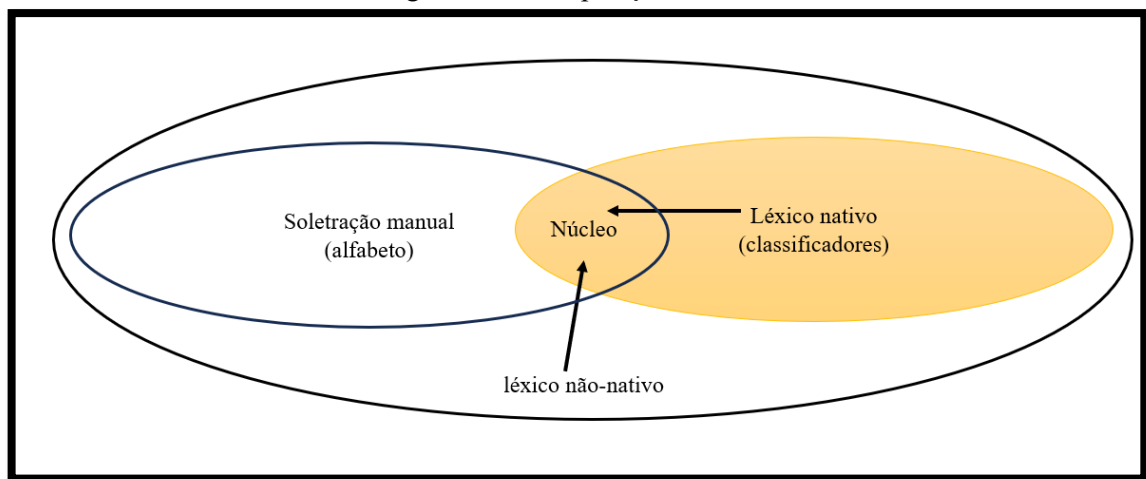
³ Links: CASA 1a, com dois toques (<https://youtu.be/rQInq9L83lw>); CASA 1b, com um toque (<https://youtu.be/apu2EY3k3oo>).

Além disso, existem classificadores de tamanho e forma, de entidade e de manipulação, que se enquadram na categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais. Tal produção é altamente complexa, pois envolve morfemas simultâneos e articulados, baseados em representações motivadas pela iconicidade. Esse processo está diretamente relacionado à modalidade visuoespacial utilizada, principalmente por meio de diferentes partes do corpo, como mãos, braços, tronco e face (Quadros, 2019).

Assim como em todas as línguas humanas, os sinais pertencem ao léxico ou à classe de palavras de uma língua, como substantivos, verbos, adjetivos, entre outros. No caso da estrutura da Libras, ela apresenta propriedades que não são encontradas nas línguas orais. Isso ocorre porque, na língua sinalizada, os usuários expressam complexidades no léxico utilizado dentro dessa modalidade visuoespacial.

Quadros e Karnopp (2004), baseados na proposta de Brentari e Padden (2001), discutem a composição do léxico, o qual pode ser dividido em soletração manual, léxico nativo (classificadores) e léxico não-nativo. Esses elementos podem ser demonstrados de forma separada, mas se interligam ao núcleo do léxico por meio de um processo de composição.

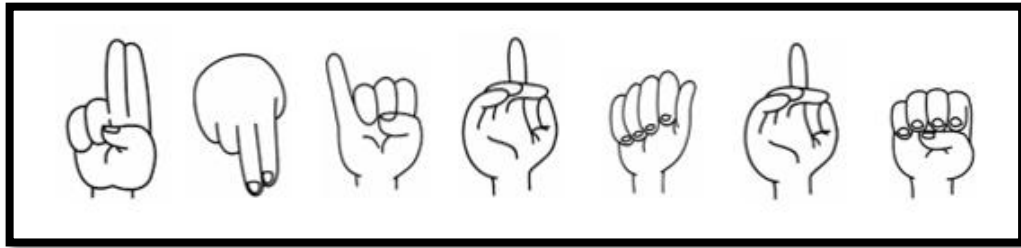
Figura 32 – Composição no léxico



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88)

Quando se trata especificamente da soletração manual, os surdos brasileiros utilizam esse recurso extralinguístico para designar pessoas, objetos ou conceitos que ainda não possuem um sinal estabelecido. Esse recurso também é empregado em contextos de sinalização em que palavras técnicas não têm uma equivalência direta com o sinal de uma determinada área, como, por exemplo, a palavra "UNIDADE", caso ainda não exista um sinal correspondente (Felipe; Monteiro, 2007).

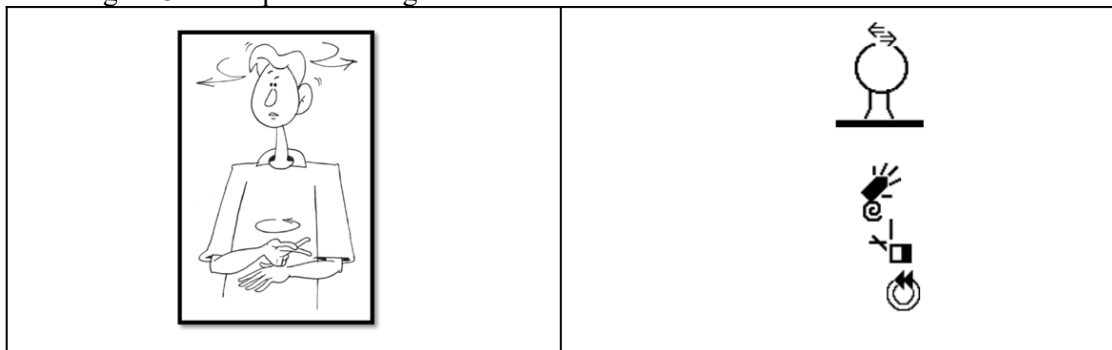
Figura 33 – Representação da soletração manual ‘U-N-I-D-A-D-E’



Fonte: Libras em Contexto (2007).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a soletração é uma representação manual direta do português, envolvendo uma sequência de configurações das mãos que correspondem à sequência de letras do idioma. A soletração manual, em algumas situações, funciona como um empréstimo linguístico, como no caso do sinal "PROCURAR", que inicia com a letra "P", ou seja, com a configuração de mão nº 55.

Figura 34 – Empréstimo linguístico do sinal PROCURAR com letra inicial em ‘P’



Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor (https://youtu.be/ueecaYmJz_4).

É importante destacar que todas as configurações de mãos e o alfabeto manual/soletração manual são representados por grupos, sendo que cada grupo é identificado por uma numeração específica, como, por exemplo, a CM nº 1, e assim sucessivamente.

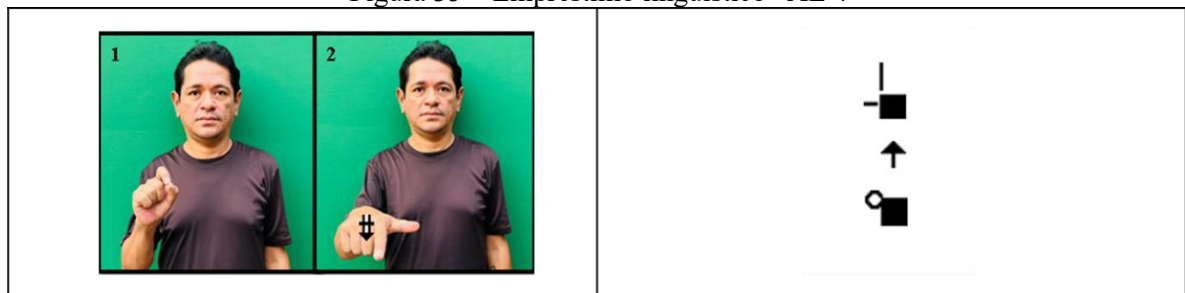
Segundo Quadros e Karnopp (2004), tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais incorporam palavras estrangeiras, que se integram ao léxico de cada país. No caso da Libras e da língua portuguesa, esse fenômeno não é diferente, especialmente porque ambas são línguas de contato, em que palavras do português servem como empréstimos à Língua de Sinais, como exemplificado no processo de incorporação da palavra "A-Z-U-L" para "AZL".

Na cidade de Rio Branco, no Acre, o sinal "A-Z-U-L" passou a ser sinalizado como "AZL" e, ao longo do tempo, transformou-se em "AL". Atualmente, esse sinal é utilizado pelos surdos locais e pode ser considerado uma quarta forma de sinalização. Em termos de configuração de mãos, o sinal se inicia com a CM nº 41 e termina com a CM nº 24, na forma

"L". Como pode ser observado na figura 35, houve uma transformação da letra "A" para a CM nº 41.

Esse processo ocorreu de maneira gradativa, algo que é comum em todas as línguas, sejam orais ou sinalizadas. O empréstimo linguístico ilustrado na figura 35 passou a ser realizado a partir da CM nº 41, mantendo apenas a letra "L" como empréstimo. Esse fenômeno é particularmente evidente na cidade de Rio Branco, Acre, e se torna ainda mais perceptível nos dados do projeto *Inventário de Libras* dessa localidade.

Figura 35 – Empréstimo linguístico “AL”.



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/WBxBE7YmvGg>).

No que se refere à soletração manual de "N-U-N-C-A", durante o processo evolutivo da Língua de Sinais, observamos que foi utilizada uma soletração emprestada, a saber: "N-U-N". Dessa forma, constatamos que o processo de soletração manual é amplamente utilizado e se consolidou como um empréstimo linguístico na Libras, conforme ilustrado no exemplo a seguir:

Figura 36 – Empréstimo linguístico “N-U-N” derivado do sinal “N-U-N-C-A”



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/uk7OetEAEfU>).

No caso do sinal "N-U-N-C-A" para "N-U-N", observamos que a soletração manual segue uma sequencialidade da esquerda para a direita, conforme a língua portuguesa, e na língua de sinais, respeita suas especificidades. Ambas são línguas de contato, o que justifica o empréstimo linguístico de uma língua para a outra. Esse processo de empréstimo, já

mencionado, é ilustrado nas figuras 35 e 36. É importante ressaltar que existem outros sinais soletrados, mas aqui foram demonstrados apenas dois, a fim de representar a soletração manual como um empréstimo linguístico (Quadros; Karnopp, 2004, p. 88-89).

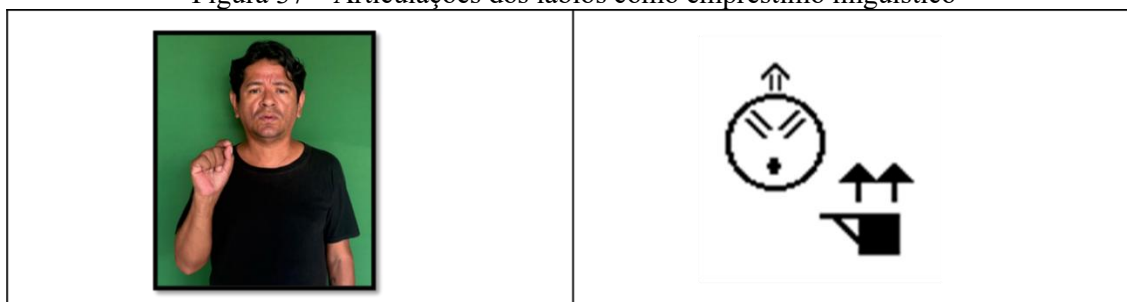
Para as autoras, os empréstimos por meio da soletração manual violam as restrições originais da configuração das mãos. No entanto, ao longo do tempo, essas restrições passam por modificações, ajustando-se às limitações fonológicas de outras línguas de sinais, incluindo a Libras. Percebe-se que tal ajuste ocorre devido à busca dos usuários da Libras e de outras línguas de sinais por um conforto linguístico durante a produção e execução da soletração manual, o que facilita a criação de sinais ritmados e contribui para uma formação sistêmica mais adequada de cada sinal soletrado, levando em consideração o contato entre a Libras e o português escrito no contexto brasileiro.

Faria-Nascimento (2009) aborda o processo de incorporação de empréstimos linguísticos de línguas orais para línguas de sinais. Segundo a autora, o contato contínuo entre as línguas de sinais e as línguas orais resulta em uma dinâmica de criação de novos sinais e termos.

Faria-Nascimento (2009) também aponta que, além dos empréstimos mais comuns, alguns surgem por meio de ferramentas tecnológicas, como o compartilhamento de vídeos em congressos internacionais, nos quais línguas de sinais distintas se incorporam à Libras, respeitando as particularidades linguísticas de cada comunidade surda ao redor do mundo. Há, ainda, empréstimos menos frequentes, que envolvem a articulação dos lábios para evitar ambiguidade nos sinais. Esse é o caso de palavras ou expressões interrogativas, como "COMO?" ou "O-QUE?", que, em Libras, exigem o movimento labial associado ao sinal correspondente.

Nas figuras seguintes, que ilustram os empréstimos linguísticos mencionados por Faria-Nascimento, utilizaremos figuras estáticas, o sinal escrito em *SignWriting*, e links de vídeos para proporcionar uma visualização mais clara da execução dos sinais.

Figura 37 – Articulações dos lábios como empréstimo linguístico



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/vIMHX078qE8>).

De acordo com Faria-Nascimento (2009), os empréstimos linguísticos entre línguas de contato — especificamente da língua portuguesa para a Libras — por meio da soletração manual, com o passar do tempo, são incorporados e adaptados às características fonológicas da Libras. De certo modo, a soletração manual, também conhecida como datilologia, sofre um processo de “apagamento” em relação à sua origem. Isso significa que sinais inicialmente oriundos do léxico não-nativo acabam, em muitos casos, se confundindo com os léxicos nativos. Esse fenômeno é mais difícil de identificar para observadores não treinados, pois a soletração se incorpora ao sinal, tornando-se quase indistinguível do léxico nativo.

Diversos estudiosos têm abordado o fenômeno do empréstimo linguístico e o processo de construção terminológica por empréstimos na Libras. Eles desenvolveram uma taxonomia que classifica as palavras da língua oral para a Língua de Sinais e de outras línguas de sinais para a Libras. Entre esses estudiosos, destacam-se Battison (1978), Bellugi (1981), e Frishberg (1977 *apud* Battison, 1978), com foco na *American Sign Language* (ASL). No contexto brasileiro, os principais estudiosos incluem Quadros e Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995), e, no âmbito da Língua Gestual Portuguesa (LGP), Mineiro e Duarte (2007) (Faria-Nascimento, 2009, p. 60).

Adicionalmente, no Brasil, Faria-Nascimento (2009) se destaca com seus estudos sobre a morfologia da Libras, oferecendo uma sistematização tipológica mais abrangente do léxico da língua de sinais brasileira. Essa tipologia é subdividida em categorias como: a) empréstimo por transliteração, b) empréstimo por transliteração pragmática (datilologia), c) empréstimo por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos), d) empréstimo por transliteração da letra inicial, e) empréstimo da ‘configuração’ visual dos lábios, f) empréstimo semântico, g) empréstimo estereotipado e h) empréstimo cruzado. Para um aprofundamento sobre esses conceitos tipológicos, consultar Faria-Nascimento (2009, p. 61-69).

A pesquisa de Faria-Nascimento contribui significativamente para a expansão lexical da Libras. Além de sua obra, Sousa (2022) ampliou as discussões sobre empréstimos por transliteração, propondo a classificação de empréstimos em línguas de sinais por meio da transemiotização. Segundo Sousa, esses empréstimos ocorrem quando um sinal passa a incorporar, em sua estrutura, elementos de outros sistemas gráficos associados à língua oral, como numerais, arroba, asterisco e hashtag (cerquilha), entre outros. A seguir, apresentamos os sinais gráficos que constituem unidades específicas, como o caso de 'BANCO ITAÚ', que utiliza a arroba como marca referencial para o banco, e 'BAIRRO 15', que faz uso de numerais

como referência para o bairro específico. As imagens correspondentes a esses sinais estão ilustradas nas figuras a seguir:

Figura 38 – Sinal do Banco Itaú em Libras



Fonte: Elaborador pelo autor (https://youtu.be/_1fU3JD9UXY).

Outro exemplo que apresenta características semelhantes é o sinal especificador de bairro, no qual a inclusão de sufixos, representados por números, constitui e denomina o sinal em Libras, como no caso de BAIRRO 15. Esse sinal é amplamente utilizado pela comunidade surda de Rio Branco.

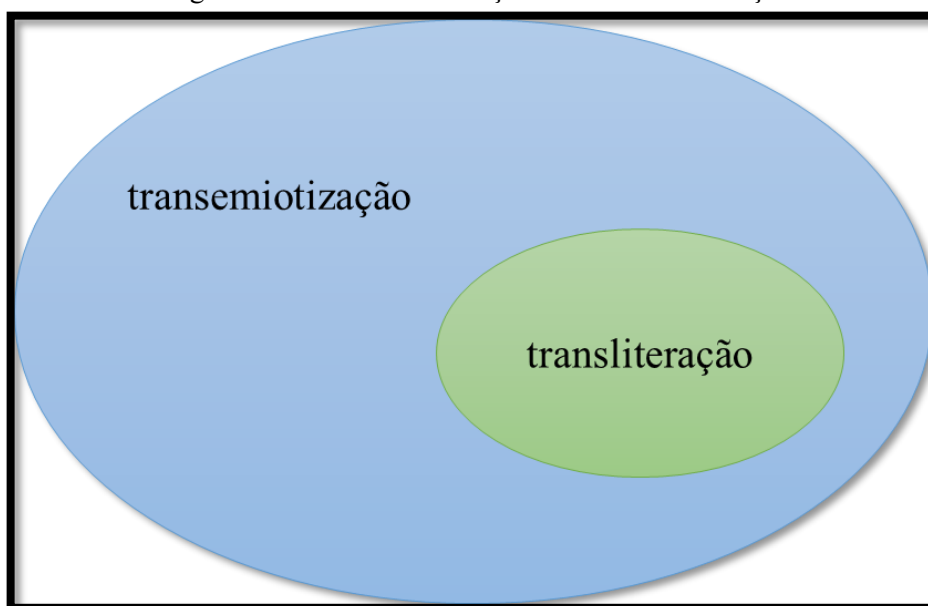
Figura 39 – Bairro 15 em Libras



Fonte: Elaborado pelo autor (<https://youtu.be/RjDA0OpKkC0>).

Dessa forma, o campo relacionado ao empréstimo por transemiotização abrange as letras, os numerais e quaisquer outros símbolos gráficos empregados na formação do sinal em Libras, a partir das configurações de mão. Para ilustrar a relação entre transemiotização e transliteração, apresentamos a figura a seguir.

Figura 40 – A transemiotização inclui a transliteração



Fonte: Adaptado de Sousa (2022).

No próximo capítulo, abordaremos o tema do estilo e da expressividade nas línguas naturais. A fundamentação teórica será inicialmente pautada pelos estudos de Bally (1941; 1951), cujas contribuições são essenciais para a compreensão das nuances estilísticas nas línguas. No entanto, para enriquecer a discussão e proporcionar uma análise mais aprofundada, recorreremos também aos trabalhos de Martins (2000) e Sousa (2018), cujas pesquisas exploram as questões estilísticas e a relação intrínseca com a expressividade, particularmente no que se refere aos recursos que as línguas naturais, incluindo as línguas de sinais, oferecem para a construção de sentido.

CAPÍTULO III

A EXPRESSIVIDADE NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Neste capítulo, exploraremos a expressividade e suas conexões com a axiologia, a valoração e a subjetividade, adotando uma abordagem estilística para analisar os fenômenos linguísticos. Examinaremos, ainda, como essas noções se manifestam na Língua Brasileira de Sinais (Libras), investigando suas especificidades e a forma como elas influenciam a construção de sentido nesse contexto linguístico.

3.1 Estilo e expressividade

A reflexão sobre o estilo na linguagem remonta à tentativa de compreender como os sujeitos se individualizam por meio da expressão linguística. Nesse contexto, Mattoso Câmara Jr. (1978) define o estilo, em seu sentido amplo, como a forma típica pela qual o indivíduo se expressa linguisticamente, constituindo uma marca de identidade verbal. Essa singularidade é possível graças ao uso metódico dos recursos que a língua oferece, conforme a concepção de Leo Spitzer (1968), aliado à escolha consciente ou inconsciente entre as diversas possibilidades expressivas disponibilizadas pelo sistema linguístico, como observou Monteiro (2005). Em sentido estrito, no entanto, Câmara Jr. enfatiza que o estilo está profundamente vinculado ao impulso emotivo e à intenção — explícita ou velada — de suggestionar o interlocutor.

Assim, o estilo não se limita a um arranjo estético das palavras, mas está ligado à afetividade e à subjetividade presentes na comunicação. É nesse campo que se insere a Estilística, área da linguística que busca compreender as nuances da expressividade na linguagem. Para Câmara Jr., a Estilística se distingue da gramática porque não analisa a linguagem apenas em sua função racional e informativa — isto é, como meio de estabelecer compreensão —, mas sim como manifestação afetiva. Enquanto a gramática lida com a linguagem intelectual, a Estilística foca nos elementos que evocam emoções, sentimentos e valores subjetivos.

Martins (2000) propõe uma classificação da Estilística em três vertentes distintas, embora complementares:

1. **Estilística da língua**, fortemente influenciada pelos estudos de Charles Bally (1941; 1951), preocupa-se com os aspectos afetivos da linguagem falada — a chamada *língua viva*. Trata-se de uma estilística voltada à linguagem espontânea, mas ainda assim gramaticalizada e lexicalizada, ou seja, uma linguagem que, mesmo cotidiana, mantém uma

estrutura e um sistema expressivo que podem ser descritos metodicamente. Essa vertente busca apreender os mecanismos da expressividade natural e cotidiana, revelando como os falantes modulam afetos e intenções através de entonações, vocabulário e construções específicas.

2. **Estilística sociolinguística**, por sua vez, direciona-se à análise das variações linguísticas que ocorrem em função de fatores sociais, como grau de formalidade, nível de escolaridade, gênero, faixa etária, entre outros. Nesse campo, a Estilística se aproxima da Sociolinguística ao investigar o comportamento linguístico dos indivíduos e grupos sociais, tanto na oralidade quanto na escrita. É uma estilística que evidencia a linguagem como prática social, revelando as escolhas estilísticas condicionadas por contextos e papéis sociais.

3. **Estilística literária**, finalmente, dedica-se ao estudo dos “desvios” da norma linguística com finalidade estética e expressiva, como ocorre na literatura. Nessa vertente, a linguagem é manipulada de modo criativo e deliberado pelo escritor — sobretudo o poeta —, que faz uso de recursos estilísticos para provocar emoções, criar imagens, sugerir sentidos e construir universos simbólicos. Aqui, a linguagem é instrumento de arte e liberdade.

Mattoso Câmara Jr. (1978) também propõe que a Estilística se desdobra em diferentes estratos da língua, o que permite uma análise mais aprofundada dos níveis linguísticos nos quais a expressividade pode se manifestar. Nesse sentido, ele propõe três subáreas principais:

1. **Estilística Fônica**: dedica-se à análise dos sons e dos recursos fonológicos da língua como mecanismos expressivos. Envolve desde a escolha de palavras com sonoridades específicas até a construção de efeitos rítmicos, aliterações, assonâncias e demais procedimentos que evidenciam a dimensão sonora do enunciado.

2. **Estilística Semântica**: foca na dimensão do significado das palavras, especialmente no que se refere à conotação, ou seja, aos valores afetivos, culturais ou sociais que se associam ao conteúdo denotativo dos vocábulos. Essa vertente investiga como o sentido das palavras pode ser expandido, distorcido ou intensificado de forma a suscitar emoções e provocar sentidos múltiplos.

3. **Estilística Sintática**: estuda as variantes de ordem e estruturação das frases que têm o potencial de produzir efeitos expressivos. Isso inclui inversões, repetições, elipses, paralelismos e outras figuras de construção que contribuem para a sugestividade e o impacto do discurso.

Em suma, a Estilística, enquanto disciplina, oferece instrumentos para a análise da linguagem em sua dimensão mais subjetiva, afetiva e expressiva, indo além da função comunicativa tradicional. Seja no uso cotidiano da linguagem falada, na variação sociolinguística ou na criação literária, o estilo se configura como uma instância de escolha e

de manifestação de identidade, intenção e emoção. É, portanto, um campo essencial para a compreensão da linguagem como prática humana integral, marcada não apenas por regras, mas também por sensibilidade e criatividade.

Na presente tese, interessa-nos especificamente a estilística da língua, conforme proposta por Charles Bally (1941; 1951). Essa vertente da estilística tem como fundamento central a afetividade, destacando-se por seu foco na linguagem viva, espontânea e cotidiana, mas ainda assim dotada de estrutura gramatical e expressiva. Como mencionado anteriormente, essa concepção implica que a expressividade está intrinsecamente ligada a noções como valor, axiologia e subjetividade, aspectos que serão discutidos com maior profundidade nas seções seguintes.

3.2 Expressividade e afetividade

A estilística da língua, conforme concebida por Charles Bally (1941; 1951), funda-se na ideia de que a linguagem não é apenas um instrumento neutro de comunicação, mas um meio de expressão afetiva e subjetiva, por meio do qual o falante imprime sua visão de mundo, suas emoções e intenções. Essa perspectiva rompe com uma abordagem exclusivamente gramatical da linguagem, ao propor que a estilística deve investigar as manifestações expressivas da língua em uso cotidiano, centrando-se naquilo que Bally chamou de linguagem viva — espontânea, coloquial e marcada pela carga afetiva.

Ao enfatizar a afetividade, Bally insere a linguagem num campo valorativo. A língua, em sua dimensão expressiva, é um sistema axiológico, isto é, um sistema que reflete e projeta valores subjetivos. Esses valores não são fixos ou universais, mas resultam da experiência individual e coletiva dos falantes, variando conforme os contextos sociais, históricos e culturais. Como destaca Martins (2000), a estilística da língua não se restringe a desvios artísticos ou literários, mas busca compreender os modos usuais de dizer, os recursos expressivos que surgem naturalmente nas práticas linguísticas cotidianas.

Nesse sentido, a estilística se diferencia da gramática, como explica Mattoso Câmara Jr. (1978), ao considerar não apenas as formas linguísticas que garantem a inteligibilidade do discurso, mas também aquelas que expressam emoção, julgamento e intenção. Enquanto a gramática opera no plano da linguagem intelectual, a estilística trabalha com a linguagem afetiva, revelando as escolhas que um falante faz entre formas linguisticamente possíveis com o intuito de sugerir, emocionar ou valorizar algo diante de seu interlocutor.

A subjetividade, portanto, é um elemento central na estilística da língua. Ela se manifesta nas diversas escolhas lexicais, sintáticas, fônicas ou semânticas que os falantes realizam com base em seus afetos e intenções comunicativas. Como ressalta Bally (1951), a língua é dotada de mecanismos sistemáticos que possibilitam a expressão de nuances afetivas — por exemplo, a utilização de diminutivos e aumentativos, a repetição enfática, a entoação particular de uma frase ou mesmo a seleção de vocábulos com cargas conotativas específicas.

A axiologia linguística, nesse quadro, está diretamente relacionada à atribuição de valor às palavras e construções. Um mesmo enunciado pode ser reformulado de modo a expressar aprovação, ironia, repulsa ou encantamento, dependendo das escolhas estilísticas do falante. Assim, a linguagem não apenas descreve o mundo, mas também o avalia e o interpreta, de modo sutil ou explícito.

A estilística da língua, ao analisar tais fenômenos, contribui para uma compreensão mais ampla da linguagem como prática social e simbólica. Além disso, ela destaca o papel criativo e intencional do sujeito na produção do discurso, evidenciando como a linguagem é utilizada não apenas para comunicar informações, mas para posicionar-se, relacionar-se e emocionar-se diante do outro.

Portanto, a expressividade linguística, na visão de Bally (1941; 1951) e dos autores que o sucederam, constitui um campo privilegiado de estudo para quem deseja compreender a dimensão afetiva, valorativa e subjetiva da linguagem. Reconhecer essa dimensão é essencial não apenas para os estudos linguísticos, mas também para a análise do discurso, da literatura, das línguas de sinais e das práticas comunicativas em geral.

Guillaume (1973) afirma que a língua opera como um sistema em que determinados elementos — palavras, sentenças ou mesmo discursos — adquirem valor durante a interação. Esse valor é construído a partir das escolhas linguísticas realizadas tanto pelo enunciadador quanto pelo interlocutor, escolhas essas que frequentemente carregam juízos de valor. Na perspectiva de Bally (1941; 1951), tais escolhas revelam os chamados fatos expressivos da linguagem, entre os quais se destaca a intensificação.

Sousa (2018), aprofundando a proposta de Bally, observa que a intensificação está diretamente relacionada à noção de quantidade e pode manifestar-se de diferentes formas:

- a) por diferença material concreta (como quantidade e dimensão);
- b) por gradações entre noções abstratas semelhantes;
- c) por uma soma de elementos afetivos e intelectuais que se sobrepõem no discurso.

Essa sobreposição torna difícil delimitar, com precisão, onde termina o aspecto intelectual e onde começa o afetivo nas construções expressivas da língua. A expressividade, portanto, emerge da tensão entre esses dois polos.

Para a presente análise, compreendemos axiologia como a orientação valorativa que se manifesta nas expressões linguísticas e se engaja diretamente com o enunciador. Essa orientação valorativa não apenas revela a posição subjetiva do locutor, mas também contribui para a construção global do enunciado. A expressividade, nesse contexto, pode marcar relações ideológicas, juízos de valor e tomadas de posição em um ato de fala. Por essa razão, o conceito de expressividade está intimamente ligado à noção de axiologia.

Isso significa que cada palavra ou sinal pode carregar um valor afetivo ou intensificado, revelando uma multiplicidade de valores axiológicos. O sujeito, ao enunciar, estabelece uma relação singular com o conteúdo de sua fala, orientando-se por uma intenção comunicativa que projeta seu posicionamento afetivo, social e ideológico. A linguagem, portanto, não é neutra: ela incorpora afetos, perspectivas e sistemas de valoração.

É importante destacar que os adjetivos avaliativos podem ser classificados, conforme Monnerat (2003) e Kerbrat-Orecchioni (1980), em dois tipos: axiológicos e não axiológicos. Os adjetivos axiológicos apresentam uma carga afetiva intrínseca ao seu conteúdo semântico, determinando valores atribuídos ao objeto por meio da experiência e da perspectiva do sujeito da enunciação. Já os adjetivos não axiológicos não expressam juízos de valor nem envolvem, necessariamente, um compromisso afetivo, o que impulsiona os estudos linguísticos à identificação de graus de subjetividade nesses termos.

A expressividade, nesse panorama, refere-se à língua em uso — à linguagem viva, cotidiana, espontânea —, atravessada por experiências, emoções e vivências dos interlocutores. Conforme Sousa (2018), a expressividade também está associada aos processos de valoração, que implicam escolhas linguísticas carregadas de intensidade e quantidade, podendo assumir sentidos positivos, negativos ou depreciativos, dependendo do contexto e da intenção comunicativa.

O exagero, por exemplo, pode ser uma estratégia expressiva, como se observa na frase: *“O sapato daquela mulher é belíssimo, é um escândalo.”* Nesse caso, a ênfase — inicialmente vista como desvio da norma — expressa, na verdade, a língua viva, marcada por intensificação afetiva. Como argumenta Sousa (2018, p. 63), o objetivo da estilística da língua não é julgar tais construções como incorretas, mas sim compreender como os sujeitos, por meio da linguagem, atribuem valor às suas experiências.

A subjetividade, por sua vez, apresenta-se em diferentes níveis, os quais podem ser compreendidos a partir de dois eixos, conforme Benveniste (1995, p. 288):

- a) objetividade máxima, quando o enunciado independe do locutor ou quando sua exatidão pode ser verificada pelo interlocutor;
- b) subjetividade máxima, quando o locutor se inscreve diretamente no enunciado, utilizando marcas dêiticas, como pronomes de primeira pessoa (eu, me, meu, comigo), bem como marcadores temporais e espaciais (agora, aqui, hoje).

Sousa (2018, p. 53), com base em Bally (1941), ressalta que, mesmo nas construções aparentemente objetivas, os enunciados estão impregnados de afetividade, uma vez que todo ato linguístico pressupõe um estado de consciência individual e um juízo de valor por parte do locutor. Portanto, todas as formas de linguagem são, em alguma medida, afetivas. A subjetividade, nesse sentido, está diretamente relacionada à expressividade, pois são justamente essas cargas afetivas que moldam a maneira como falamos, escrevemos e nos comunicamos por meio das línguas de sinais, como a Libras, evidenciando a natureza emocional e estética das formas linguísticas.

Sousa (2018) afirma que o grau adjetival pode ser compreendido dentro de uma escala estilística, que se estende de uma posição neutra até níveis de extrema expressividade. Essa gradação ocorre por meio de recursos criativos empregados pelos falantes dentro dos limites gramaticais e lexicais da língua em uso. O autor exemplifica essa progressão com a seguinte sequência: *belo* (neutro), *muito belo* (expressivo 1), *belíssimo* (expressivo 2), *belo-belo-belo* (expressivo 3), *belelêrrimo* (expressivo 4), e assim por diante, evidenciando o crescimento da intensidade expressiva.

A partir de uma perspectiva semântico-estilística, Sousa (2018) analisou formas superlativadas de adjetivos em colunas sociais publicadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, assinadas por jornalistas como Sônia Pinheiro (*Caderno Vida & Arte*), Regina Marchal e Leda Maria (*Caderno 3*), além da coluna *Íntimos & Chiques* (*Caderno Buchicho*). Essa análise, também abordada por Souza (1999), concentrou-se nas estratégias linguísticas utilizadas para intensificar atributos, tais como: uso de sufixos (-íssimo, -érrimo, -ão, -inho), repetição de adjetivos, expressões idiomáticas, uso de prefixos (*super-*, *hiper-*, *multi-*), estrangeirismos e comparações breves.

Entre essas manifestações, destaca-se o uso do sufixo -ão, frequentemente empregado na linguagem coloquial para marcar aumentativo, muitas vezes com valor depreciativo. Contudo, o mesmo sufixo pode também ser portador de uma valoração positiva e afetiva, indo além da simples indicação de aumento de tamanho. Conforme observa Martins (2000, p. 115),

o sufixo -ão pode carregar um valor simbólico de magnitude ou intensidade qualitativa, conferindo à palavra uma carga subjetiva de admiração ou ênfase afetiva, o que o insere em um campo de valoração estilística.

Sousa (2018, p. 88), ao tratar dessa questão, apresenta o seguinte exemplo extraído de uma coluna social:

“Circulando no Fortal acompanhado de muitos amigos, o charmosão Hélio Feitosa.”
(LM280703)

Nesse caso, o sufixo -ão não indica o aumento do tamanho físico do sujeito, mas sim a intensificação da qualidade expressa pelo adjetivo “charmoso”. Tal uso revela um movimento expressivo que eleva o grau do atributo por meio de uma valoração afetiva. Assim, temos a seguinte gradação: *charmoso* < *muito charmoso* < *charmosão* ($\approx$ *charmosíssimo*), o que demonstra um uso marcadamente expressivo e estilístico do sufixo.

Sousa (2018), apoiando-se em Rio-Torto (1993), reforça que o sufixo -ão pode assumir valor intensificador, funcionando como uma forma alternativa ao sufixo -íssimo. Contudo, destaca que -íssimo, sob uma perspectiva axiológica, está fortemente ligado à valoração afetiva e subjetiva, sendo mais recorrente em registros coloquiais, familiares e entre falantes mais jovens. Esses usos revelam um deslocamento do foco meramente morfológico ou sintático para um plano semântico-estilístico, conforme proposto por Pottier (1978; 1992).

Dessa forma, observa-se que os graus superlativados estudados por Sousa (2018) não se limitam aos aspectos morfossintáticos da língua. Ao contrário, eles alcançam um nível mais complexo de análise que envolve a estilística, ao considerar a expressividade como fenômeno linguístico e discursivo, marcado por intensificações afetivas, valorações subjetivas e recursos de construção do sentido social e emocional da linguagem.

3.3 Tonalidades emotivas das palavras/sinais

Conforme Martins (2000) e Sousa (2018), as palavras não são entidades vazias de sentido; ao contrário, carregam consigo tanto uma dimensão intelectual quanto afetiva. Essas expressões são dotadas de significado próprio, que pode resultar do conteúdo lexical, da entoação (em enunciados orais), ou de recursos gráficos como aspas, negrito, letras maiúsculas ou minúsculas e variações tipográficas (em enunciados escritos). Tais elementos são indicadores de valoração afetiva, juízo, avaliação e estão diretamente associados às funções comunicativas e aos estados psíquicos do enunciador. De forma semelhante, esse processo

também ocorre na Língua Brasileira de Sinais (Libras), onde as escolhas sinalizadas refletem intenções comunicativas, especialmente no contexto dos atos de fala (Martins, 2000).

Ainda segundo Martins (2000), os adjetivos revelam o estado emocional do enunciador, enquanto os substantivos abstratos expressam sentimentos, qualidades ou estados de maneira mais generalizada e menos diretamente ligada ao sujeito que fala. Essa distinção pode ser observada nas seguintes alternâncias sintáticas:

- a) *A menina triste me comoveu.*
- b) *A tristeza da menina me comoveu.*
- c) *A tristeza sempre me comove.*

As três construções, embora semanticamente próximas, demonstram variações na forma de expressão da afetividade. A alternância entre adjetivos e substantivos abstratos, como nesses exemplos, reflete fenômenos estudados no campo da estilística, revelando os efeitos expressivos e emocionais provocados nos interlocutores.

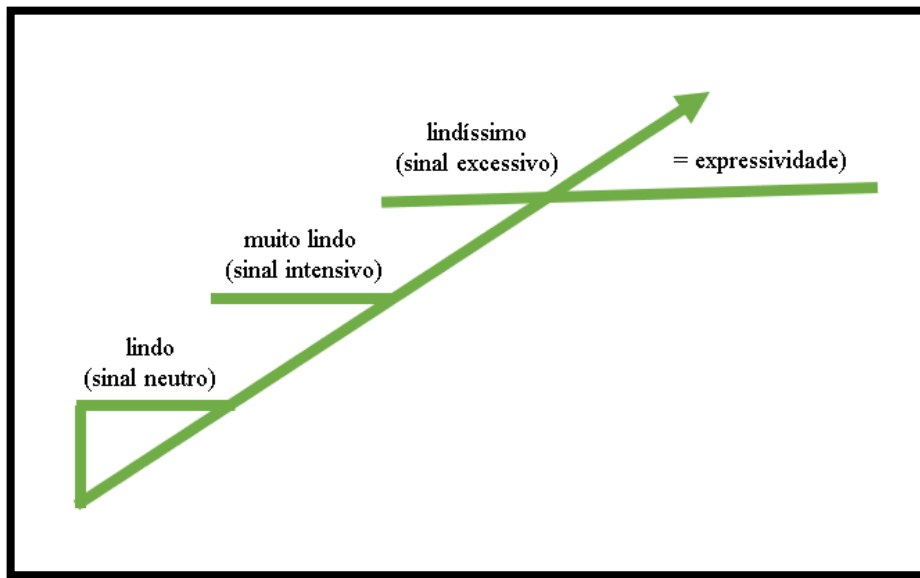
As palavras ou sinais que expressam julgamentos pessoais geralmente carregam dualidades avaliativas, ou seja, podem ser positivas ou negativas, valorizadoras ou depreciativas. O julgamento, portanto, pode ocorrer tanto em sentido elogioso quanto crítico, dependendo do contexto e da intenção comunicativa.

Na Libras, também há sinais que expressam conteúdo afetivo, com traços marcadamente avaliativos, que evidenciam a presença da expressividade nas línguas de sinais. Assim como nas línguas orais, esses sinais podem ser usados para manifestar valorações intensivas ou excessivas, funcionando como recursos estilísticos que ampliam o sentido afetivo do enunciado.

Em vista disso, é possível classificar determinados sinais da Libras que remetem a palavras de significação intensa e excessiva, os quais desempenham papel central na constituição da expressividade linguística, refletindo, portanto, fenômenos estilísticos diretamente relacionados à afetividade.

a) Sinais excessivos ou intensivos podem exprimir diferentes graus de expressividade na Libras, evidenciando cargas afetivas ou avaliativas atribuídas pelo enunciador. Um exemplo claro ocorre na gradação do sinal LINDO, que pode ser intensificado conforme a intenção expressiva: LINDO → MUITO LINDO → LINDÍSSIMO.

Figura 41 – Esquema do grau de expressividade do sinal LINDO

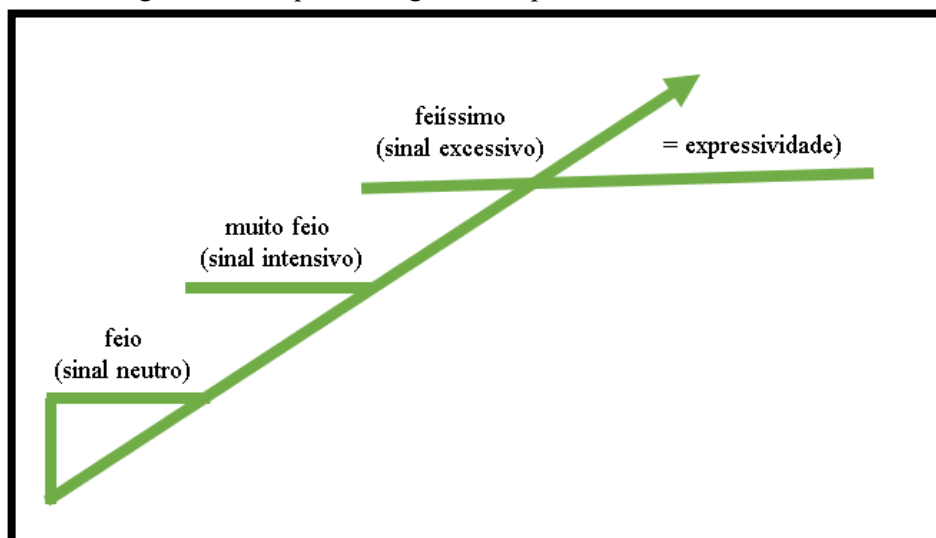


Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa sequência evidencia uma escalaridade expressiva, que não apenas qualifica o objeto sinalizado, mas também revela o envolvimento subjetivo do locutor com o conteúdo do enunciado. Tais intensificações são construídas com base na repetição, no uso de expressões faciais mais marcadas, ou mesmo na incorporação de outros recursos da modalidade visuoespacial da Libras, configurando, assim, uma forma de estilística visual.

b) Os sinais excessivos ou intensivos podem também exprimir gradações negativas de expressividade na Libras, como no caso do sinal FEIO, que pode ser intensificado conforme a intenção comunicativa do enunciador: FEIO → MUITO FEIO → FEÍSSIMO.

Figura 42 – Esquema do grau de expressividade do sinal FEIO



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa progressão representa uma escala de intensificação afetiva, na qual o enunciador atribui maior carga expressiva ao conteúdo do enunciado, reforçando a avaliação negativa por meio da linguagem sinalizada. Tais intensificações podem ser expressas por recursos próprios da Libras, como a modulação do movimento, a expressividade facial e a repetição enfática do sinal, elementos essenciais na constituição da estilística da língua de sinais. Os exemplos anteriores apontam para uma escala que vai desde a modalidade neutra até a forma mais expressiva do qualificador. Quanto mais expressivo, a forma qualificadora torna-se mais subjetiva (dada a avaliação, valoração, afetividade).

CAPÍTULO IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. Inicialmente, caracterizamos a pesquisa; em seguida, tratamos do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre; por fim, descrevemos os procedimentos de análise empregados.

4.1 Caracterização Geral da Pesquisa

Toda pesquisa parte de uma indagação, com o intuito de solucionar um problema específico, em qualquer área do conhecimento. Para isso, torna-se necessário reunir informações de forma sistemática, visando à resolução da questão proposta. Conforme Mouly (1978, p. 12), a pesquisa é um “processo de se chegar a soluções confiáveis para problemas por meio da coleta, análise e interpretação planejadas e sistemáticas dos dados”.

Gil (2008, p. 26) reforça essa concepção ao afirmar que a pesquisa é um “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” Assim, toda investigação científica é guiada por uma pergunta que busca respostas inéditas, contribuindo para o avanço do conhecimento. No presente estudo, partimos de uma coleta de dados voltada à formulação e à testagem de hipóteses, as quais orientam as análises desenvolvidas.

Quanto à natureza, esta é uma pesquisa básica, cujo objetivo é ampliar o conhecimento científico (Paiva, 2019, p. 11). Segundo Gil (2008), a pesquisa básica visa à produção de novos saberes de caráter generalizável, capazes de contribuir para a compreensão de fenômenos em diferentes áreas do conhecimento. Neste estudo, o fenômeno investigado é a expressividade em Libras, sob uma perspectiva estilística.

Em relação à abordagem metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Paiva (2019), a pesquisa qualitativa busca compreender, descrever e, eventualmente, explicar fenômenos sociais a partir de um olhar interpretativo aprofundado sobre um grupo social ou uma organização. Optamos por essa abordagem por acreditarmos em sua capacidade de abarcar diferentes áreas do saber, proporcionando análises que vão além da quantificação dos dados. Especificamente, este trabalho busca analisar e interpretar a expressividade em Libras com base em dados extraídos do Inventário de Libras.

No que tange aos objetivos, a pesquisa é explicativa, pois visa explicar os fenômenos de expressividade com base em usos reais da Libras em contextos de interação entre pares. Conforme Gonçalves (2003, p. 66), a pesquisa explicativa “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno, com interesse nas fontes e razões das coisas”. Assim, o objetivo geral desta investigação é analisar, sob uma perspectiva estilística, os recursos expressivos utilizados por surdos acreanos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC), empregados para intensificar ideias.

A partir desse objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever, sob a ótica estilística, a expressividade em Libras;
- b) identificar os recursos estilísticos (fonético-fonológicos e morfológicos) utilizados pelos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC);
- c) interpretar as expressividades à luz dos conceitos de axiologia, valoração e subjetividade;
- d) descrever os articuladores manuais e não manuais presentes nos dados selecionados como marcas expressivas implícitas ao sinal típico.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é de natureza documental, tendo como fonte primária de dados os vídeos do Inventário de Libras de Rio Branco. A investigação documental, neste caso, parte dos registros audiovisuais do Inventário, de onde foram extraídos os fenômenos de expressividade estilística a partir de trechos das atividades de entrevistas, elicitação e interações entre pessoas surdas residentes em Rio Branco, Acre.

4.2 Inventário de Libras de Rio Branco, Acre – a geração dos dados

Segundo Quadros e Sousa (2021), o procedimento de coleta de dados para o Inventário de Libras da Região de Rio Branco (AC) seguiu a mesma metodologia do projeto matriz desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para tanto, foram realizados treinamentos presenciais com o objetivo de estudar a estrutura do projeto matriz e compreender as formas de execução de cada uma de suas etapas. No entanto, as atividades acadêmicas foram temporariamente suspensas em decorrência da pandemia de Covid-19.

Durante o período de isolamento social, foi realizado um novo treinamento remoto com a participação de pesquisadores da UFSC, UFAL, UFC e UFT. Nesse contexto, discutiram-se aspectos éticos, critérios de seleção dos participantes, montagem dos estúdios, recursos tecnológicos necessários e o uso da ferramenta ELAN.

Com o retorno das atividades presenciais, o coordenador local do projeto – professor Alexandre Melo de Sousa – convocou os pesquisadores surdos e ouvintes para a retomada das ações.

O primeiro passo consistiu na seleção dos pesquisadores surdos. Os critérios adotados foram: a) ser natural da capital ou residir e interagir com a comunidade surda local há, pelo menos, dez anos; e b) ser extrovertido e articulado (preferencialmente com experiência acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação). Foram selecionados, assim, os professores do curso de Letras Libras da UFAC: Israel Bissat Amim, Daniel Braga Gomes e Lucas Vargas Machado da Costa. Os pesquisadores passaram por treinamento específico para o manuseio dos equipamentos tecnológicos e resolução de eventuais imprevistos durante as filmagens.

O segundo passo foi o convite aos surdos participantes. Inicialmente, foram convidados estudantes surdos dos cursos de Letras Libras, Sistemas de Informação e do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre (UFAC). Posteriormente, o coordenador e parte da equipe dirigiram-se ao Centro de Apoio ao Surdo do Acre (CAS) e à Associação dos Surdos do Acre (ASSACRE), conforme previsto no projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 35002620.9.0000.5010).

Os grupos de participantes surdos foram assim organizados:

Tabela 1 – Grupos de participantes

Grupos	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	N	%
Grupo 1	06	18,18	06	18,18	12	36,36
Grupo 2	06	18,18	06	18,18	12	36,36
Grupo 3	04	12,12	05	15,15	09	27,27
Total	16	48,48	17	51,52	33	100%

Fonte: Sousa e Garcia (2023, p. 117).

Como se observa, o Grupo 1 foi composto por 6 homens e 6 mulheres, com idades entre 18 e 29 anos. O Grupo 2 também contou com 6 homens e 6 mulheres, cujas idades variavam entre 30 e 49 anos. No entanto, o Grupo 3 não foi integralmente constituído: participaram 4 homens e 5 mulheres com idades iguais ou superiores a 50 anos.

Segundo Sousa e Garcia (2023), as gravações ocorreram no primeiro semestre de 2023, sendo os horários organizados conforme a disponibilidade de cada participante. A equipe de pesquisadores ouvintes ficou responsável pelos aspectos técnicos e logísticos da pesquisa, incluindo a condução dos participantes surdos de suas residências até o local de gravação, a

organização do ambiente e a coleta das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

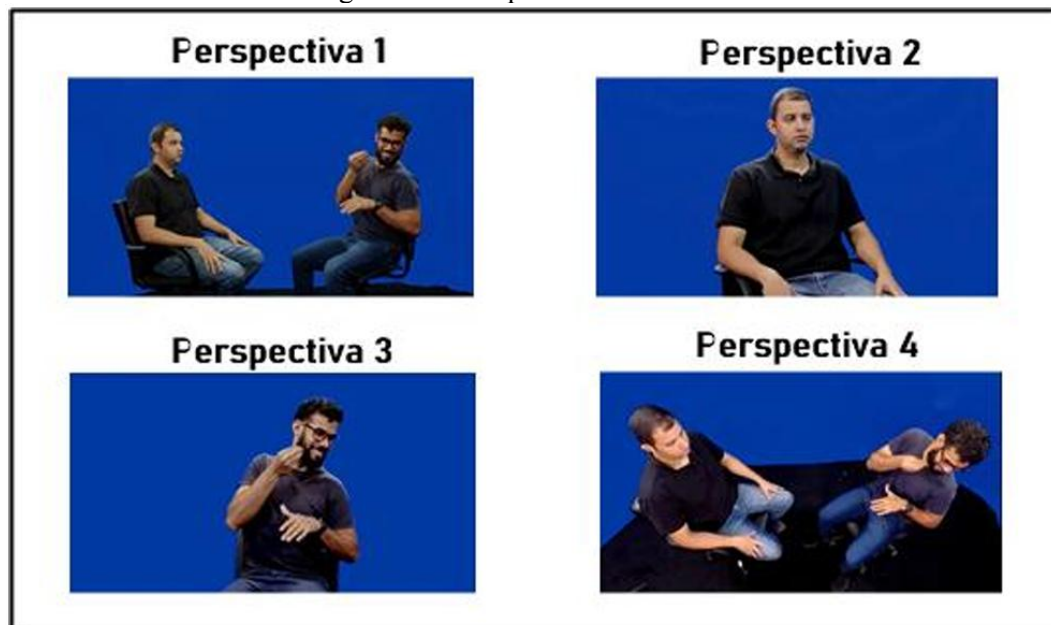
O estúdio foi montado segundo as orientações do projeto matriz, com paredes na cor azul royal, piso preto, iluminação adequada para evitar sombras, além de notebooks, televisão e quatro câmeras posicionadas para a captação das imagens.

De acordo com Sousa e Garcia (2023, p. 114):

As diferentes perspectivas possibilitam maior detalhamento e visibilidade real da produção dos sinais, em todos os parâmetros e movimentações do corpo (tronco, cabeça etc.). Além disso, as paredes eram da cor azul Royal e os participantes usavam camisetas de cor preta. Essas exigências de padronização de cores foram importantes para a perfeita visualização dos sinalizadores.

A seguir, apresentamos as perspectivas das câmeras:

Figura 43 – Perspectivas das câmeras



Fonte: Sousa e Garcia (2023, p. 114).

Para garantir o cumprimento adequado de todas as etapas da pesquisa, foi realizada uma gravação piloto (teste) com dois dos pesquisadores surdos. Após essa etapa preliminar, iniciaram-se as gravações definitivas. Sousa e Garcia (2023, p. 114–115) descrevem as etapas das entrevistas e das atividades de elicitación da seguinte forma:

Os estímulos utilizados para as interações (imagens, textos) foram projetados em telas posicionadas de frente para os participantes, sem que fossem captados

pelas câmeras do projeto. Os dados foram coletados a partir de cinco momentos distintos:

- a) Entrevista inicial, com perguntas de cunho pessoal, como: Qual o seu nome? Qual o seu sinal? Qual a origem do seu sinal? Qual sua idade? Com que idade ocorreu a aquisição da Língua Brasileira de Sinais? Por que motivo você começou a aprender Libras? Como era/é o uso da Libras na escola onde você estudou/estuda? – entre outras;
- b) Atividade de elicitación de narrativas 1: exibição de dois curtas-metragens (cada participante assistia a um filme) que deveriam ser recontados para o parceiro de interação;
- c) Atividade de elicitación de narrativas 2: exibição de duas histórias em formato de lâminas ilustradas (cada participante assistia a uma história) que deveriam ser narradas ao parceiro de interação;
- d) Conversa espontânea sobre temas relacionados à cultura local, tais como: espaços de lazer em Rio Branco, comidas típicas do Acre, alagações e queimadas, impactos da pandemia de Covid-19 sobre a comunidade surda, tecnologias e o uso do implante coclear;
- e) Atividade de elicitación gramatical e lexical: apresentação de estímulos visuais ou textuais para que os participantes sinalizassem elementos gramaticais (como pronomes e verbos) ou lexicais (como alimentos, profissões, sentimentos, entre outros).

Após a conclusão das gravações, os vídeos foram devidamente armazenados e atualmente estão em processo de transcrição. Para os fins da presente tese, foram selecionadas duas das atividades: (1) a entrevista pessoal e (2) a conversação sobre temas livres.

4.3 Procedimento de Análise

A escolha pelos Grupos 1 e 2 foi motivada por razões metodológicas e práticas. Inicialmente, as entrevistas foram realizadas respeitando a ordem sequencial dos grupos (Grupo 1, Grupo 2 e, por fim, Grupo 3). O Grupo 3, no entanto, foi desconsiderado nesta etapa da análise por não ter atingido o número previsto de participantes — contando apenas com 5 mulheres e 3 homens. Dessa forma, optamos por utilizar os Grupos 1 e 2, que estavam completos (6 homens e 6 mulheres em cada grupo) e cujos dados foram integralmente gravados, editados e armazenados.

A seleção dos 12 participantes do Grupo 1 (6 homens e 6 mulheres, com idades entre 18 e 29 anos) e dos 12 participantes do Grupo 2 (também 6 homens e 6 mulheres, com idades entre 30 e 49 anos) se deu pelo fato de esses vídeos terem sido os primeiros finalizados. Para esta pesquisa, selecionamos exclusivamente os vídeos referentes à entrevista pessoal e à conversação sobre temas livres desses participantes.

Após a triagem dos dados, chegou-se ao total de 7 participantes cujos registros continham ocorrências relevantes para a análise. Desses, alguns apresentaram apenas uma

ocorrência (um sinal), enquanto outros apresentaram múltiplas ocorrências. A distribuição foi a seguinte:

Tabela 2 – Quantitativo de sinais expressivos

Participantes	Sinais expressivos
P1	02
P2	04
P3	02
P4	04
P5	01
P6	01
P7	01
Total	15

Fonte: Dados da pesquisa

Durante a atividade de entrevista, o pesquisador abordou temas relacionados a aspectos pessoais, educacionais e de acessibilidade. Já na atividade de conversação livre, o pesquisador apresentava uma imagem previamente selecionada — como a que será mostrada a seguir — com o objetivo de motivar a interação entre os participantes da dupla. A partir da imagem, o tema era desenvolvido conjuntamente pelos dois surdos (pesquisador e participante). O tema era apresentado em projetor de multimídia.

Figura 44 – Slide conversação livre



Fonte: Arquivo do Inventário (2022).

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises dos dados. Inicialmente, destacaremos os trechos selecionados de cada vídeo, acompanhados das respectivas

transcrições em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e em português. Em seguida, serão disponibilizadas as ilustrações, por meio de imagens e links para os vídeos correspondentes. Na etapa subsequente, realizaremos as interpretações das expressividades observadas, fundamentadas nos pressupostos da Estilística da linguagem propostos por Bally (1941; 1951), bem como em contribuições de outros autores que abordam a estilística e a expressividade linguística.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados, com o objetivo de evidenciar as formas de expressividade utilizadas por participantes surdos do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre, no sentido de intensificar ideias. Como já mencionado no capítulo anterior, nosso foco é destacar essas manifestações expressivas sob uma perspectiva estilística da linguagem — conforme concebida por Bally (1941; 1951) e Sousa (2018) —, a partir de marcas fonético-fonológicas e morfológicas características da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Os trechos analisados, conforme descrito nos procedimentos metodológicos, correspondem às atividades de entrevista pessoal e conversação sobre temas livres. No primeiro bloco de análise, concentramo-nos nas interações dos participantes do primeiro grupo etário (18 a 29 anos). Os vídeos foram examinados individualmente, com atenção especial aos momentos em que os participantes produziam formas linguísticas consideradas expressivas, levando em conta, sempre que pertinente:

I – Expressividade fonético-fonológica

A análise da expressividade fonético-fonológica considerou os seguintes aspectos:

- a) a produção do sinal em uma construção espacial ampliada, em comparação com sua forma típica de realização;
- b) a intensificação da tensão e da força dos articuladores (braços, antebraços, mãos e dedos) durante a produção do sinal;
- c) a incorporação de expressões faciais e corporais associadas à realização típica do sinal;
- d) a movimentação direcional do corpo (incluindo deslocamentos para frente ou para trás e fechamento do tórax) simultaneamente à produção do sinal.

II – Expressividade morfológica

Foram também observados traços morfológicos de expressividade, tais como:

- a) a duplicação das mãos em sinais que, em sua forma típica, são produzidos com apenas uma mão (monomanuais);
- b) a repetição da realização de sinais, além do necessário para sua compreensão semântica.

É importante destacar que, neste trabalho, denominamos “forma típica de realização” a sinalização desprovida de traços de expressividade, comumente observada em contextos mais formais e objetivos de uso da Libras.

As análises a seguir contemplam a imagem do sinal expressivo, o link para o vídeo correspondente, a transcrição em Libras e em português, a descrição técnica do sinal e, por fim, a interpretação estilística, com base nos referenciais teóricos adotados.

Todos os vídeos dos Grupos 1 e 2 foram assistidos na íntegra. A partir dessa triagem, identificamos sete participantes (homens e mulheres, com faixas etárias distintas) cujos dados apresentaram ocorrências relevantes para análise linguística no que tange à expressividade.

Os participantes foram apresentados em sequência, englobando integrantes tanto do Grupo 1 quanto do Grupo 2. Para fins de distinção nos registros e análises, utilizamos a seguinte nomenclatura: G1 para os participantes do Grupo 1 e G2 para os do Grupo 2, conforme consta nas colunas de identificação dos dados extraídos dos vídeos, organizados durante o processo de arquivamento do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre.

Essa sistematização segue o padrão metodológico estabelecido por Quadros *et al.* (2018, p. 35), no qual os dados são organizados com base em sua origem e localização no processo de coleta.

Quadro 4 – Grupo 1 e Grupo 2 (participantes homens e mulheres) com faixas etárias distintas

Grupo 1 e Grupo 2	1 - Quantidade de Participantes identificados após seleção dos dados: 3 homens e 2 mulheres do grupo 1, com faixa etária entre 16-29 anos 2 - Quantidade de Participantes identificados após seleção dos dados: 2 homens e 0 mulheres do grupo 2, com faixa etária entre 30-49 anos	
	RBR_G1_P1 ⁴ conversa Vídeo03	28
	RBR_G1_P2 conversa Vídeo03	28
	RBR_G2_P3 conversa Vídeo03	32
	RBR_G1_P4 conversa Vídeo03	26
	RBR_G1_P5 conversa Vídeo03	29
	RBR_G1_P6 conversa Vídeo03	22
	RBR_G2_P7 conversa Vídeo03	35

Fonte: Adaptado de Quadros *et al.* (2023, p. 115).

O Quadro 4 apresenta os participantes dos Grupos 1 e 2, conforme registrados em vídeo durante a etapa de coleta de dados do Inventário de Libras. Esse método de apresentação revela-se pertinente, pois permite a identificação e análise dos dados sem expor a identidade dos participantes.

⁴ Participante 1.

O participante a ser analisado a seguir apresentou dois sinais produzidos em contextos comunicativos distintos.

5.1 Expressividade no sinal ALGUM

Localizada entre os trechos 00:10:03 e 00:10:04 do vídeo, o participante, ao descrever os impactos da pandemia na vida escolar e acadêmica de surdos residentes em Rio Branco (AC), em determinado momento, utiliza o sinal ALGUM de forma expressiva, conforme analisado a seguir:

Quadro 5 – Link e transcrições em Libras e português do sinal **ALGUM (+ ALGUM)**

Link: https://youtube.com/shorts/No-PrM99Hxw?feature=share
Libras: ALUN@ ALGUM (+ ALGUM) , COMO EXPLICAR? CASA+.
Português: Como eu explico? Muitos alunos ficaram em casa constantemente.

Fonte: Autor (2025).

Inicialmente, foram apresentados o link do vídeo, a transcrição em Libras e a versão em português, conforme consta no Quadro 5. A seguir, serão realizadas as análises da imagem do sinal ALGUM (+ ALGUM) em sua forma expressiva, acompanhadas da descrição técnica do sinal e da interpretação estilística, com base nos referenciais teóricos adotados neste estudo.

Figura 45 – Sinal ALGUM (+ ALGUM)



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2022).

Em uma construção típica, o sinal ALGUM é realizado com apenas uma das mãos. No entanto, o participante produziu o sinal com ambas as mãos (ALGUM + ALGUM). Essa construção morfológica imprime um valor intensivo à enunciação, o que parece provocar uma alteração semântica: de ALGUM para MUITOS. No processo de interlocução, a expressividade manifesta-se no ato de fala do participante — possivelmente como reflexo da experiência de isolamento domiciliar vivenciada durante o período pandêmico.

Bally (1951) afirma que a expressividade está diretamente relacionada à subjetividade e à afetividade. Sousa (2018) complementa essa perspectiva ao destacar que o interlocutor recorre aos elementos disponíveis na língua como forma de intensificar ideias, mesmo que tais recursos não estejam previstos nos usos típicos. Assim, duplicar o sinal ALGUM parece ter sido a escolha expressiva do participante para intensificar a noção de quantidade de pessoas afetadas pelo isolamento social.

Segundo Xavier (2019), as expressões de intensidade na Libras ocorrem por meio de articuladores não manuais (sobrancelhas, olhos, bochechas, boca, tronco) e de aspectos dos articuladores manuais, como a configuração de mão (CM nº 06 e nº 09), orientação da palma da mão voltada para cima, uso do espaço (alçamento e alongamento da suspensão inicial e final), além de tipos de movimento, como repetição ou aumento do número de repetições e alongamento, entre outros.

No caso analisado, além da duplicação do sinal ALGUM, identificamos expressividade em elementos fonético-fonológicos marcados por articuladores não manuais, tais como sobrancelhas, olhos, bochechas, boca, tronco e tórax projetado para dentro, formando uma cavidade peitoral mais profunda. A coluna vertebral, levemente flexionada para frente, também compôs esse conjunto expressivo.

Essas marcas, descritas como aspectos fonético-fonológicos, manifestaram-se da seguinte forma: os olhos apresentavam-se semicerrados e tensos, com a testa levemente franzida e direcionada para baixo; a boca permanecia fechada e tensa, enquanto a cabeça inclinava-se sutilmente para o lado direito. Percebeu-se também uma tensão no pescoço, decorrente da pressão entre a cabeça e os ombros, com o pescoço projetado para frente. Os ombros estavam elevados, e o tronco — do abdômen ao pescoço — apresentava-se em uma curvatura côncava mediana, com a caixa torácica retraída e direcionada para trás, compondo um quadro corporal de tensão expressiva.

Os braços atuaram de forma coordenada e tensa, com aplicação de força visível na ulna e nos músculos de ambos os membros superiores, durante os movimentos de abertura e fechamento. Quanto ao antebraço, observou-se um movimento de expansão semiaberta, de dentro para fora, realizado no espaço frontal ao corpo e com evidente tensão. Os dedos das mãos mantinham simetria entre si, iniciando em configuração fechada e finalizando em posição aberta e espalmada, com tensão perceptível.

Todos esses articuladores não manuais e suas manifestações fonético-articulatórias funcionam como marcas de excesso — intensificadoras — no nível da expressividade durante a transição de uma ideia singular (ALGUM) para uma ideia coletiva intensificada (MUITOS).

Em relação aos articuladores manuais, identificamos os seguintes parâmetros da Libras: a configuração de mão inicia com a CM nº 06 e finaliza com a CM nº 09. A localização do sinal ocorreu no espaço neutro à frente do corpo do sinalizador. Quanto ao movimento, identificamos um deslocamento retilíneo: mão direita movendo-se da esquerda para a direita e mão esquerda da direita para a esquerda, ou seja, movimentos retilíneos e opostos. A orientação das palmas das mãos manteve-se voltada para trás e na diagonal superior, tanto no início quanto na finalização do sinal.

No plano morfológico, os parâmetros analisados apresentaram-se como marcas de excesso, com intensidade elevada ao máximo, atingindo o nível da expressividade. Assim, os articuladores manuais e não manuais associam-se ao valor intensificado do sinal ALGUM (+ ALGUM), operando como marcadores de intensidade crescente — mais, mais e mais — vinculando-se, portanto, a avaliações subjetivas e afetivas.

A seguir, serão apresentados alguns elementos como marcas de excesso e intensidade, que impulsionam o sinal em direção a uma expressividade marcada, especialmente por meio dos articuladores não manuais no contexto fonético-articulatório do sinal ALGUM (+ ALGUM).

Quadro 6 – Marcas de expressividade ALGUM

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Fechada e tensão	Direito e esquerdo
	Olhos	Semi Fechados e Tensos	Direito e esquerdo
	Testa	Franzida	Baixo
	Bochechas	Elevadas sutilmente	Cima
	Tronco	Concavo	Trás
	Caixa torácica	Aprofundada e tensa, Semi fechada	Direcionada para trás
	Sobrancelhas	Semi fechadas	Baixo
	Braços	Força	Esquerdo e direito
	Cabeça	Inclinada	Direito
	Pescoço	Força e tensão	Frente
	Ombros	Elevados	Cima
	Antebraços	Tensão	Opostas
	Dedos	Abertos e espalmados, Tensos	

Fonte: Autor (2025).

A seguir, apresentaremos os elementos linguísticos morfológicos como marcas de excesso e intensidade, que impulsionam o sinal em direção a uma maior expressividade por meio dos articuladores manuais no contexto da constituição, estruturação e forma do sinal ALGUM (+ ALGUM).

Quadro 7 – Marcas de expressividade ALGUM

	CM	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
Articuladores manuais	06 e 09	Espaço neutro com alçamento/alongamento da suspensão inicial ou final	Retilíneos MD e ME em direções opostas	Para trás, na diagonal cima	X

Fonte: Autor (2025).

Bally (1951) argumenta que, para compreendermos o valor expressivo da linguagem, é necessário contrapor os aspectos intelectual e afetivo. As formas intensificadoras, cujas expressões são diversas, estão intimamente associadas à afetividade. Quanto mais afetivo for um sinal — e, portanto, mais subjetivo — mais expressiva será a forma linguística utilizada. O exemplo apresentado do sinal ALGUM (+ ALGUM), somado às expressões não manuais observadas durante a produção do sinal, evidencia o valor afetivo (e expressivo) dessa construção sinalizada.

5.2 Expressividade do sinal RUIM

O mesmo participante, entre os minutos 00:10:30 e 00:10:33, enquanto discorria sobre os impactos da pandemia na vida escolar, destacou os transtornos causados pela instabilidade da internet utilizada para assistir às aulas síncronas. Em determinado momento do relato, ele afirma:

Quadro 8 – Link e transcrições em Libras e português do sinal RUIM

Link: https://youtu.be/vQvuG_LNHIE
Libras: ÀS VEZES, INSTABILIDADE MUITO-RUIM . EU VER CONFUSO.
Português Às vezes, devido à instabilidade da internet, a visualização ficava ruim.

Fonte: Autor (2025).

No Quadro 8, foram apresentados o link do vídeo, a transcrição em Libras e a transcrição em português. A seguir, serão apresentadas as análises da imagem do sinal RUIM muito em sua forma expressiva, além da descrição do sinal e da interpretação estilística.

Figura 46 - Sinal RUIMmuito



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2022).

O sinal de Libras RUIM, associado às expressões não manuais (como a cabeça inclinada, a testa franzida, sobrancelhas fechadas com tensão atenuante, olhos fechados com força, boca em formato de beijo/bico, bochechas sugadas, corpo projetado sutilmente para frente, braços elevados com tensão na ulna do lado direito, tórax com cavidade aprofundada e tronco flexionado para trás, em forma côncava, além dos dedos da mão direita alternando entre a forma aberta e tensionada), apresenta-se de forma intensificada pela utilização de elementos fonético-fonológicos.

Bally (1951) afirma que a noção quantitativa está diretamente relacionada à intensidade atribuída aos qualificadores. O sinal RUIM, embora já contenha uma carga avaliativa, ao ser modificado para RUIM muito, agrega uma nuance expressiva ainda mais intensa no ato comunicativo. Isso reflete a dinâmica da linguagem, onde a atribuição de valor, que pode ser compreendida como uma forma de axiologia, dá forma à subjetividade do falante, proporcionando maior ênfase e expressão à sua mensagem.

Sousa (2018) complementa essa análise ao afirmar que o grau expressivo na linguagem se estrutura em uma escala estilística, que vai da posição neutra até a extrema expressividade, com o uso criativo dos recursos gramaticais e lexicais disponíveis na língua. O pesquisador exemplifica essa escalabilidade com a progressão de BELO (neutro) a BELO-BELO-BELO (expressivo 3) e BELELÉRRIMO (expressivo 4), entre outros.

Em Libras, observamos que o participante utilizou expressões não manuais para intensificar a ideia de "ruim". Na interlocução, o caráter subjetivo do falante, que provavelmente vivenciou as dificuldades relacionadas à instabilidade da conexão de internet, parece atribuir um valor maior à experiência, intensificando, dessa forma, o significado do próprio sinal. Este processo pode ser interpretado como uma forma de dar "peso" ao que é transmitido, com um claro reflexo da axiologia do falante.

Os articuladores não manuais, que aqui identificamos como expressões que marcam excesso e intensificação, atuam como elementos fonético-articulatórios que ampliam a expressividade do sinal RUIM muito. Através de tais expressões, o sinal não apenas comunica, mas expressa de forma ampliada a experiência pessoal do interlocutor, reforçando a dimensão afetiva e subjetiva da comunicação.

A axiologia na análise de sinais de Libras, como o caso do sinal RUIM muito, está diretamente ligada à forma como o falante atribui valor ao que está comunicando, dando maior intensidade a uma experiência ou sensação. Ao utilizar recursos expressivos, o falante não apenas comunica um conceito, mas atribui-lhe uma carga emocional e subjetiva, que se traduz na intensidade das expressões e na escolha dos articuladores manuais e não manuais. Esse processo é um exemplo de como a linguagem, em sua forma mais expressiva, carrega não apenas informações, mas também sentimentos, vivências e avaliações pessoais, refletindo o valor atribuído a cada experiência (Murry, 1968; Paz Gago, 1993).

Quadro 9 – Marcas de expressividade RUIMmuito

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Beijo fechada com tensão na forma em bico	Frente
	Olhos	Fechados com força	X
	Testa	Franzida	Baixo
	Bochechas	Sugadas	Dentro
	Tronco	Concava	Esquerdo
	Caixa torácica	Aprofundada na forma mediana e inclinada	Esquerda
	Sobrancelhas	Fechadas com tensão atenuante	Baixo
	Braços	Elevado com tensão no ulnar	Direito
	Cabeça	Inclinada	Direito
	Pescoço	Tensa sutilmente	Direito
	Ombros	Elevados	Direito
	Dedos	Abertos e alternados na forma alternada	Direito

Fonte: Autor (2025).

No sinal RUIM muito, identificamos, após análise dos dados, elementos linguísticos que podem ser considerados aspectos morfológicos. Isso ocorre a partir dos parâmetros da Libras, os quais funcionam como marcas de excesso e intensidade, impulsionando o sinal para uma maior expressividade por meio dos articuladores manuais, no contexto da constituição, estruturação e forma do sinal RUIM muito.

Quadro 10 – Marcas de expressividade RUIMmuito

Articuladores manuais	CM	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	06	Dorso da mão direita tocando o queixo	Circular no punho	Baixo	X

Fonte: Autor (2025).

Para Monteiro (1991), a inclusão de formas intensificadoras em adjetivos que já possuem valoração é um recurso estilístico de natureza morfológica, amplamente utilizado nos usos da língua. Esse conceito é compartilhado por outros estudiosos, como Bally (1941; 1951) e Sousa (2018), que ressaltam a função intensificadora da linguagem, a qual visa ampliar ou enfatizar a intensidade de uma determinada característica expressa pelo adjetivo. Em outras palavras, ao adicionar um elemento de intensidade a um adjetivo já qualificativo, o falante potencializa a avaliação, atribuindo-lhe maior força expressiva.

A intensificação de significados reflete não apenas uma escolha linguística, mas também um reflexo das estratégias discursivas adotadas pelo interlocutor para destacar ou reforçar determinados aspectos da sua comunicação. Tais processos, portanto, desempenham um papel crucial na transmissão de emoções e afetos, sendo evidentes tanto na linguagem falada quanto na língua de sinais, como veremos adiante.

A próxima participante apresentou quatro sinais, que foram apresentados de forma separada, e sua análise levará em conta os aspectos morfológicos e expressivos de cada um, a fim de compreender a intensificação de significados e sua função estilística no contexto da comunicação em Libras.

5.3 Expressividade do sinal MELHOR-MAIS

A participante, entre os trechos 00:06:46 e 00:06:49, ao relatar sobre a Covid-19 e seus impactos na vida das pessoas surdas, enfatizou os prejuízos causados pela situação de

isolamento, especialmente nos contextos educacionais. Em determinado momento de sua fala, ela compara o ensino remoto com o ensino presencial, afirmando:

Quadro 11 – Link e transcrições em Libras e português do sinal MELHOR-MAIS

Link: https://youtube.com/shorts/s8MtkKSmVf8?feature=share
Libras: O ENSINO REMOTO, COMO EXPLICAR? APRENDER, DEMORAR. O ENSINO PRESENCIAL MELHOR MAIS DO-QUE.
Português: O aprendizado por meio do ensino remoto é mais demorado. O ensino presencial é bem melhor do que o ensino remoto.

Fonte: Autor (2025).

No quadro anterior, observamos que a sinalização em Libras realizada pela participante é apresentada por meio do link do vídeo, enquanto a transcrição em Libras e em português registra as formas escritas. A seguir, serão apresentadas as análises da imagem do sinal MELHOR-MAIS em sua forma expressiva, juntamente com a descrição do sinal e a interpretação estilística.

Figura 47 – Sinal MELHOR-MAIS



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2022).

Monteiro (1991) explica a comparação entre ideias qualificadoras como um recurso estilístico relacionado ao grau, destacando como a intensificação de significados contribui para a expressividade e a construção de valor no discurso. A produção do sinal MELHOR-MAIS pela participante insere-se em um contexto de comparação entre o ensino remoto e o ensino presencial, onde a intenção comunicativa se manifesta de forma clara. No entanto, para além da partícula intensificadora MAIS, a participante surda utiliza expressões não manuais (como

movimentos da boca, bochechas e, principalmente, desvios do olhar e das sobrancelhas) que intensificam ainda mais a ideia transmitida.

Os articuladores não manuais são identificados em detalhes na produção do sinal. A cabeça é inclinada para o lado direito, a testa é franzida, movendo-se de forma sutil para cima e para baixo, os olhos inicialmente estão fechados, passando a estar abertos na segunda imagem, e a boca, inicialmente fechada, finaliza semiaberta. As bochechas são sutilmente sugadas para dentro na primeira imagem, enquanto as sobrancelhas inicialmente estão voltadas para baixo e depois são elevadas. Os dedos das mãos estão abertos de baixo para cima, com tensão, o tronco é sutilmente inclinado para trás, e o tórax apresenta uma leve concavidade na primeira imagem. Os braços, tensos, se movem de baixo para cima, sugerindo uma ideia de leveza associada a algo pesado, conferindo ao sinal uma força que garante sua intensidade.

Em relação aos articuladores manuais, o sinal segue os parâmetros morfológicos da Libras, com movimento retilíneo e unidirecional, utilizando as configurações manuais CM nº 02 em ambas as mãos. As palmas das mãos inicialmente estão voltadas para cima e, em seguida, para baixo. O espaço do sinal ocorre inicialmente abaixo do maxilar e finaliza no espaço neutro, fora do corpo.

As expressões não manuais, enquanto elementos linguísticos, se configuram como marcas de excesso e intensidade. Elas impulsionam o sinal MELHOR-MAIS em direção a uma expressividade ampliada no contexto fonético-articulatório. Esse uso intensificador de elementos não manuais, como discutido por Bally (1941; 1951), revela a dimensão axiológica da comunicação: a intensificação não se limita ao aumento quantitativo da ideia transmitida, mas atribui um valor afetivo e subjetivo à comparação, fortalecendo a interpretação do falante sobre as diferenças entre os dois contextos educacionais.

Segundo Bally (1941; 1951), a expressividade da linguagem é determinada pela interação entre os aspectos morfológicos e a subjetividade do falante. No caso do sinal MELHOR-MAIS, essa expressividade valorativa se configura não apenas como uma comparação objetiva, mas também como uma forma de imprimir um juízo de valor sobre as experiências vividas no contexto educacional, em que o ensino remoto emergencial (ERE) é avaliado em termos de impacto emocional e subjetivo.

Quadro 12 – Marcas de expressividade MELHOR-MAIS

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Aberta e fechada	X
	Olhos	Fechados e abertos	X
	Testa	Franzida	Baixo e para cima de forma sutil
	Bochechas	Sugadas	Dentro
	Tronco	Concava sutil	Trás
	Caixa torácica	Concava	Trás
	Sobrancelhas	Fechadas com tensão	Baixo e suspensa/cima
	Braços	Tensão	Cima e baixo
	Cabeça	Inclinada	Direito
	Dedos	Abertos com tensão	Baixo e cima

Fonte: Autor (2025).

Os parâmetros da Libras, com seus significados, implicam resultados que se configuram como marcas de excesso e intensidade, as quais impulsionam o sinal em direção a uma expressividade ampliada no contexto morfológico. Isso se reflete na constituição, estruturação e forma do sinal MELHOR-MAIS, onde a combinação de articuladores manuais e não manuais contribui para a intensificação do significado, conferindo ao sinal um grau maior de expressividade e valorização.

Quadro 13 – Marcas de expressividade MELHOR-MAIS

Articuladores manuais	CM	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	02	No maquilar e finaliza no espaço neutro	Retilíneo	Trás e cima	x

Fonte: Autor (2025).

Para Bally (1951, p. 175), a noção de valor constitui “um conjunto complexo, mas em concordância na sua totalidade, dos fatos do pensamento que determinam na língua a distinção entre as expressões tomadas pelo lado bom ou pelo lado ruim”. A valoração, portanto, está intrinsecamente ligada à subjetividade do falante, refletindo suas experiências, percepções e afetos, e se manifesta diretamente na linguagem como um processo de atribuição de valor a um conceito ou situação. Esse aspecto da linguagem, como destacam os estudos de Bally, revela não apenas um jogo entre o positivo e o negativo, mas uma construção contínua de significados que são moldados pela vivência e pelas escolhas linguísticas do interlocutor.

No caso da participante, a utilização do sinal MELHOR-MAIS com expressões não manuais intensificadoras demonstra claramente essa valoração subjetiva. A comparação entre o ensino remoto e o ensino presencial não é apenas uma distinção objetiva, mas uma avaliação carregada de valor afetivo, que reflete a experiência individual e a carga emocional associada ao contexto vivido. Como argumenta Sousa (2018), a valoração subjetiva se manifesta na forma como o interlocutor utiliza os recursos linguísticos disponíveis, seja através de variações morfológicas, seja pela intensificação de significados com recursos estilísticos. No caso da participante, o uso do sinal MELHOR-MAIS não apenas transmite uma comparação, mas imprime um julgamento de valor que amplia e intensifica o significado do sinal, conferindo-lhe uma expressividade única e profundamente ligada à experiência vivida de isolamento e adaptação ao ensino remoto.

Assim, a noção de valor, como abordada por Bally (1951) e Sousa (2018), não se limita à simples atribuição de qualidades, mas envolve uma dimensão profunda de subjetividade e afetividade, que é fundamental para a construção da linguagem como meio de expressão e comunicação.

5.4 Expressividade do sinal SENTIR-BEM-MAIS-QUE-O-COMUM

Na temática "Entrevista", entre os trechos 00:02:39 e 00:02:51, a participante, em resposta ao professor surdo pesquisador que a instigou a refletir sobre o uso da Língua de Sinais e os impactos que isso teve em sua vida, discorreu sobre o desenvolvimento linguístico proporcionado pela Língua de Sinais. Ela abordou não apenas o processo de aprendizado, mas também a maneira como essa língua possibilitou uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. Em determinado momento do relato, a participante afirma:

Quadro 14 – Link e transcrições em Libras e português do sinal SENTIR-BEM-MAIS-QUE-O-COMUM

Link: https://youtu.be/z26UCWAjIUM
Libras: EU SENTIR-(bem-mais-que-o-comum) VERDADE, ELA (A Libras) AJUDAR. SE LIBRAS AJUDAR NADA, EU SABER COMO, ONDE? IMPORTANTE AJUDAR LIBRAS DESENVOLVER, APRENDER.
Português: Eu sinto (bem-mais-que-o-comum) de verdade que a Libras me ajuda e se não fosse a Língua de Sinais, como eu saberia das coisas? A língua de Sinais é importante porque nos auxilia em nosso desenvolvimento e no aprendizado.

Fonte: Autor (2025).

No link do vídeo, foi possível assistir ao trecho em que a participante identifica o dado (sinal) expressivo, evidenciando o momento exato de sua manifestação. Simultaneamente, a transcrição em Libras e em português registrou as formas escritas do sinal. A seguir, apresentaremos as análises da imagem do sinal SENTIR-BEM-MAIS-QUE-O-COMUM em sua forma expressiva, incluindo a descrição detalhada do sinal e sua interpretação estilística.

Figura 48 – Sinal SENTIR-bem-mais-que-o-comum



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

A produção do sinal SENTIR-bem-mais-que-o-comum, em sua forma intensificada, está diretamente relacionada a aspectos afetivos e emocionais, o que evidencia a carga subjetiva de sua expressão. O léxico desse sinal, inicialmente em um nível neutro, se escalona para um grau maior de expressividade. Essa intensificação reflete a sensibilidade da participante ao relatar o impacto da Língua de Sinais em sua vida. A participante demonstra que a Libras lhe proporcionou acesso a diversas áreas, como educação, esporte, lazer, política, arte, entre outras. Ao falar de sua experiência, ela o faz de maneira subjetiva, destacando o quanto essa língua a ajudou na sua constituição pessoal. Essa subjetividade é perceptível quando analisamos as marcas dêiticas presentes na produção discursiva, como o uso de pronomes de primeira pessoa. Esse fenômeno pode ser verificado no enunciado em Libras, quando a participante usa “ME” (com o sentido de “EU”), o que evidencia uma individualidade inerente ao signo. Como Sousa (2018, p. 51) aponta, o uso do “EU” já em si remete a uma subjetividade, pois carrega a ideia de individualidade e experiência pessoal.

Além disso, o sinal SENTIR-bem-mais-que-o-comum, ao ser escalonado para uma forma mais intensificada, adquire maior carga expressiva devido às expressões faciais, um dos

parâmetros fundamentais da Libras. Observamos, nesse contexto, expressões faciais intensificadas: a boca fechada de forma mais tensa, os olhos bem fechados com força, sobrancelhas arqueadas para baixo de forma reflexiva, testa franzida para baixo, maçãs do rosto levantadas, ponta do queixo sutilmente inclinada para frente, cabeça levemente inclinada para a direita, ombro direito levantado em direção à cabeça, enquanto o ombro esquerdo se mantém mais baixo. A cabeça inclinada para frente, juntamente com a caixa torácica aprofundada para dentro, reforça a sensação de intensidade e profundidade no gesto.

No que diz respeito aos articuladores manuais, as mãos da participante apresentam a configuração de mãos CM nº 13, que, quando associada a outros parâmetros fonológicos, cria um sinal distinto e mais complexo. As configurações de mãos e os movimentos retilíneos contribuem para o trajeto do sinal, adicionando uma dinâmica específica ao seu significado. Outros parâmetros fonológicos, como a locação ou o ponto de articulação no peito, e a orientação das palmas das mãos, que inicialmente apontam para cima e, ao final, se direcionam para trás, ampliam a intensidade do sinal. Além disso, o toque repetido na caixa torácica, juntamente com a direção da palma voltada para trás, reforça a ideia de que o sinal está sendo intensificado.

Esses elementos não manuais e manuais funcionam como marcas de excessividade e intensidade, impulsionando o sinal para uma maior expressividade no contexto fonético-articulatório do sinal SENTIR-bem-mais-que-o-comum. A intensificação do sinal é clara, com a transição de uma ideia inicial para uma forma mais expressiva e carregada de significado. Como Bally (1951) observa, a expressividade está intimamente ligada à subjetividade, sendo moldada pelas emoções e experiências do falante, o que se reflete na escolha de recursos linguísticos para intensificar o valor atribuído ao que é comunicado. A intensificação do sinal, portanto, não é apenas uma técnica linguística, mas uma forma de conferir valor à experiência vivida pela participante, conferindo-lhe uma dimensão afetiva e pessoal.

Quadro 15 – Marcas de expressividade SENTIR-bem-mais-que-o-comum

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Fechada de forma mais intensificada	X
	Olhos	Fechados de forma bem mais forçada	X
	Testa	Franzida forçada	Baixo
	Maças do rosto (ossos malares)	Levantadas de forma mediana	Cima sutilmente
	Bochechas	Sugadas bem sutil	Dentro
	Cabeça	Inclinada	Direito
	Tronco	Concava	Trás
	Ombro	Inclinado	Direito e esquerdo, Cima
	Caixa torácica	Concava aprofundada	Dentro
	Sobrancelhas	Reflexivas	Baixo
	Antebraços	Tensão	Trás
	Dedos	Abertos e expandidos	Trás

Fonte: Autor (2025).

A seguir, apresentamos os articuladores manuais que estruturam o sinal *SENTIR-bem-mais-que-o-comum*, evidenciando como esses elementos, juntamente com os parâmetros fonético-articulatórios, ampliam a expressividade e o valor do significado transmitido.

Quadro 16 – Marcas de expressividade SENTIR-bem-mais-que-o-comum

Articuladores manuais	CM	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	13	No peito	Retilíneo	Trás	x

Fonte: Autor (2025).

Conforme aponta Bally (1951, p. 175), a valoração está intimamente associada à subjetividade, e essa relação é claramente perceptível na posição da participante. No caso da expressão *SENTIR-bem-mais-que-o-comum*, é possível identificar um escalonamento crescente durante a execução do sinal, ou seja, a intensificação da valoração do léxico *SENTIR* é evidente, alcançando um nível expressivo.

Essa intensificação é promovida por meio de recursos expressivos, tanto nos articuladores não manuais quanto manuais, os quais conferem ao sinal uma carga subjetiva, refletindo a importância da Língua de Sinais na vida da participante. Como destaca Sousa (2018), esses recursos expressivos não apenas ampliam o significado linguístico, mas também

transmitem a experiência pessoal e a vivência afetiva do sujeito, proporcionando uma forma de comunicação profundamente ligada à subjetividade e à valorização de sua própria experiência.

5.5 Expressividade do sinal FAMOSÍSSIMAcomida

Durante a temática “Conversação”, entre os trechos 00:02:53 e 00:03:13, a participante responde a uma pergunta do professor surdo pesquisador sobre a alimentação típica e cultural do estado do Acre, com base em seus conhecimentos e vivências. Em sua resposta, ela discorre sobre diversos tipos de comidas e bebidas tradicionais da região, além de manifestar preferências pessoais em relação a determinados alimentos. Em determinado momento do relato, a participante afirma:

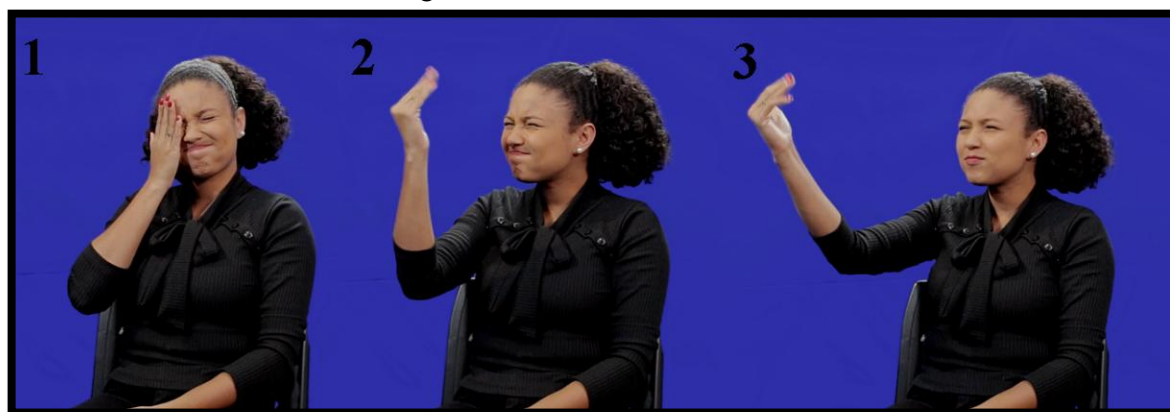
Quadro 17 – Link e transcrições em Libras e português do sinal FAMOSÍSSIMA

Link: https://youtu.be/1B77O9oVkmM
Libras: VERDADE, AQUI FAMOSÍSSIMA JÁ VI JORNAL O-QUÊ? CONHECIDA-MUITO BAIXARIA, AÇAÍ PURO, DE-ONDE? É PRÓPRIO FEIJÓ LÁ AÇAÍ ÓTIMO.
Português: Realmente, aqui, temos alguns pratos típicos famosíssimo. Tal prato foi transmitido no Jornal. Foram pratos típicos muito conhecidos, como: baixaria, açaí puro vindo de Feijó. O açaí de lá é ótimo!

Fonte: Autor (2025).

No Quadro 17, observamos que o link do vídeo apresenta o trecho em que a participante produz o sinal, permitindo identificar com precisão o momento em que ocorre a manifestação expressiva. Simultaneamente, a transcrição em Libras e em português registra as formas escritas correspondentes. A seguir, serão apresentadas as análises da imagem do sinal *FAMOSÍSSIMA* em sua forma expressiva, acompanhadas da descrição detalhada do sinal e de sua interpretação estilística.

Figura 49 – Sinal FAMOSÍSSIMA



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O sinal FAMOSÍSSIMA, executado pela participante, faz referência a comidas típicas de Rio Branco, capital do estado do Acre. Nesse contexto, a participante menciona alguns sinais relacionados a alimentos e bebidas amplamente reconhecidos pela população local e também por visitantes de outras regiões. O uso desse sinal carrega um alto grau de subjetividade, alcançando um nível expressivo e intensificado que se aproxima do plano estilístico da língua.

Ao empregar o superlativo FAMOSÍSSIMA, a participante articula, de maneira evidente, os três eixos fundamentais discutidos por Bally (1951): avaliação, valor e subjetividade. A superlativação do adjetivo “famosa” não apenas qualifica as comidas mencionadas, mas também expressa a importância afetiva que esses elementos culturais possuem para a identidade da interlocutora. Trata-se, portanto, de uma manifestação linguística em que o valor atribuído ao referente ultrapassa a mera designação descritiva e se inscreve no campo da valorização subjetiva. Como enfatiza Bally (1941; 1951), a linguagem expressiva nasce precisamente nesse ponto de encontro entre a experiência individual e o julgamento afetivo.

A participante sinaliza com evidente entusiasmo e envolvimento emocional, demonstrando que os alimentos mencionados fazem parte de sua vivência e de sua constituição pessoal. Ao destacar o sabor, o cheiro e a memória afetiva relacionados a essas comidas, ela ativa no interlocutor uma espécie de evocação sensorial e cultural, provocando um desejo de reviver ou experimentar essas sensações. Conforme aponta Sousa (2018), o valor subjetivo atribuído ao signo pode se manifestar através da intensificação linguística, mesmo em contextos nos quais nem todos compartilham da mesma experiência gustativa ou cultural. Ainda assim, aqueles que já vivenciaram tais experiências guardam-na na memória sensorial e afetiva.

O sinal FAMOSÍSSIMA apresenta um conjunto de marcas linguísticas que o levam a um grau máximo de intensificação, atingindo o superlativo. Contudo, é importante observar

que a língua oferece possibilidades que extrapolam esse exemplo, como no caso da repetição segmentada e estilizada: FAMOSÍ-SSI-SI-SI-SI-MA. Essa construção demonstra a produtividade morfológica e a elasticidade expressiva da Libras, sobretudo em contextos informais, onde a criatividade do sinalizador pode ampliar ainda mais os efeitos expressivos do enunciado.

Entre os articuladores não manuais que contribuíram para a expressividade do sinal, destacam-se: os olhos fechados com intensidade no início do sinal e semicerrados ao final; sobrancelhas arqueadas para baixo inicialmente, mantendo-se nessa posição, porém com menor intensidade na conclusão; testa intensamente franzida, que vai se atenuando ao longo da produção do sinal. As maçãs do rosto (ossos malares) se projetam para frente com força no início, depois moderadamente para baixo e, por fim, relaxadas. A boca, inicialmente contraída para dentro com força, avança para frente com leve tensão e termina em repouso. O queixo, elevado e tensionado no início, vai se rebaixando com menor intensidade, embora permaneça levemente elevado na fase final do sinal. A cabeça movimenta-se da esquerda para a direita, retornando ao centro do corpo ao término do sinal.

Quanto aos articuladores manuais, identificam-se marcas que contribuem significativamente para a intensidade do sinal FAMOSÍSSIMA. As configurações de mão variam: inicialmente, CM nº 01; na sequência, CM nº 76 em forma côncava; e, por fim, CM nº 74, mais acentuadamente côncava, com o polegar afastado do indicador. Outro parâmetro fonológico relevante é o movimento retilíneo unidirecional, com alternância entre flexão e extensão dos dedos ao longo da realização do sinal. O sinal tem início com um toque na testa (imagem 1) e, nas imagens 2 e 3, é executado no espaço neutro à frente do corpo. A orientação das palmas permanece voltada para trás ao longo de toda a produção do sinal.

No Quadro 18, serão apresentados os articuladores não manuais como marcas de excessividade e intensidade, os quais contribuíram para a expressividade observada no contexto fonético-articulatório do sinal FAMOSÍSSIMA. Essa análise confirma a noção de que a expressividade não se limita ao conteúdo lexical, mas se manifesta de forma integrada nos parâmetros manuais e não manuais, refletindo o valor subjetivo que o sinalizador imprime ao enunciado, conforme argumentam Bally (1941; 1951) e Sousa (2018).

Quadro 18 – Marcas de expressividade FAMOSÍSSIMA

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Inicialmente com uso de força intensa, Em seguida, com força sutil e, por fim em repouso com força leve e sutil	Dentro Fora Frente
	Olhos	Inicialmente fechados de forma intensa, Semi fechados de forma menos intensificada na sua posição final	X
	Testa	Franzida atenuada	Baixo
	Maças do rosto (ossos malares)	Levantada de forma mediana	Cima, baixo e frente
	Bochechas	Sugadas bem sutil	Dentro
	Cabeça	X	Esquerda, direita e centro
	Queixo	Com força, Com menos força sutilmente	Cima e baixo
	Tronco	Concava	Trás
	Ombro	Inclinado	Direito e esquerdo, Cima
	Caixa torácica	Concava aprofundada	Dentro
	Sobrancelhas	Inicialmente intensificada e finalizada com as sobrancelhas menos intensidade	Baixo
	Antebraços	Tensão	Trás
	Dedos	Abertos e expandidos	Trás

Fonte: Autor (2025).

A seguir, apresentamos os articuladores manuais evidenciam aspectos relevantes na constituição do léxico em Libras, os quais contribuem diretamente para a formação de marcas de excessividade e intensidade. Tais marcas impulsionam o sinal em direção a um alto grau de expressividade, atuando no processo de constituição, estruturação e configuração formal do sinal FAMOSÍSSIMA. Nesse contexto, observa-se como a interação entre os parâmetros manuais — tais como configuração de mão, movimento, orientação e ponto de articulação — contribui para intensificar o valor semântico e afetivo do sinal, reafirmando sua carga valorativa. Assim, o sinal não apenas nomeia uma referência cultural (as comidas típicas), mas também a qualifica de maneira subjetiva e expressiva, conforme os princípios de valoração discutidos por Bally (1951).

Quadro 19 – Marcas de expressividade FAMOSÍSSIMA

	CM nº	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
Articuladores manuais	13	Inicialmente, toque na testa e finaliza no espaço neutro	Retilíneo unidirecional flexionado e estendidos	Trás	X

Fonte: Autor (2025).

Os aspectos fonomorfológicos concentram-se, predominantemente, na análise da forma linguística — configuração de mãos, movimentos, orientação e localização do sinal. No entanto, este estudo parte da concepção de língua viva, em uso, tal como propõe Bally (1951), que enfatiza a dimensão afetiva e subjetiva da linguagem, especialmente em contextos informais e espontâneos de interação. Para isso, ancoramo-nos em um conjunto de categorias analíticas que articulam avaliação, valor e subjetividade, conforme delineado por Sousa (2018).

Ainda que os aspectos fonomorfológicos revelem marcas formais de expressividade por meio da intensidade articulatória, é imprescindível considerar que o sinal FAMOSÍSSIMA, tal como foi produzido pela participante, extrapola a mera estrutura formal. Nele, evidencia-se uma satisfação emocional relacionada a certos alimentos, o que aponta para um envolvimento afetivo e subjetivo mais profundo. A maneira como o sinal é executado — tanto nos articuladores manuais, quanto nos não manuais — reforça a presença de uma valoração afetiva, uma experiência pessoal que se manifesta linguisticamente por meio da intensificação do sinal.

Nesse sentido, é possível afirmar que a expressividade do sinal emerge não apenas da forma, mas da intenção comunicativa marcada por uma subjetividade evidente, que, como salientam Bally (1951) e Sousa (2018), constitui o núcleo das manifestações expressivas na linguagem.

5.6 Expressividade do sinal ASSUTADAmuito

Ainda na temática “Conversação”, entre os trechos 00:01:43 e 00:02:12, a participante abordou um fenômeno natural recorrente na região: a enchente dos rios provocada por chuvas intensas e constantes. Em resposta à pergunta do professor surdo pesquisador, ela relatou sua experiência pessoal com uma situação de quase inundação em sua residência durante o período de cheia do rio Acre. Em determinado momento do relato, a participante afirma:

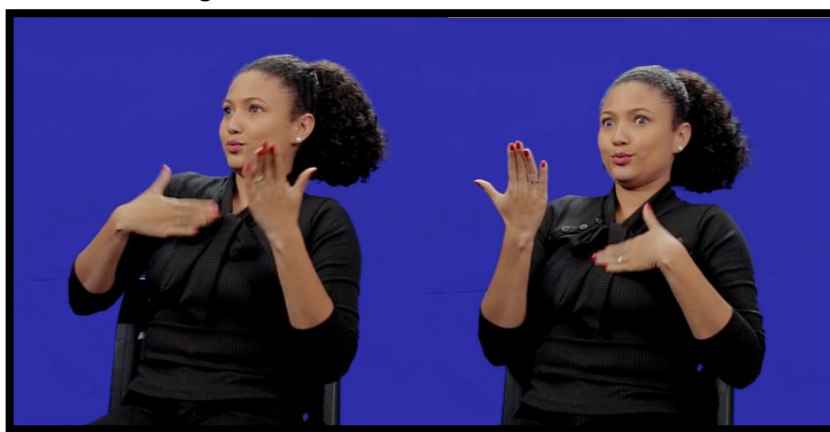
Quadro 20 – Link e transcrições em Libras e português do sinal ASSUSTADAmuito+ + +

Link: https://youtu.be/GQwHftO-EPQ
Libras: VERDADE! EU SABER-NÃO ACONTECER, SABER FUTURO ACONTECER RIO-CHEIO NÃO, NUNCA VI. JÁ ACONTECER MINHA CASA, QUASE RIO-ENTRAR. MAS PASSADO RIO ENCHER NÃO. ACONTECER RIO-ENCHER CASA SUSTO ⁵ muito, mito+ + + ⁵ , MAS É PERIGO PORQUE AS PESSOAS TER-NÃO RESPEITAR. LIXO-JOGAR, OS BUEIROS TAMPAR E RIO TRANSBORDAR, POR ISSO.
Português: A realidade foi que eu não sabia que podia acontecer uma enchente, nunca tinha acontecido das águas do rio chegar tão próximo da minha casa, já que antes disso, nunca tinha ocorrido. Agora fiquei muito, muito, muito assustada porque a enchente quase entrou na minha casa. É um perigo isso e as pessoas desrespeitam os bueiros jogando lixo e entupindo fazendo o rio transbordar, pois não tem para onde a água do rio escorrer.

Fonte: Autor (2025).

Para essa situação comunicativa, foi disponibilizado o link do vídeo, bem como a transcrição em Libras e em português, conforme apresentado no Quadro 20. A seguir, procederemos com a análise da imagem do sinal ASSUSTADAmuito+ + +, focalizando sua realização expressiva. Serão descritos os aspectos formais do sinal, incluindo os articuladores manuais e não manuais, e, posteriormente, será apresentada uma interpretação estilística, com ênfase na intensificação do conteúdo emocional e na valoração subjetiva implicada na construção do enunciado.

Figura 50 – Sinal ASSUSTADAmuito+ + +



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O verbete “susto” é definido como “sobressalto causado por acontecimento assustador ou inesperado” (Bechara, 2011, p. 1074). No relato da participante, o contexto experienciado remete a um “acontecimento assustador” concreto: a enchente do Rio Acre, que quase resultou

⁵ A escolha deste símbolo de mais (+) se deu pela seguinte razão: para representar uma repetição do léxico selecionado ou para representar o plural em Libras, ex: CASAS (em português) e para CASA+ (em Libras).

na inundação de sua residência. O susto, enquanto substantivo masculino, associa-se diretamente ao medo — um sentimento repentino, com forte carga emocional, que se manifesta tanto no sujeito quanto no interlocutor. Trata-se, portanto, de uma vivência subjetiva intensamente marcada por fatores avaliativos e afetivos.

Nesse cenário, o sinal SUSTO (sm.), em Libras, é reinterpretado funcionalmente como adjetivo — ASSUSTADA — acrescido do léxico intensificador “muito”, resultando na expressão sinalizada ASSUSTADAmuito+ + +. Tal construção aponta para um escalonamento expressivo, que, segundo Bechara (2011, p. 303), opera na língua por meio de recursos gramaticais e lexicais capazes de expressar graus — seja para mais, seja para menos — em relação a uma base semântica.

A produção do sinal ASSUSTADAmuito+ + +, realizada pela participante, ocorre no contexto da descrição de um risco iminente, causado por um fenômeno natural. A enchente, além de ameaçar o espaço doméstico, gerou um estado emocional de alerta e medo. Nesse caso, o uso repetido do intensificador “muito” funciona como mecanismo morfológico e expressivo de gradação, revelando um léxico valorativo que atribui intensidade à emoção vivenciada. Conforme Bally (1951, p. 175), a valoração, associada à subjetividade, atua diretamente na distinção entre expressões “pelo lado bom ou pelo lado ruim”. A ideia de perigo, perda e instabilidade — características negativas do alagamento — reforça o valor subjetivo expresso na construção sinalizada.

Quanto aos articuladores não manuais, observamos marcas de intensidade produzidas por expressões faciais, movimentos de cabeça, ombros, tórax e corpo, que, em conjunto, ampliam o grau expressivo do sinal. A participante utilizou expressões faciais intensas, como olhos abertos e, posteriormente, arregalados de forma contínua; sobrancelhas inicialmente erguidas de forma sutil e, ao final, levantadas ao máximo; testa totalmente erguida; ossos malares ligeiramente elevados e boca com movimentos de projeção e retração. O queixo acompanha esse movimento, oscilando de forma coordenada com a boca. A cabeça movimentava-se lateralmente (da direita para a esquerda), acentuando a dramaticidade do sinal.

Na primeira imagem, o ombro direito encontra-se levemente elevado, enquanto o esquerdo está rebaixado; na imagem seguinte, ambos os ombros se alinham na horizontal. O tórax, inicialmente inclinado para o lado esquerdo, mantém uma inclinação sutil até o final da sinalização. O corpo, que inicia em posição estática, termina com uma leve projeção para trás, o que sugere um movimento de recuo — possivelmente simbólico do medo sentido.

Em relação aos articuladores manuais (parâmetros da Libras), identificamos a utilização das Configurações de Mão (CM) nº 02 em ambas as mãos, presentes em todo o

percurso do sinal. O movimento é predominantemente circular, realizado com ambas as mãos, e a orientação das palmas está direcionada para trás. O sinal ocorre tanto no espaço neutro quanto em contato com o corpo, com toque específico na região da caixa torácica, o que intensifica o grau afetivo da expressão.

Por fim, identificamos marcas fonético-articulatórias que reforçam o caráter superlativo e expressivo do sinal ASSUSTADAmuito+ + +. Tais marcas, ao atuarem em conjunto, constroem uma gradação excessiva e intensiva, elevando o conteúdo semântico do sinal a um patamar máximo de expressividade. Trata-se de uma manifestação clara da língua em uso, em seu estado afetivo e subjetivo, conforme defendido por Bally (1941, 1951), em que a linguagem expressiva emerge das emoções, não apenas da estrutura.

Quadro 21 – Marcas de expressividade ASSUSTADAmuito+ + +

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Inicialmente com uso de força intensa, Em seguida, com força sutil e, por fim em repouso com força leve e sutil	Dentro Fora Frente
	Olhos	Inicialmente fechados de forma intensa, Semi fechados de forma menos intensificada na sua posição final	X
	Testa	Franzida atenuada	Baixo
	Maças do rosto (ossos malares)	Levantada de forma mediana	Cima, baixo e frente
	Bochechas	Sugadas bem sutil	Dentro
	Cabeça	X	Esquerda, direita e centro
	Queixo	Com força, Com menos força sutilmente	Cima e baixo
	Tronco	Concava	Trás
	Ombro	Inclinado	Direito e esquerdo, Cima
	Caixa torácica	Concava aprofundada	Dentro
	Sobrancelhas	Inicialmente intensificada e finalizada com as sobrancelhas menos intensidade	Baixo
	Antebraços	Tensão	Trás
	Dedos	Abertos e expandidos	Trás

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais, no contexto morfológico, desempenham um papel fundamental na constituição do léxico em Libras, pois contribuem diretamente para a produção de marcas excessivas e intensivas que impulsionam o sinal a alcançar um elevado grau de expressividade. Tais marcas se manifestam no processo de constituição, estruturação e conformação formal do sinal ASSUSTADAmuito+ + +, evidenciando o caráter valorativo e subjetivo que esse sinal assume na enunciação da participante.

Quadro 22 – Marcas de expressividade ASSUSTADAmuito+ + +

	CM nº	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
Articuladores manuais	02	Inicialmente, toque na testa e finaliza no espaço neutro	Retilíneo unidirecional flexionado e estendidos	Trás	X

Fonte: Autor (2025).

Tanto os articuladores manuais quanto os não manuais se configuram como marcas de expressividade no plano fonomorfológico, desempenhando um papel central na constituição do sinal em Libras. Esses elementos corporais – mãos, antebraços, tronco, cabeça, expressões faciais – contribuem significativamente para a estruturação formal dos sinais, conferindo-lhes camadas de intensidade, subjetividade e valor afetivo. Em contextos como o aqui analisado, observa-se que muitos sinais evoluem de formas neutras para formas altamente expressivas, impulsionados especialmente pelos articuladores não manuais, cuja riqueza expressiva se destacou de modo evidente na análise do Quadro 22. Esses articuladores não manuais apresentaram, inclusive, marcas expressivas mais acentuadas do que os manuais.

O evento narrado pela participante remete a um sentimento de medo real, decorrente da enchente do Rio Acre em 2015, quando a água quase invadiu sua residência. O impacto emocional desse episódio foi manifestado na sinalização por meio de uma construção intensificada: ASSUSTADAmuito+ + +. Esse sinal foi composto por articuladores manuais duplicados (configurações de mão, movimentos circulares, toques bilaterais no tórax, orientação das palmas para trás e uso do espaço neutro), associados a aspectos corporais e expressivos que enfatizam a valoração negativa do evento vivido. A sinalização não apenas narra um fato, mas o ressignifica com base em uma vivência subjetiva, afetiva e socialmente situada.

Nesse sentido, é relevante considerar o que afirma Bechara (2011, p. 846) ao definir o verbete muito como: “em grande número, quantidade ou parcela” e, enquanto adjetivo, como

“abundante, extremamente, intensamente”. Tal definição corrobora a compreensão de que a repetição do léxico “muito” não representa mera ênfase retórica, mas um recurso linguístico que agrega valor expressivo por meio da intensificação. O próprio dicionário reconhece o termo como indicador de grandeza, excesso e intensidade, o que justifica a sua utilização como reforço estilístico no contexto analisado.

Assim, quando a participante recorre à expressão ASSUSTADAmuito+ + +, ela não apenas relata uma experiência, mas a interpreta afetivamente, revelando sua carga subjetiva por meio de uma construção fonomorfológica escalonada, que alcança um grau máximo de expressividade. Para Bally (1941; 1951), é exatamente nesse tipo de uso que se manifesta o valor linguístico enquanto dimensão axiológica da linguagem – ou seja, enquanto reflexo das emoções, das avaliações e das intenções do falante no ato comunicativo.

5.7 Expressividade do sinal POUCO(inho)

No trecho de 00:09:16 a 00:09:17, o participante destacou – entre os diversos problemas gerados pelo distanciamento social ocasionado pela pandemia – a falta de interação e comunicação entre o professor ouvinte e o aluno surdo. Em determinado momento, o participante afirma:

Quadro 23 – Link e transcrições em Libras e português do sinal POUCO(inho)

Link: https://youtube.com/shorts/c6Zxeikf6Q8?feature=share
Libras: DÚVIDA, DETALHAR, AULA ORAL. PROFESSOR@ ENTENDER? SIM. MAS, EU LIBRAS RESPONDER POUCO(inho) .
Português: eu tinha dúvidas e sentia falta de um detalhamento por parte da professora, mas como as aulas eram orais, ela perguntava se eu entendia e dizia que sim. Não tinha pergunta em Libras nem direcionadas a mim. Eu participava muito pouco.

Fonte Autor (2025).

No quadro anterior, foram apresentados o link do vídeo e a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentaremos as análises da imagem do sinal POUCO (ou POUQUINHO) em sua forma expressiva, além da descrição do sinal e a interpretação estilística.

Figura 51 – Sinal POUCO(inho) superlativado em Libras



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O participante apresentou o sinal POUCO(inho) associado a uma expressão facial negativa de forma intensificada durante a realização do sinal em questão. As sobrancelhas arqueadas, os olhos semi-fechados, o ombro direito elevado, os cantos da boca voltados para baixo (indicando uma queda) e a cabeça inclinada para o lado direito são marcas morfológicas de expressividade, que se tornam claramente visíveis durante a execução do sinal. Essas marcas não apenas compõem o aspecto fonomorfológico do sinal, mas também revelam camadas adicionais de significação relacionadas à subjetividade do participante.

Como afirmamos ao longo desta tese, Bally (1941, 1951) defende que a linguagem não é apenas um sistema de signos desprovido de emoções, mas é permeada pela subjetividade, em que a valoração e a expressividade dos sinais vão além do mero aspecto formal. Nesse contexto, os articuladores não manuais assumem um papel central, como já indicado por Sousa (2018), ao fornecerem uma profundidade emocional à execução dos sinais. Embora os articuladores manuais em Libras desempenhem um papel importante na constituição do sinal, são os não manuais que frequentemente carregam a carga emocional e subjetiva, como é o caso do sinal POUCO(inho). Nesta situação, o sinal ultrapassa as fronteiras da morfologia pura e adentra no campo afetivo e emocional, levando a uma intensificação do significado que reflete um estado de insatisfação, tristeza e, possivelmente, frustração do participante.

A transformação do sinal POUCO em POUQUINHO com a adição do sufixo diminutivo é uma das formas de expressividade que, segundo Monteiro (2005) e Sousa (2018), indica um aumento na carga emocional e subjetiva do sinal. O diminutivo, na língua portuguesa e em várias línguas de sinais, pode adquirir diferentes conotações dependendo do contexto. Como observado por Monteiro (1991) e Sandman (2001), a formação diminutiva pode transmitir ideias de carinho, mas também pode carregar uma carga negativa, como no caso do

participante, que usou o diminutivo para expressar o sentimento de desvalorização e exclusão. Nesse contexto, o sufixo -inho não tem apenas a função morfológica de reduzir a dimensão de algo, mas, na verdade, transmite uma ideia de pouca importância ou de algo que não é levado a sério, o que é um reflexo direto da insatisfação do participante com a dinâmica de comunicação durante as aulas, particularmente no que diz respeito à exclusão nas interações entre o professor ouvinte e os alunos surdos.

Sousa (2018) também argumenta que a formação diminutiva em Libras pode ser uma ferramenta poderosa para expressar a subjetividade do falante. O diminutivo não só altera a morfologia do sinal, mas também invoca uma reação emocional, que neste caso é claramente negativa. A maneira como o sinal POUCO(inho) foi intensificado reflete a internalização de uma experiência frustrante e dolorosa vivenciada pelo participante, evidenciando uma valoração negativa, como proposta por Bally (1951), que conecta os aspectos subjetivos com a expressão linguística.

A intensificação do sinal POUCO com o sufixo -inho deve ser analisada, portanto, em sua totalidade, tanto do ponto de vista da morfologia quanto da expressividade emocional. A valoração negativa é clara quando o participante utiliza uma estrutura morfológica para transmitir, não apenas a ideia de algo em pequena quantidade, mas uma pequena quantidade que, no contexto social e emocional, assume uma conotação depreciativa. O uso do diminutivo torna visível a experiência de marginalização e de invisibilidade sentida pelo participante, que transforma uma simples quantidade em uma manifestação de exclusão e sofrimento emocional.

O uso de articuladores não manuais no sinal POUCO(inho), como as expressões faciais e os movimentos corporais, desempenha um papel crucial na marcação da intensidade emocional do sinal. As sobranceiras arqueadas e os olhos semi-fechados indicam um estado emocional de desagrado ou desapontamento. A expressão da boca voltada para baixo e a cabeça inclinada para o lado direito sinalizam uma reação emocional de frustração e tristeza, enquanto o movimento do ombro e do tronco pode ser interpretado como um reflexo físico da pressão emocional vivida pelo participante.

Além disso, o articulador manual, representado pela configuração de mão CM nº 38, executa um movimento de pinça, o que também pode ser interpretado como uma metáfora para a sensação de algo sendo "pequeno" ou "insuficiente". O espaço neutro utilizado para a execução do sinal, sem toque no corpo, reforça a ideia de distanciamento emocional ou de exclusão do participante em relação ao contexto social.

Em síntese, o sinal POUCO(inho), com sua valoração subjetiva e emocionalmente carregada, exemplifica como a língua de sinais, ao integrar aspectos morfológicos e não

morfológicos, pode ser uma poderosa ferramenta para expressar subjetividades complexas e situações de valor negativo. A análise desse sinal, quando levada em consideração a subjetividade e a valoração de Bally (1941, 1951), Sousa (2018) e Monteiro (2005), revela não apenas o conteúdo lexical do sinal, mas também sua capacidade de carregar a carga emocional de quem o executa, tornando visíveis as nuances de uma experiência social que é, ao mesmo tempo, linguística, emocional e política.

Quadro 24 – Marcas de expressividade POUCO(inho)

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Inclinada para o lado direito, Cantos da boca	Direito Baixo (queda)
	Olhos	Semi fechados	X
	Testa	X	X
	Maçãs do rosto (ossos malares)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Inclinada	Direito
	Tronco	Girado leve e sutil	Frente
	Ombro	Inclinado	Direito para cima
	Caixa torácica	Concavo normal	Trás
	Sobrancelhas	Arqueadas	Curvada
	Antebraços	Elevado com tensão leve	Frente
	Dedos	Mínimo, anelar e médio juntos e fechados, Indicador e polegar flexionados na direção de tocar	X Juntos (encontro)

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais que estruturam o sinal POUCO(inho) são apresentados a seguir:

Quadro 25 – Marcas de expressividade POUCO(inho)

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	38	Espaço neutro	Pinça	Diagonal frente para o lado esquerdo	X

Fonte: Autor (2025).

O exemplo anterior ilustra a expressividade manifestada a partir do grau. Bally (1941; 1951) já ressaltava que a expressividade está intrinsecamente ligada à sensibilidade, a qual, por sua vez, se conecta à subjetividade. No caso do participante, ao relatar sua experiência como aluno afetado pela pandemia, ele exterioriza sua avaliação e recorre aos recursos da língua para marcar e intensificar a interação, demonstrando a influência de fatores subjetivos e emocionais em sua forma de expressão.

5.8 Expressividade do sinal ESFORÇAR-MUITO

O mesmo participante, entre os trechos 00:03:39 a 00:03:41, discutiu sobre a importância do bilinguismo para a pessoa surda. Em determinado momento, ele diz:

Quadro 26 – Link e transcrições em Libras e português do sinal **ESFORÇAR-MUITO**

Link: https://youtube.com/shorts/DwFPzE9QcLE?feature=share
Libras: PRECISAR BILINGUE PORQUE COBRAR MAIORIA, BILINGUE MAIORIA LIBRAS, CONSEGUIR, ESFORÇAR muio+ + +, PRECISAR.
Português: O método bilingue deve ser exigido e aplicado a maioria dos surdos, porém o que acontece é que os surdos usam mais a Libras. É preciso lutar, se esforçar muito.

Fonte: Autor (2025).

Verificamos que, no quadro 26, está disponível o link do vídeo, juntamente com a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentaremos as análises da imagem do sinal **ESFORÇAR**muio+ + + em sua forma expressiva, além da descrição do sinal e da interpretação estilística.

Figura 52 – Sinal **ESFORÇAR**muio+ + +, na forma superlativa em Libras



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2022).

Para a produção do sinal ESFORÇAR_{muito} + + +, percebemos que o participante apresentou características físicas evidentes que demonstram expressividade. Os antebraços estavam tensos e suspensos na altura do tórax, posicionados diagonalmente para a frente e para cima, finalizando na mesma direção, mas em altura mais elevada, próximo à cabeça, que estava inclinada. Em relação ao movimento dos antebraços, observamos um movimento rotativo, onde ambos executaram percursos inicialmente alongados, próximos ao corpo, e posteriormente afastados deste. Além disso, durante o início e a finalização do sinal, houve uma rotação dos antebraços, o que intensificou ainda mais a ideia comunicada.

O sinal ESFORÇAR_{muito} + + + foi intensificado durante uma conversa entre os interlocutores, como um reflexo da expressão emocional do participante. A cabeça iniciou seu movimento para o lado esquerdo e finalizou para o lado direito, com uma expressão facial intensificada e fechada. Os articuladores não manuais, como os olhos e a boca, estavam voltados para baixo, de forma sutil, contribuindo para a intensidade do sinal.

Em relação aos articuladores manuais, notamos que as configurações das mãos foram simétricas, sendo ambas CM nº 69. O sinal foi executado no espaço neutro, distante do corpo. O movimento manual foi do tipo unidirecional, na forma rotativa, com os antebraços alongados e expansivos, e a orientação das palmas das mãos seguiu o movimento rotativo, também alongado e expansivo.

Monteiro (2005) discute a expressividade estilística refletida na estrutura da língua e a importância desses recursos para transmitir diferentes nuances de significado. No caso deste sinal, os articuladores não manuais (ENMs) desempenham um papel fundamental na expressividade do sinal ESFORÇAR_{muito} + + +, evidenciando um escalonamento de intensidade. A combinação desses articuladores, tanto manuais quanto não manuais, contribui para a criação de aspectos excessivos e intensivos no sinal, transmitindo uma expressividade forte e marcante.

Portanto, os articuladores não manuais, tanto aparentes quanto não aparentes, são essenciais para compreender o escalamento de intensidade, gerando o efeito desejado de expressividade no sinal, como exemplificado por ESFORÇAR_{muito} + + +.

Quadro 27 – Marcas de expressividade (ESFORÇAR_{multo}+++)

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Canto da boca tensos	Para cima e para baixo
	Olhos	Abertos	X
	Testa	Franzida atenuada	Cima
	Maças do rosto (ossos malares)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Inclinada	Esquerda e direita
	Queixo	Com menos força bem sutilmente	Direita e esquerda
	Tronco	Concava, Busto na altura do peito	Trás Frente
	Ombro	Neutro e elevado sutil	Cima
	Caixa torácica	Concava mediana, Busto	Dentro e fora
	Sobrancelhas	Arqueada	Baixo
	Antebraços	Tensão com giro	Frente diagonal cima
	Dedos	Fechados	Frente diagonal cima

Fonte: Autor (2025).

A seguir apresentamos os articuladores do sinal (ESFORÇAR_{multo}+++).

Quadro 28 – Marcas de expressividade (ESFORÇAR_{multo}+++)

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	69	Espaço neutro	Espaço neutro	Direita MD e ME para baixo e finaliza com MD para esquerda e ME para a direita	X

Fonte: Autor (2025).

Retomando Monteiro (2005) e Bally (1951), a utilização dos recursos disponíveis no sistema linguístico para imprimir expressividade é uma característica fundamental na construção do significado em Libras. Tanto os articuladores manuais quanto os não manuais são utilizados para intensificar a comunicação, refletindo o desejo do interlocutor de transmitir emoções e impressões de maneira mais marcante. Monteiro (2005) enfatiza como os sinais podem ser moldados conforme as intenções comunicativas do falante, de modo que a expressividade linguística, sobretudo através dos articuladores não manuais, permite uma manifestação mais rica e emocional.

A intensidade, conforme discutido por Sousa (2018), é um mecanismo essencial para a superlativação das ideias, ou seja, quando o falante deseja enfatizar ou intensificar sua mensagem para causar uma impressão mais forte ou marcar seus sentimentos de maneira expressiva ao interlocutor. Este processo é fundamental na constituição da linguagem visual, permitindo que o sinal não apenas transmita um significado, mas também revele o grau de envolvimento emocional do locutor.

A ideia axiológica de valoração, conforme destacada por Bally (1941), emerge nas estruturas discursivas que buscam imprimir um apelo ou a necessidade de marcar o discurso de forma superlativada. No caso do sinal ESFORÇAR⁺⁺⁺, o participante surdo recorre a esses recursos linguísticos para superlativar a ideia de esforço, tornando-a superior em relação a um esforço comum. A superlativação do sinal é realizada por meio de ajustes na produção do sinal, como a intensificação da forma dos movimentos e a inclusão de marcações não manuais que ampliam a expressividade e transmitem um esforço ainda maior.

Ao agregar mudanças na produção do sinal ESFORÇAR⁺⁺⁺ e nas marcações não manuais, o participante surdo não apenas comunica a ideia de esforço, mas também a torna mais poderosa, enfatizando-a por meio de uma estrutura discursiva superlativada. Essa construção não apenas reflete o esforço físico e mental, mas também a intensidade do sentimento, elevando a ideia de esforço a um grau superior, capaz de impactar emocionalmente o interlocutor.

5.9 Expressividade do sinal NADINHA

A participante, entre os trechos 00:00:44 a 00:00:47, discorre sobre a aprendizagem de Libras e o impacto que isso teve em sua vida. Em determinado momento do relato, ela afirma:

Quadro 29 – Link e transcrições em Libras e português do sinal NADINHA

Link: https://youtube.com/shorts/H4qUOkInD4Q?feature=share
Libras: EU SABER-NÃO LIBRAS, ENTENDER NADINHA [...]
Português: Eu não sabia Libras, não entendia nada, nada, nada. Eu me inspirava e visualizava [...]

Fonte: Autor (2025).

Observamos no quadro 29, anterior, o link do vídeo, bem como a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentaremos as análises da imagem do sinal NADINHA em sua forma expressiva, além da descrição do sinal e a interpretação estilística.

Figura 53 – Sinal NADINHA



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O processo expressivo presente na formação do sinal NADINHA remonta a aspectos importantes da morfologia e da linguagem, como discutido por Santos e Xavier (2019) e como destacado por Martins (2000) e Monteiro (2005), que enfatizam a espontaneidade e a expressividade intrínseca às línguas, especialmente no contexto da língua gramaticalizada e lexicalizada. Com base nesses autores percebemos que a língua de sinais possui uma flexibilidade expressiva que permite uma combinação de recursos para marcar nuances de significado, algo que também se reflete na natureza espontânea e rica da Libras.

No caso do sinal NADINHA, um dos primeiros aspectos a ser destacado é o processo morfológico de repetição do movimento circular, o que caracteriza a expressão como intensificada. Bally (1951) já havia observado que a repetição no contexto linguístico tem o poder de conferir um grau de intensidade e valor ao enunciado. Sousa (2018) também corroborou essa observação, afirmando que a repetição de unidades lexicais, como no caso do sinal NADINHA, é um recurso comum na língua de sinais para demonstrar a intensificação de uma ideia, seja para mais ou para menos. Em seus estudos, Sousa apontou como as repetições extraídas de colunas sociais em jornais de Fortaleza podem evidenciar um grau de superlativo ou diminutivo, o que se reflete claramente no sinal aqui analisado.

No exemplo do sinal NADINHA, a repetição não é apenas um reflexo da intensificação da ideia, mas também um indicativo de avaliação, valor e subjetividade. A participante, ao sinalizar repetidamente o sinal NADINHA, não só exprime uma ideia, mas também modifica a força dessa expressão, gerando um efeito subjetivo e intensificado. A ideia da superlativização é claramente visível quando a participante utiliza o sinal de maneira escalonada, ampliando o conceito de "nada" de forma enfática.

A expressão facial desempenha um papel fundamental no entendimento dessa intensificação. Como demonstrado por Martins (2000), as expressões faciais estão intrinsicamente ligadas à marcação de sentimentos e estados emocionais. No caso do sinal NADINHA, a participante apresentou características expressivas como olhos semiabertos, sobrancelhas franzidas, boca aberta e queixo projetado para frente, intensificando a ideia de recusa ou negação. O tronco curvado para trás e os movimentos da cabeça, ora para o lado direito, ora para o esquerdo, intensificam ainda mais a expressividade do sinal. A força do movimento de cabeça também se reflete na tensão do pescoço e na ativação dos músculos dos antebraços, com os ombros elevados, demonstrando um esforço emocional no discurso.

Os articuladores manuais, por sua vez, apresentam configurações importantes que intensificam a expressividade do sinal. Identificamos a configuração de mão nº 02 em ambas as mãos, com as palmas direcionadas de forma distinta: a palma da mão direita está voltada para baixo, enquanto a da mão esquerda está voltada para cima. O movimento circular realizado no espaço neutro faz com que o sinal NADINHA adquira uma forma ampliada e enfatizada. As configurações e movimentos das mãos não são apenas morfológicamente relevantes, mas também cumprem a função de intensificar o grau da mensagem transmitida.

Finalmente, as expressões não manuais (ENMs), como olhos, sobrancelhas e movimentos faciais, são fundamentais para a construção da expressividade do sinal. Conforme Monteiro (2005), os articuladores não manuais têm um papel essencial na transmissão de emoções e sentimentos, e sua combinação com os articuladores manuais cria uma estrutura linguística dinâmica, capaz de gerar diferentes efeitos de intensidade, sejam eles para mais ou para menos. Neste caso, o uso da ENM no sinal NADINHA serve para ressaltar a intensidade emocional e a negação contida na mensagem, demonstrando que os aspectos excessivos e intensivos do sinal são elementos que contribuem para uma maior expressividade e uma leitura mais rica do contexto comunicativo.

Quadro 30 – Marcas de expressividade NADINHA

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Canto da boca abertos	Cima
	Olhos	Semi fechados	X
	Testa	Franzida atenuada	Baixo
	Maçãs do rosto (ossos malares)	Elevada e tensa	Cima
	Bochechas	Sugadas e elevadas exercendo força para mais	Trás
	Cabeça	Inclinada	Direita e esquerda
	Queixo	Intensificado	Frente
	Tronco	Concavo	Trás
	Ombro	Força excessiva	Cima
	Caixa torácica	Lançada e escalonada	Dentro
	Sobrancelhas	Arqueada	Baixo
	Antebraços	Tensos e fechados girando	Neutro
	Dedos	Fechados	Neutro

Fonte: Autor (2025).

A seguir, apresentamos os articuladores que formam o referido sinal.

Quadro 31 – Marcas de expressividade NADINHA

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR	Exp. Fac.
	02	Espaço neutro	Circular	MD para baixo e ME para cima	X

Fonte: Autor (2025).

Portanto, o sinal NADINHA, como mostrado nesta análise, não é apenas uma construção morfológica, mas uma manifestação expressiva e subjetiva da participante, que utiliza os recursos disponíveis na língua de sinais para transmitir não apenas a ideia, mas também as emoções e avaliações subjacentes a essa ideia, de acordo com os postulados de Bally (1951), Sousa (2018) e Monteiro (2005).

5.10 Expressividade do sinal ESCURIDÃO

O professor surdo, na condição de pesquisador, durante a "conversação", questionou a participante acerca da chuva, do calor, das enchentes e das queimadas — fenômenos naturais provocados pela natureza ou pela ação humana, que impactaram diretamente a participante. Em

resposta ao professor, entre os trechos compreendidos entre 00:02:27 e 00:02:38, a participante afirma, em determinado momento de seu relato:

Quadro 32 – Link e transcrições em Libras e português do sinal ESCURECERmuito

Link: https://youtube.com/shorts/nsvQcvX7J7M
Libras: EU JUNTO MÃE, JUNTO CARRO IRdireção (2 VEZES), ESCURECERmuito, VER-NADA, ESCURECERmuito BRANCO, PARECER CHUCA-FORTE. EU VER ENTENDER NADA, CARRO PERIGO, BATER PODE ACONTECER.
Português: Estava com minha mãe no carro e de repente apareceu uma escuridão, não via nada... era uma chuva muito forte, dirigir era um perigo, pois podia bater de fato.

Fonte: Autor (2025).

Conforme indicado no quadro 32, observamos o link do vídeo, bem como a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentamos a análise do sinal ESCURECER+ + +, com ênfase em sua forma expressiva, acompanhada da descrição do sinal e de sua interpretação estilística.

Figura 54 – Sinal ESCURECER+ + +



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

Conforme Bechara (2011, p. 593), o verbete “escuridão” é definido como: “sf. 1. Falta de luz, trevas. 2. Fig. Falta de conhecimento; ignorância. [De escuro + idão.]”. Observa-se que a ausência de luz, nesse contexto, relaciona-se diretamente ao relato da participante, ao tratar do sinal ESCURECER+ + +.

O sufixo “-ÃO”, nessa situação, funciona como um elemento linguístico de valor aumentativo. O sinal intensificado ESCURECER+ + + sofre uma ampliação de conceito,

indicando uma nova ideia e um significado ampliado, o que o aproxima da forma superlativa do adjetivo, equivalente ao termo “escuríssimo”. Esse uso adquire uma conotação subjetiva, já que, ao relatar estar com sua mãe dentro do carro durante uma forte chuva, a participante descreveu a estrada como extremamente escura, devido à ausência total de luz. Ao sinalizar ESCURIDÃO, a participante expressou um sentimento de medo, evidenciando uma emoção subjetiva relacionada à situação descrita (Bechara, 2011).

Do ponto de vista linguístico, os aspectos fonético-fonológicos destacam-se pelos articuladores não manuais, tais como: olhos completamente fechados, testa franzida para baixo, sobrancelhas fortemente arqueadas para baixo. As mãos apresentam-se com os dedos abertos e espalmados na primeira imagem, e com os dedos fechados na segunda. Os ossos malares elevam-se de forma acentuada, enquanto a boca permanece fechada, com os lábios pressionados para trás. As bochechas estão elevadas de maneira mediana, intensa e retraídas. O queixo encontra-se levemente inclinado e projetado para frente, com evidente aplicação de força. Inicialmente, a cabeça inclina-se para frente, finalizando sutilmente em direção à diagonal frontal direita. O pescoço também exerce força, sendo direcionado para baixo em direção aos ombros, que permanecem nivelados. O tórax está levemente recuado, com o tronco em posição côncava, realizando um movimento lento de trás para frente, o que intensifica a expressividade da cena.

A caixa torácica move-se para trás de forma lenta, mantendo a concavidade. Os antebraços, por sua vez, estão elevados, com tensão muscular evidente, especialmente nos músculos ulnaris, e a movimentação do sinal ocorre de forma deliberadamente lenta. Esses articuladores não manuais, no contexto fonético-fonológico, funcionam como marcas de expressividade, principalmente porque os aspectos fonéticos do sinal em Libras foram intensificados, transmitindo uma ideia de grandeza e profundidade sensorial.

Quanto aos articuladores manuais, estes pertencem ao domínio morfológico, pois estão ligados à forma e à estrutura do sinal. Os elementos fonológicos da Libras podem ser classificados como: com significado ou sem significado. Neste caso, lidamos com parâmetros com significado, no contexto morfológico. O sinal se inicia com ambas as mãos na configuração de mão (CM) nº 05, de forma simétrica, e finaliza com a CM nº 69, também simétrica. O espaço utilizado para a execução do sinal é o espaço neutro, e a orientação das palmas das mãos (direita e esquerda) está voltada para frente. O movimento é bidirecional, e a expressão facial correspondente foi anteriormente detalhada nos articuladores não manuais.

Esses articuladores manuais e não manuais operam em conjunto, exercendo forças e tensões que se somam para intensificar o sinal. No caso do sinal intensificado, os articuladores

corporais — especialmente os faciais — e a expansão dos braços contribuem para uma representação ampliada, formal e morfológica do sinal. Assim, os aspectos fonético-fonológicos e morfológicos convergem, funcionando como marcas expressivas de uma ideia.

As expressões não manuais (ENMs) são fundamentais na Libras, pois complementam os demais parâmetros, fundindo-se com outras partes do corpo para expressar dimensões afetivas, intensidade, emoções e sentimentos. As ENMs podem indicar tanto aumento quanto diminuição da expressividade, desde que o escalonamento do sinal respeite os parâmetros de intensidade e exagero que caracterizam sua força expressiva, como ocorre no caso do sinal ESCURECER+ + +.

Quadro 33 – Marcas de expressividade ESCURECER+ + +

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Cantos da boca fechados empurrando os lábios com força	Trás
	Olhos	Semi fechados	X
	Testa	Testa franzida	Baixo
	Maças do rosto (ossos malares)	Elevados e intensificados	Cima
	Bochechas	Elevadas de forma mediana, intensa	Trás
	Cabeça	Forma sutil	Frente e direito, na diagonal frente
	Queixo	Intensificado, elevado com uso de força	Frente
	Tronco	Concavo com percurso lento e intensificado	Trás e frente
	Pescoço	Força	Baixo
	Ombro	Neutros	X
	Caixa torácica	Lentidão, na forma concava.	Trás
	Sobrancelhas	Arqueada fortemente	Baixo
	Antebraços	Elevados com força intensa e lenta	Neutro
	Dedos	Fechados e abertos espalmados	Neutro

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais podem atuar tanto no nível fonológico quanto morfológico. Nessa perspectiva, os sinais em Libras podem ser expandidos por meio da abertura e movimentação de determinadas partes do corpo, conforme os parâmetros da língua: configuração de mão (CM), orientação (OR), ponto de articulação (PA) e movimento (MOV).

No contexto morfológico, observamos diferentes situações, entre elas o uso de prefixos e sufixos que servem para diminuir ou intensificar o sinal, atribuindo-lhe características de excesso e intensidade. Esses recursos morfológicos contribuem para a expressividade do sinal, influenciando diretamente sua constituição, estruturação e forma. Um exemplo disso é o sinal ESCURECER+ + +, que, por meio da intensificação, torna-se uma marca expressiva no discurso, ampliando sua carga semântica e emocional.

Quadro 34 – Marcas de expressividade ESCURECER+ + +

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	05 e 69	Espaço neutro	Semi circular	Frente

Fonte: Autor (2025).

Conforme Bally (1951), a expressividade linguística está intimamente ligada às emoções e à subjetividade do falante, sendo um elemento essencial na construção do sentido. Essa perspectiva encontra respaldo nas manifestações em Libras analisadas neste estudo, especialmente no uso intensificado do sinal ESCURECER+ + +, em que os recursos fonético-fonológicos e morfológicos atuam conjuntamente para expressar estados afetivos intensos, como o medo vivenciado pela participante. Monteiro (2005) também reforça a ideia de que a expressividade não se limita à escolha lexical, mas emerge da articulação de múltiplos parâmetros linguísticos — manuais e não manuais — que, ao se combinarem, conferem profundidade semântica e estilística à linguagem visual-espacial. Assim, a análise apresentada demonstra que a Libras, por meio de seus mecanismos próprios de intensificação e expressividade, revela a potência simbólica e emocional da língua de sinais, alinhando-se às concepções teóricas de Bally e Monteiro sobre a centralidade da expressividade na linguagem humana.

5.11 Expressividade do sinal FÁCIL, FÁCIL, FÁCIL (= FACILIMO)

O professor surdo pesquisador no contexto da “conversação” perguntou para a participante sobre seu desejo profissional, ou seja, em qual profissão a participante pensa em atuar. A participante entre os trechos 00:09:56 a 00:10:58 destaca que deseja trabalhar, supostamente, como cozinheira fazendo bolos e doces, em determinado momento do relato, diz:

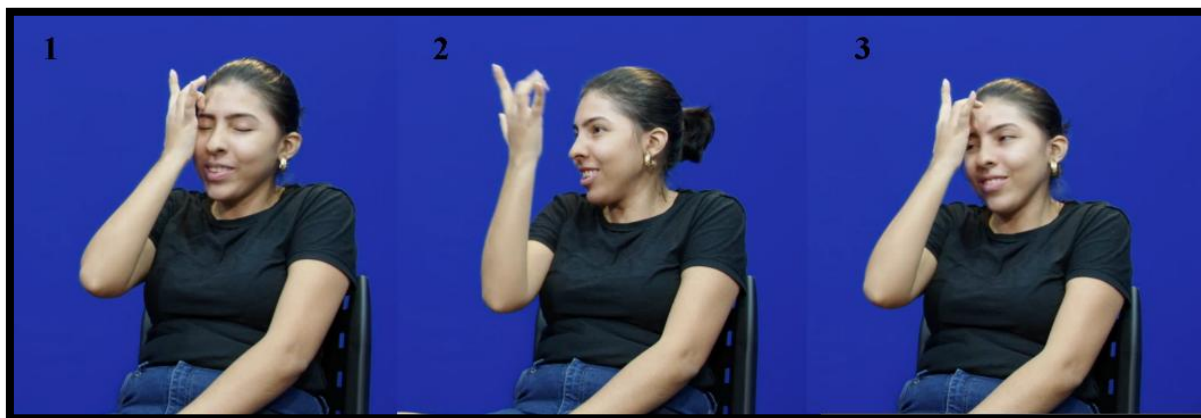
Quadro 35 – Link e transcrições em Libras e português do sinal
FÁCIL, FÁCIL, FÁCIL (= FACÍLIMO)

Link: https://youtu.be/dnax772joks
Libras: FUTURO TRABALHAR MELHOR, FUTURO OU LIBRAS 2, UM-OU-OUTRA. EU FUTURO PENSAR ESCOLHER, SENTIR, ESCOLHER, GOSTAR, AMAR COZINHAR BOLO. AMO COZINHAR FÁCIL, FÁCIL E FÁCIL . PRIMEIRO BOLO, AMAR COZINHAR. SEGUNDO OUTRO MEDICO AJUDAR, ORGANIZAR. NÚMERO COMBINA, COLOCAR NÚMERO COMBINA+ + +, COMPARAR COM OS OUTROS NÚMERO, VER IGUAIS, COMPARAR. PEGAR FRASCO E ORGANIZAR UM POR VEZ.
Português: Eu quero trabalhar, amo cozinhar e futuramente, eu acho melhor, eu penso em ser professora de Libras ou outra profissão que seja. Em primeiro lugar, eu sinto e penso futuramente em trabalhar como cozinheira por que amo fazer bolo é fácil, fácil e fácil e, em segundo, penso em ser medica para ajudar e a organizar as etiquetas de acordo com os frascos.

Fonte: Autor (2025).

No quadro 35, são apresentados o link do vídeo, a transcrição em Libras e sua correspondente em português. A seguir, será realizada a análise da imagem do sinal FACÍLIMO, com ênfase em sua forma expressiva, acompanhada da descrição do sinal e de sua interpretação estilística.

Figura 55 – Sinal FACÍLIMO



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

Observa-se que, durante a análise dos dados de alguns participantes surdos, foram utilizados sinais de forma repetida e sequencial, alterando seu significado neutro para um conteúdo mais expressivo. Um exemplo disso é o uso reiterado do sinal “AMANHÃ, AMANHÃ, AMANHÃ”, empregado para se referir a uma frequência cotidiana, reinterpretando o significado para “todos os dias”. Situação semelhante ocorreu com o sinal “fácil, fácil, fácil”, cuja repetição intensificada resultou na construção do adjetivo superlativo FACÍLIMO.

Antes de a participante utilizar o sinal FACÍLIMO, ela expressa os sentimentos GOSTAR e AMAR, os quais antecedem a ideia de COZINHAR B-O-L-O. Esses sinais evidenciam uma carga subjetiva significativa. Tais sentimentos revelam um envolvimento emocional da participante com a atividade de cozinhar, apontando para um desejo profundo e afetivo de exercer essa função profissional.

A subjetividade desses sentimentos está diretamente ligada às experiências e expectativas da participante, refletindo seu anseio por uma ocupação que lhe proporcione dignidade e realização pessoal. Como destaca Sousa (2018), a axiologia — compreendida como o campo que trata da valoração e da avaliação — está presente nas construções linguísticas que expressam juízos subjetivos de valor. A linguagem é, portanto, atravessada por avaliações implícitas ou explícitas, que se manifestam por meio da intensificação semântica, como ocorre com os sinais repetidos. Sousa ressalta que essa valoração pode ser graduada, oscilando entre avaliações mais moderadas e outras mais intensas, tanto no sentido positivo (mais, mais, mais...) quanto negativo (menos, menos, menos...), revelando, assim, o envolvimento emocional do falante ou sinalizante com o conteúdo enunciado.

Nesse contexto, a repetição do sinal “fácil, fácil, fácil”, convertido em FACÍLIMO, representa uma avaliação intensificada, cuja expressividade é marcada não apenas pela repetição, mas também pelos aspectos fonético-fonológicos e morfológicos da Libras. A participante utiliza essa forma para reforçar a facilidade com que realiza a ação de fazer bolos e doces, tornando evidente seu domínio e prazer na atividade.

Em termos fonético-fonológicos, os articuladores não manuais revelam expressividade marcante: na imagem 1, os olhos estão fechados, as sobrancelhas arqueadas e levemente pressionadas para baixo, e a boca semiaberta, sugerindo habilidade e envolvimento na ação. O tronco mantém-se em posição neutra nas três imagens analisadas, enquanto os ossos malares permanecem elevados com força moderada. As bochechas apresentam uma elevação sutil em direção à diagonal superior. A testa inicia-se franzida e voltada para baixo, finalizando esticada para cima, acompanhando o movimento expressivo da cabeça, que oscila lentamente da direita para a esquerda em três repetições, sugerindo intensificação. Quanto aos ombros, observa-se uma leve elevação do ombro direito, enquanto o tronco permanece estável.

Em relação aos articuladores manuais, a configuração de mão (CM) utilizada é a nº 56. O sinal é realizado na região da testa (espaço neutro), com movimento unidirecional e repetições do dedo médio em extensão, projetado para frente. As palmas das mãos estão orientadas para trás. A repetição do gesto, aliada à forma articulatória constante nas três imagens, reforça a intenção expressiva do sinal.

Assim, observa-se que os articuladores não manuais apresentaram maior carga expressiva no contexto fonético-fonológico, especialmente pelas expressões faciais e movimentações sutis, que intensificam a construção semântica do sinal FACÍLIMO. Essa análise comprova que, na Libras, a expressividade é construída por meio da interação entre elementos linguísticos e afetivos, em conformidade com as ideias de Sousa (2018) sobre axiologia, e demonstra como os sinais podem ser intensificados para expressar avaliações subjetivas e experiências pessoais de forma rica e significativa.

Quadro 36 – Marcas de expressividade FACÍLIMO

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Cantos da boca semiaberto	Trás
	Olhos	Fechados	X
	Testa	Franzida e esticada	Baixo e cima
	Maçãs do rosto (ossos malares)	Elevados com uma força média	Cima
	Bochechas	Elevado bem sutil.	Cima, na diagonal
	Cabeça	Forma lenta e tensa	Esquerda para direita 3 vezes
	Queixo	X	X
	Tronco	Neutro	X
	Pescoço	X	X
	Ombro	Elevado bem sutil	Direito, cima
	Caixa torácica	X	X
	Sobrancelhas	Arqueada e fechada com leve força	Baixo
	Antebraços	Levantado com força no ulnar	Frente
	Dedos	Abertos e estendidos (polegar, indicador, anelar e mínimo)	Extensão, frente

Fonte: Autor (2025).

Os parâmetros a seguir também podem articular-se aos articuladores não manuais, contribuindo para a construção de marcas excessivas e intensivas, que impulsionam o sinal em direção a uma expressividade ampliada, especialmente no que diz respeito à constituição, estruturação e forma do sinal FACÍLIMO. A combinação entre esses parâmetros e os articuladores não manuais potencializa a dimensão afetiva e estilística do enunciado, tornando o sinal não apenas uma representação lexical, mas também um veículo de subjetividade, emoção e valor expressivo, conforme se observou na performance da participante ao descrever sua relação com a atividade de cozinhar.

Quadro 37 – Marcas de expressividade FACÍLIMO

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	56	Testa	Unidirecional e extensão repetitiva	Trás

Fonte: Autor (2025).

5.12 Expressividade do sinal sol QUENTÍSSIMO

Durante a "conversação", o professor surdo, na condição de pesquisador, solicitou à participante um relato sobre fenômenos naturais, tais como: chuvas intensas, calor excessivo, queimadas e enchentes. No entanto, a participante direcionou seu foco especificamente para o calor em excesso. Esse destaque tornou-se evidente no trecho compreendido entre 00:02:56 e 00:03:07, no qual a entrevistada discorre sobre um calor mais que intenso — um calor extremo, acima da temperatura suportável. Em determinado momento de seu relato, ela afirma:

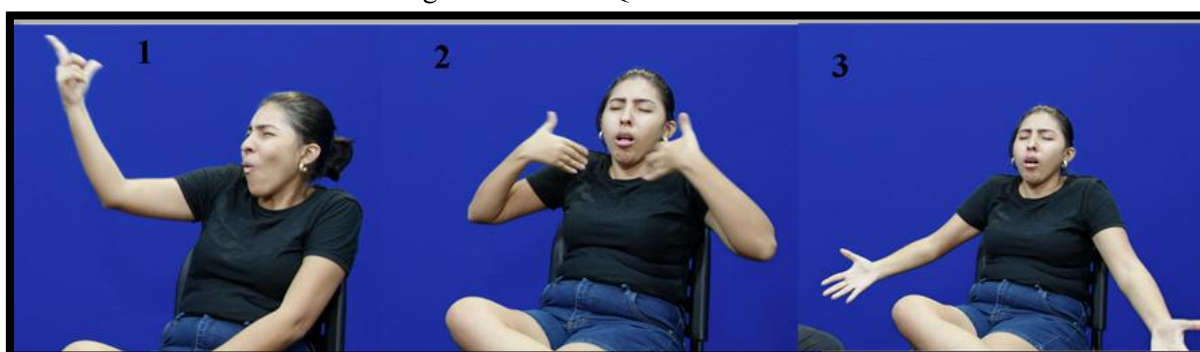
Quadro 38 – Link e transcrições em Libras e português do sinal sol QUENTÍSSIMO

Link: https://youtu.be/r8TArDammml
Libras: PORQUE SOL QUENTE+ + +, SUOR QUENTE+ + +, FAMILIA QUENTE+ + + + = QUENTÍSSIMO.
Português: O sol é quente, quente, quente fazendo a gente transpirar, a minha família também passa por esse sol em excesso quente, quente, quente, quente.

Autor (2025).

No quadro anterior, estão disponíveis o link do vídeo, bem como a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentaremos a análise da imagem do sinal QUENTÍSSIMO em sua forma expressiva, juntamente com a descrição do sinal e a interpretação estilística.

Figura 56 – Sinal QUENTÍSSIMO



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O sinal QUENTE é um adjetivo que, em sua forma superlativa, expressa uma intensificação de ideia. Nas imagens 2 e 3 da figura 56, observamos que o sinal se transforma no superlativo QUENTÍSSIMO, conferindo maior força à expressão do calor. Entre os fenômenos naturais mencionados, o que mais causou impacto na participante foi a temperatura excessivamente alta. Esse calor, percebido como algo negativo e desconfortável, gera uma reação de repulsa, refletindo uma experiência subjetiva. Conforme Monteiro (2005), a subjetividade está intrinsecamente ligada à construção da expressividade linguística, e, neste caso, o sinal QUENTÍSSIMO não se apresenta como algo significativo ou positivo para a participante, mas sim como uma experiência vivida de forma excessiva e desconfortável.

O sinal QUENTÍSSIMO é executado por meio de articuladores não manuais do corpo, como braços, antebraços e expressões faciais, o que aponta para um contexto morfológico. Esses articuladores aumentam a expansão do sinal, alongando os movimentos e ampliando sua intensidade. No campo fonético-fonológico, identificamos diversos articuladores não manuais: os olhos estão fechados, as sobrancelhas levemente elevadas, e os dedos das mãos estão abertos e tensionados, como que indicando força excessiva, algo fora do comum. A boca, nas imagens 2 e 3, encontra-se semiaberta, e a cabeça permanece estática, sem movimento, contribuindo para a intensificação do sinal. A tensão nos antebraços, com seus músculos contraídos, revela ainda mais a intensidade da expressão, tornando o sinal de QUENTE em QUENTÍSSIMO, em um movimento de lentidão e aumento de força.

Os articuladores manuais também desempenham um papel importante, com a utilização das CMs nº 05 em ambas as mãos, com as orientações das palmas (mão direita e mão esquerda) iniciando para trás e finalizando para cima de forma repetitiva. O movimento é semi-circular e executado fora do corpo, sem contato com ele, demonstrando a expansão e a ênfase na intensidade do sinal. Nesse contexto, tanto os articuladores manuais quanto os não manuais trabalham de maneira conjunta, intensificando a expressividade e ampliando o significado do sinal, o que aponta para um grau de superlativo: QUENTÍSSIMO.

As expressões não manuais desempenham um papel fundamental como marcas de expressividade no contexto fonético-fonológico e articulatório, apresentando características próprias que intensificam ainda mais o sinal QUENTÍSSIMO, reforçando a ideia de uma experiência extrema e subjetiva. Essa intensificação reflete a valorização subjetiva de uma experiência vivida pela participante, conforme destacado por Monteiro (2005), que aborda a relação entre a expressividade linguística e o reflexo do "EU" nas marcas de estilo.

Quadro 39 – Marcas de expressividade QUENTÍSSIMO

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Semi aberto	X
	Olhos	Fechados	X
	Testa	Esticada	Cima
	Maças do rosto (ossos malaras)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Estática	Esquerda
	Queixo	Expressivo	Baixo
	Tronco	Lento	Trás
	Pescoço	X	X
	Ombro	X	X
	Caixa torácica	X	X
	Sobrancelhas	Elevadas sutilmente	Cima
	Antebraços	Músculos exercendo força tensa por meio do ulnar	Frente
	Dedos	Abertos e estendidos com força em excesso	Frente e trás

Fonte: Autor (2025).

Os parâmetros a seguir apresentam marcas excessivas e intensivas, que potencializam o sinal, conferindo-lhe uma expressividade ampliada no contexto da constituição, estruturação e forma do sinal QUENTÍSSIMO.

Quadro 40 – Marcas de expressividade QUENTÍSSIMO

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	05	Testa	Semi circular expansivo	Trás e frente

Fonte: Autor (2025).

Nesse contexto, a teoria de Bally (1941) sobre o valor linguístico se aplica, uma vez que a expressividade e a intensidade atribuídas ao sinal não são apenas um reflexo de uma realidade objetiva, mas de uma subjetividade construída a partir da vivência pessoal e do valor atribuído ao fenômeno. A combinação dos articuladores não manuais, como a tensão nos músculos e a expressão facial de desconforto, junto aos movimentos manuais, amplia o impacto do sinal, refletindo uma avaliação emocionalmente carregada, típica da subjetividade humana.

Assim, o sinal QUENTÍSSIMO se configura não apenas como uma simples descrição de temperatura, mas como uma expressão profunda de valorização subjetiva, tal como

defendido por Bally, em que o significado de um sinal é moldado não só pela sua forma, mas também pela carga emocional e interpretativa que o usuário da língua lhe confere.

5.13 Expressividade do sinal FORTÍSSIMA

O professor surdo, na qualidade de pesquisador, questionou o participante sobre como ele recebia informações acerca de fenômenos naturais, como queimadas, chuvas, enchentes, entre outros. Entre os trechos 00:01:40 a 00:01:58, o participante explicou a causa das enchentes, ou seja, o aumento do volume das águas. Ele mencionou que as enchentes geralmente ocorrem durante o período das chuvas na cidade de Rio Branco, no Acre. Em determinado momento do relato, o participante afirmou:

Quadro 41 – Link e transcrições em Libras e português do sinal **FORTÍSSIMA**

Link: https://youtu.be/UbfIpRfyRlo
Libras: PORQUE ACONTECER ÁGUA ENCHER, ACONTECER CHUVA-MUITO, CHUVA-FORTE+ + + = (FORTÍSSIMO), ENCHER RIO ENCHER, PERTO CASA+ PERTO FÁCIL ÁGUA SUBIR PREJUÍO PESSOAS PORQUE CASA ACONTECER AS VEZES, COMEÇAR JANEIRO ATÉ M-R-Ç, ÀS VEZES, ACONTECER ACRE ASSIM.
Português: Devido a quantidade de chuva, em excesso, as águas do rio sobem e quem vive próximo as margens do rio são prejudicadas porque esse fenômeno acontece sempre a parti de janeiro até março. Isso acontece muito aqui no Acre.

Fonte: Autor (2025).

Neste contexto, observamos uma distribuição adequada dos materiais, incluindo o link do vídeo e a transcrição tanto em Libras quanto em português. A seguir, apresentaremos a análise da imagem do sinal FORTÍSSIMA em sua forma expressiva, acompanhada da descrição do sinal e da interpretação estilística.

Figura 57 – Sinal FORTÍSSIMA



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

O participante sinalizou chuvaFORTÍSSIMA ao se colocar empaticamente no lugar do outro, refletindo sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que moram próximas ao rio, que perdem seus bens durante as enchentes. Essas perdas, muitas vezes difíceis de conquistar, geram uma profunda comoção nas pessoas que conhecem essa realidade. A experiência vivida pelo participante, ao relatar essa situação, provoca no outro um sentimento afetivo, que, como Sousa (2018) observa, está imerso na subjetividade, criando uma ligação emocional. Esse contexto ajuda a entender o uso de sinais superlativados, como chuvaFORTÍSSIMA, que reflete não apenas a intensidade do fenômeno, mas também o impacto emocional da experiência.

O adjetivo FORTÍSSIMA foi incorporado ao sinal CHUVA, uma combinação que se torna evidente pela intensidade expressiva transmitida pelos articuladores não manuais, tanto no aspecto fonético quanto no fonomorfológico. Nosso objetivo é associar esses articuladores manuais e não manuais, compreendidos como forma gramatical, ao conjunto de elementos como avaliação, valor e subjetividade. Esses elementos buscam encontrar as marcas expressivas que, ao serem intensificadas, chegam ao nível estilístico.

De acordo com Martins (2000), os elementos emotivos na construção do sentido das palavras são de extrema relevância na Estilística, pois as palavras de poder evocativo são aquelas que não apenas descrevem, mas também transmitem sentimentos e experiências profundas. No sinal chuvaFORTÍSSIMA, observamos a presença de tais elementos emotivos, como expressões faciais e corporais que evocam uma forte carga afetiva. Os articuladores não manuais, como a boca cheia de ar, as sobrancelhas baixas e os olhos fechados, são marcas intensificadas de afeto e tensão. A testa, levemente arqueada e fechada para baixo, juntamente com a cabeça virada para o lado direito, indicam uma forte carga emocional e uma interpretação subjetiva do fenômeno. A movimentação dos braços e antebraços, com uma tensão visível, e os dedos espalmados ou em “V” intensificam ainda mais essa ideia de excesso, apontando para um grau aumentativo, no qual a força e a tensão corporal trazem uma expressão de intensidade e poder evocativo.

Os articuladores manuais, presentes nas imagens 1 e 2, também desempenham um papel fundamental na construção dessa expressividade. Na imagem 1, a presença das CMs nº 06 em ambas as mãos, com movimento retilíneo de cima para baixo e as palmas voltadas para baixo, coloca o sinal no espaço neutro, sem contato com o corpo, refletindo a clareza e a objetividade da informação. Na imagem 2, a alteração nas CMs nº 54 e nº 32, juntamente com

o movimento retilíneo e as orientações de palma, indicam uma transição mais fluida e intensa, reforçando o superlativo do sinal FORTÍSSIMA.

Dessa forma, a combinação de articuladores manuais e não manuais serve para intensificar o sinal, criando uma experiência expressiva única que vai além da simples descrição do fenômeno natural. Nos apoiamos em Sousa (2018) para concluir que essa intensificação do sinal é marcada pela subjetividade do participante surdo, cujas emoções e experiências pessoais influenciam diretamente a forma como o fenômeno é apresentado. O uso de chuvaFORTÍSSIMA, com suas tensões e marcações de intensidade, exemplifica claramente a interação entre os aspectos fonético-articulatórios e morfológicos, resultando em uma expressão linguística que transmite mais do que um simples fato: ela comunica uma vivência carregada de emoção, de valor subjetivo e de expressividade.

Quadro 42 – Marcas de expressividade FORTÍSSIMA

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Fechada Preenchida de ar Músculo orbicular superior e inferior	Centralizada
	Olhos	Fechados e intensificados	X
	Testa	Arqueada e Fechada sutil	Baixo
	Maças do rosto (ossos malaras)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Virada	Direito
	Queixo	X	X
	Tórax	Neutro	X
	Pescoço	Giro com força	Direito
	Ombro	X	X
	Sobrancelhas	Intensificada (força)	Baixo
	Antebraços	Força intensificada	Cima e baixo
	Dedos	Abertos e estendidos com força em excesso Os outros dedos da mão direita são o indicador e médio	Cima e baixo

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais, neste contexto, se apresentam de maneira morfológica, ou seja, relacionados à forma e estrutura do sinal. Esses parâmetros intensificam suas marcas excessivas e intensivas, impulsionando o sinal para uma expressividade ampliada, no contexto

da constituição, estruturação e forma do sinal FORTÍSSIMA. Ao agregar uma carga expressiva aos elementos linguísticos, os articuladores manuais tornam-se essenciais para transmitir a intensidade desejada, destacando o caráter superlativo do sinal e ampliando seu impacto emocional e semântico.

Quadro 43 – Marcas de expressividade FORTÍSSIMA

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	05, 54 e 32	Neutro	Retilíneo	Diagonal para frente cima, Baixo

Fonte: Autor (2025).

5.14 Expressividade do sinal RARÍSSIMO

O professor surdo pesquisador indagou ao participante sobre as chuvas e o calor intensos típicos da região. O participante, entre os trechos 00:01:21 a 00:01:28, em determinado ponto de seu relato, afirma:

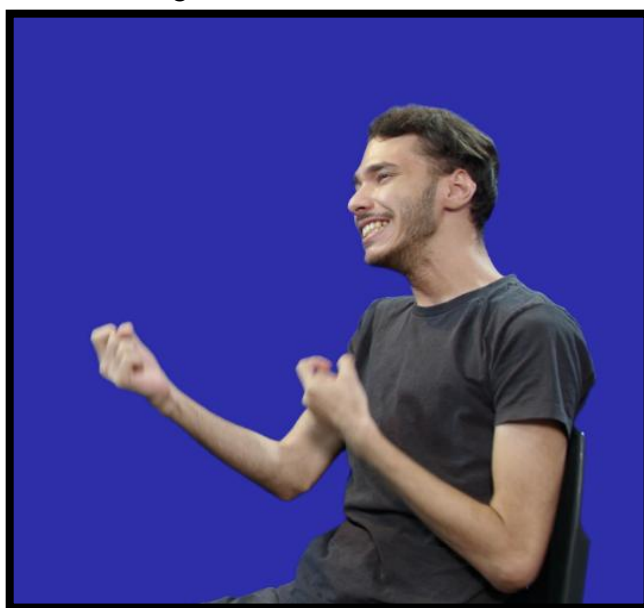
Quadro 44 – Link e transcrições em Libras e português do sinal RARÍSSIMO

Link: https://youtu.be/pWdnp89bvHc
Libras: RARÍSSIMO CHUVA. TODO-DIA SOL+ + + TODO-DIA, POR ISSO, ISSO.
Português: As chuvas são raríssimas, o que sentimos é um calor diário, que acontece todos os dias, um calor intenso. Por isso, que temos menos chuvas.

Fonte: Autor (2025).

Observamos que o relato do participante está disponível no Link do vídeo, com a transcrição em Libras e em português. A seguir, apresentaremos as análises da imagem do sinal RARÍSSIMO em sua forma expressiva, juntamente com a descrição do sinal e a interpretação estilística.

Figura 58 – Sinal RARÍSSIMO



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

Durante a análise dos dados, observamos que o participante fez uso do sinal RARÍSSIMO, um adjetivo superlativado. Esse resultado superlativo foi alcançado especialmente ao tratar do calor intenso, mais do que do período de chuvas fortes. Hipoteticamente, o participante usou o sinal RARÍSSIMO para expressar como o calor excessivo o afeta de maneira mais intensa, especialmente quando é necessário andar sob o sol, o que, para ele, representa uma experiência negativa.

Esse sentimento negativo é interpretado como subjetivo, uma vez que decorre da experiência vivida pelo participante. Além disso, foi possível observar que, durante seu relato, ele fez uma avaliação que indicava uma intensidade moderada: o calor, por exemplo, foi tratado com maior ênfase do que as chuvas. Isso reflete o valor atribuído ao enunciado, que pode ser expresso tanto para um grau mais intenso (mais, mais, mais) quanto para um grau mais moderado (menos, menos, menos). O sinal RARÍSSIMO está, assim, cercado por elementos interdependentes que se conectam e contribuem para a intensidade e expressividade da mensagem.

A expressividade no sinal RARÍSSIMO é marcada por diversos aspectos, que o elevam a um superlativo. Entre essas marcas, destacam-se o alongamento dos braços e dos antebraços, com uma aplicação de força voltada para frente, além do uso da força ulna nos antebraços. Esses elementos foram acompanhados por expressões faciais e corporais intensas que potencializam a intensidade do sinal.

De acordo com Sousa (2018, p. 60), "a expressividade é marcada pela afetividade que se reflete nas formas intensificadas que são produzidas com a finalidade de expressar percepções do EU, numa formulação qualitativa". Nesse contexto, os articuladores não manuais exercem um papel fundamental. A boca está aberta de forma expansiva, com o queixo levemente elevado e os ossos malares sutilmente elevados. Os olhos estão semi-fechados, com sobrancelhas voltadas para baixo, e a testa é franzida com uma tensão mediada. A cabeça se inclina de maneira tensa para os lados direito e esquerdo, e o pescoço exibe uma força tensa, proporcionando uma sensação de lentidão e intensidade.

Os braços, antebraços e músculos também desempenham um papel na construção dessa expressividade. O corpo, incluindo o tórax e os ombros, mantém uma posição neutra, mas acompanha sutilmente o movimento do sinal. Esses gestos são caracterizados pela tensão dos músculos, reforçando a ideia de um grau intensificado de RARÍSSIMO.

Em relação aos articuladores manuais, observamos o uso das CMs nº 69 em ambas as mãos no início do sinal, que finalizam com as CMs nº 49, também em ambas as mãos. O movimento é retilíneo e circular, e as orientações das palmas estão voltadas para cima. O sinal é executado no espaço neutro, sem contato com o corpo, com a expressão facial e corporal intensificando a mensagem.

Conforme Sousa (2018, p. 67) afirma: "A língua oferece diferentes recursos estilísticos para manifestar a intensidade. Algumas são previstas nos manuais linguísticos, outras surgem pela criatividade do falante." Neste caso, o participante, ao utilizar a língua de forma criativa, recorreu aos articuladores manuais e não manuais, observados tanto no contexto fonético quanto fono-morfológico, como formas de expressar sua experiência subjetiva, intensificada e superlativada. Essa construção estilística reflete o uso informal da língua, onde a avaliação e o julgamento (axiologia), o valor (para mais ou para menos), e a subjetividade (experiências vividas) estão profundamente interligados.

Quadro 45 – Marcas de expressividade RARÍSSIMO

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Aberta e expansiva	X
	Olhos	Semi fechado e intensificados	X
	Testa	Franzida na forma mediana	Baixo
	Maças do rosto (ossos malares)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Inclinada exerce uma força mais que tensa	Direito e esquerda
	Queixo	X	X
	Tórax	Neutro	X
	Pescoço	Neutro	X
	Ombro	Neutro	X
	Sobrancelhas	Força intensificada	Baixo
	Antebraços	Força	Frente
	Dedos	Fechados com força em excesso	Cima

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais apresentaram marcas excessivas e intensivas, que impulsionam o sinal para uma expressividade ampliada no contexto da constituição, estruturação e forma do sinal RARÍSSIMO.

Quadro 46 – Marcas de expressividade RARÍSSIMO

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	69 e 49	Neutro	Retilíneo e circular	Cima

Fonte: Autor (2025).

A análise do sinal RARÍSSIMO revela que os articuladores manuais desempenham um papel fundamental na intensificação da expressividade linguística, conferindo ao sinal um grau de superlativo que reflete a subjetividade e a avaliação emocional do participante. Através de marcas excessivas e intensivas, como o alongamento dos braços e a força aplicada nos antebraços, o sinal é elevado a uma forma amplificada, transmitindo com clareza a intensidade do sentimento envolvido. A interação entre os articuladores manuais e não manuais, juntamente com as expressões faciais e corporais, destaca a construção de um enunciado que não apenas descreve, mas também transmite de maneira vibrante a experiência vivida, associando as

percepções do EU e suas vivências pessoais ao contexto linguístico. Essa análise reflete a dinâmica da língua de sinais como um sistema vivo, onde a expressão não é apenas codificada, mas é moldada pela afetividade, intensificação e as experiências subjetivas do indivíduo, conforme apontado por Sousa (2018).

5.15 Expressividade do sinal SOFRERdemais

O professor surdo pesquisador, durante a "entrevista", questionou o participante sobre sua história de vida, trajetória e como ocorreu a aquisição da surdez. Entre os trechos de 00:06:38 a 00:06:54, o participante compartilha a dificuldade de ser o único surdo na escola e o impacto que isso teve em sua vida. Em determinado momento do relato, ele diz:

Quadro 47 – Link e transcrições em Libras e português do sinal **SOFRERdemais**

Link: https://youtu.be/4iv9qLntWrc
Libras: PORQUE PASSADO, CRESCER ESCOLA 1, PORTO ACRE, TER-NÃO INTÉRPRETE TER-NÃO, EU SOFRERdemais. EU SURDO SOZINHO, ÚNICO. OUVINTE MAIORIA INCLUIR TODOS [...].
Português: Nasci no município de Porto Acre, a escola que estudei não tinha intérprete de Libras, eu sofri muito, muito... eu era o único surdo da escola, me sentia sozinho enquanto os ouvintes incluídos se agrupavam para interagir.

Fonte: Autor (2025).

O relato do participante está disponível no link do vídeo, junto com a transcrição em Libras e em português. Em seguida, apresentaremos as análises da imagem do sinal SOFRERdemais em sua forma expressiva, além da descrição detalhada do sinal e a interpretação estilística.

Figura 59 – Sinal SOFRERdemais



Fonte: Inventário de Libras de Rio Branco, Acre (2023).

De acordo com Bechara (2011, p. 1057), o verbete sofrer é definido como "ser afligido por mal físico ou moral; ter dano ou prejuízo; passar por mudança". Dentre esses conceitos, selecionamos a definição "ter dano ou prejuízo", pois foi dessa forma que o participante se sentiu: com prejuízo linguístico. Ele relatou que a escola não promovia acessibilidade, faltavam profissionais tradutores e intérpretes de Libras/português, além de estratégias adequadas para ensinar o conteúdo ao aluno surdo.

O termo sofrer carrega uma conotação depreciativa, com o significado de algo negativo, e o acréscimo do sinal demais intensifica ainda mais essa ideia de sofrimento. Nesse contexto, observamos que o uso do advérbio demais no sinal SOFRERdemais funciona como um intensificador, ampliando a carga emocional do sinal. Como explica Bally (1951), o uso afetivo da linguagem pode ser percebido pelo uso de intensificadores, ou seja, pela manipulação do grau (aumentativo e diminutivo), que atribui um caráter emocional à expressão. O sinal demais pode ser entendido como uma forma de escalonamento, que intensifica a ideia de sofrimento e o torna ainda mais expressivo. Um exemplo disso é quando o participante diz: "Na escola que estudei não tinha intérprete de Libras, eu sofri demais", onde o sinal demais amplifica a noção de sofrimento vivido.

Demais funciona como um advérbio de intensidade, similar a muito, mas que, quando repetido, potencializa a intensidade do sinal. Por exemplo, ao sinalizar muito, é comum que a pessoa infle as bochechas de ar, como no sinal PESSOAS muitas. Outro exemplo seria o uso de LEGAL seguido de MUITO (executado com dedos flexionados e estendidos), formando a expressão LEGAL MUITO (muito legal!). No caso de SOFRERdemais, o escalonamento

proporcionado por demais atribui um caráter mais intenso ao sofrimento, refletindo a vivência do participante de forma mais acentuada e expressiva.

Em relação aos articuladores não manuais, a execução do sinal SOFRERdemais envolve características fonético-fonológicas intensificadas. A boca se encontra sugada, com os músculos orbiculares superior e inferior contraídos, e os olhos estão semi-fechados e direcionados para baixo. As sobrancelhas são ligeiramente arqueadas para baixo, indicando tensão. Os antebraços, posicionados à altura da cintura, executam movimentos que envolvem força e contato com o abdômen, intensificando a sensação de sofrimento. A cabeça, por sua vez, está inclinada para o lado direito e para trás, reforçando o impacto emocional do sinal. Os ombros estão suavemente direcionados para baixo e para frente, e o tórax se inclina ligeiramente para dentro, criando um movimento corporal que contribui para o aumento da intensidade. O pescoço também exerce uma leve tensão, o que reforça a ideia de sofrimento intensificado.

Quanto aos articuladores manuais, o sinal SOFRERdemais é realizado com ambas as mãos, utilizando as CMs nº 64. As orientações das palmas da MD e ME estão voltadas para baixo, e o movimento é do tipo retilíneo (com ambas as mãos indo e vindo), tocando na altura da cintura. O sinal é executado no espaço, com contato no corpo. As expressões faciais e corporais, já descritas acima, complementam a execução do sinal, intensificando a carga emocional associada ao sofrimento.

Assim, os articuladores não manuais desempenham um papel fundamental na construção da expressividade do sinal, utilizando aspectos fonético-fonológicos que ampliam e intensificam o significado de SOFRERdemais, refletindo de forma clara a intensidade do sofrimento vivido pelo participante. Esse uso de intensificadores está alinhado com a proposta de Bally (1951) sobre a expressividade e o grau da linguagem, e com as ideias de Sousa (2018), que afirma que a língua oferece recursos estilísticos para manifestar a intensidade, seja de forma prevista nos manuais linguísticos ou pela criatividade do falante.

Quadro 48 – Marcas de expressividade SOFRERdemais

Articuladores não manuais	Partes do corpo	Modos e forças intensivas	Direções das partes do corpo
	Boca	Fechada, Músculos orbicular inferior e superior da boca sugados	X
	Olhos	Semi fechados	Baixo
	Testa	Elevada com força	Cima
	Maças do rosto (ossos malares)	X	X
	Bochechas	X	X
	Cabeça	Inclinada exerce uma força	Direito e trás
	Queixo	X	X
	Tórax	Aprofundado para dentro do peito de forma leve	Trás
	Pescoço	Tenso, com força, criando uma ideia de aumentativo.	Direito
	Ombro	Elevado sutilmente	Frente
	Sobrancelhas	Sutilmente	Baixo
	Antebraços	Altura da cintura e exerce uma força intensificada ao tocar no abdômen.	Trás
	Dedos	Fechados com força em excesso (anelar, médio e indicador); Abertos exerce força (mínimo e polegar)	Central

Fonte: Autor (2025).

Os articuladores manuais desempenham funções aumentativas, expansivas, alongadas e ampliadas, entre outros elementos linguísticos, que intensificam, exageram e conferem expressividade ao sinal SOFRERdemais.

Quadro 49 – Marcas de expressividade SOFRERdemais

Articuladores manuais	CM nº	PA	Mov	OR
	64	Abdômen	Retilíneo e toques repetitivos	Baixo

Fonte: Autor (2025).

A análise do sinal SOFRERdemais revela como a intensificação e a expressividade são marcadas tanto pelos articuladores manuais quanto pelos não manuais. O uso do intensificador "demais" amplifica a carga emocional do verbo sofrer, atribuindo-lhe um caráter de sofrimento profundo, refletindo a experiência vivida pelo participante. Os articuladores não

manuais, como as expressões faciais e os movimentos corporais, intensificam a ideia de aflição e desgaste, conferindo ao sinal uma carga afetiva e subjetiva significativa. Além disso, a configuração dos articuladores manuais, com sua execução expansiva e alongada, reflete a escalada emocional do relato, evidenciando, assim, a capacidade da Libras de expressar de forma impactante sentimentos e vivências intensas, como enfatizado por Bally (1951), ao destacar o papel dos intensificadores na construção da expressividade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar, sob uma perspectiva estilística, os recursos expressivos utilizados pelos surdos acreanos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco – Acre, para intensificar e superlativar suas ideias. Através das entrevistas e do estudo dos sinais, buscamos identificar as formas de expressividade mais evidentes, as quais são responsáveis por transmitir as experiências, vivências e emoções dos participantes, refletindo suas subjetividades e avaliações pessoais.

Com base nas ideias de Bally (1941; 1951), Martins (2000), Monteiro (2005) e Sousa (2018), que abordam a expressividade linguística e sua relação com os aspectos fonético-fonológicos e morfológicos da língua, conseguimos evidenciar como as expressões faciais, as expressões corporais e os parâmetros manuais e não manuais em Libras geram uma forma ampliada de expressão, intensificando o significado dos sinais e permitindo aos surdos comunicar suas experiências de forma mais profunda e carregada de subjetividade. Bally (1951), em particular, destaca que a expressividade na língua cotidiana, ao ser intensificada, atinge um nível de afetividade que não apenas transmite uma mensagem, mas também evoca sentimentos, emoções e reações nos interlocutores. Martins (2000) e Sousa (2018) complementam essa análise ao sugerirem que a língua, no seu uso real e cotidiano, permite a manifestação de intensificações e nuances afetivas, que podem ser percebidas através do uso de intensificadores ou recursos estilísticos, como o grau aumentativo ou diminutivo.

Nossos objetivos específicos foram: descrever, sob a ótica estilística, a expressividade em Libras; identificar os recursos estilísticos (fonético-fonológicos e morfológicos) utilizados pelos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC); interpretar as expressividades à luz dos conceitos de axiologia, valoração e subjetividade; descrever os articuladores manuais e não manuais presentes nos dados selecionados como marcas expressivas implícitas ao sinal típico.

Com base no arcabouço teórico e nos objetivos traçados, os resultados obtidos na pesquisa mostram que os surdos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre, fazem uso de intensificações expressivas, não apenas em sinais típicos, mas também em sinais com modificações estilísticas que visam a superlativação de suas ideias. Observamos que a utilização de sinais como RARISSIMO, FAMOSSISSIMA, FACILIMO, QUENTISSIMO, FORTISSIMO entre outros, evidenciam um processo de escalonamento e valorização dos significados, com forte carga emocional e afetiva. Além disso, a análise estrutural de sinais como SOFRER demais e RUIM muito permitiu perceber como os surdos utilizam os elementos

fonético-fonológicos, como os movimentos dos olhos, boca, cabeça, e a tensão dos ombros, para atribuir à sua fala um grau elevado de intensidade e significação.

O terceiro objetivo, que foi interpretar as expressividades a partir das ideias de axiologia, valoração e subjetividade, revelou que a escolha dos sinais superlativados e os recursos expressivos são intimamente ligados à experiência pessoal e à avaliação subjetiva dos participantes. A axiologia (avaliação) reflete-se nas escolhas linguísticas, especialmente quando o surdo deseja atribuir um valor mais alto ou mais baixo a determinado conceito. Essa dinâmica foi amplamente observada nas entrevistas, quando os participantes demonstraram subjetividade ao relatar suas experiências, como a sensação de exclusão pela falta de intérpretes ou a dificuldade com o calor intenso e as queimadas.

Através dos objetivos específicos que orientaram esta pesquisa, conseguimos comprovar nossa tese de que os diferentes recursos estilísticos em Libras, tanto fonético-fonológicos quanto morfológicos, proporcionam aos surdos formas de expressão que ampliam o significado dos sinais, mas também refletem as experiências subjetivas de cada participante, gerando uma comunicação que transcende a simples transmissão de informações, para tocar as dimensões emocionais e afetivas do interlocutor.

Em termos sociais, os resultados da pesquisa destacam o uso da língua de sinais em situações reais e cotidianas, o que tem implicações diretas para o ensino de Libras na Educação Básica, especialmente na Educação Bilíngue de Surdos. O estudo revela a importância de se considerar a expressividade e as formas estilísticas de Libras ao elaborar materiais didáticos, uma vez que tais expressões podem ampliar a compreensão dos alunos surdos sobre a língua e sua cultura.

Culturalmente, nossa pesquisa coloca em evidência a riqueza da Libras, ao destacar as formas linguísticas do povo surdo acreano, valorizando suas particularidades culturais e comunicativas. Além disso, fortalece a descrição linguística da Libras, colaborando para o reconhecimento e respeito dessa língua em diferentes contextos sociais.

A pesquisa também abre novas possibilidades para aprofundamento e análise em outras vertentes. Estudos futuros podem explorar a expressividade no Grupo 3 do Inventário de Libras de Rio Branco, comparar as formas de expressividade entre os Inventários de Libras de diferentes regiões, e até mesmo criar protocolos de análise estilística para outros eventos linguísticos expressivos. Além disso, uma maior ampliação do número de participantes poderia fornecer uma visão mais abrangente da diversidade de expressões na Libras.

Por fim, a contribuição desta pesquisa para o Projeto Inventário de Libras de Rio Branco é significativa, pois oferece uma nova perspectiva sobre o uso estilístico e expressivo

da língua de sinais, contribuindo para um maior entendimento da riqueza linguística e cultural da comunidade surda acreana. Em suma, este estudo inédito não apenas amplia os horizontes da descrição linguística da Libras, mas também reforça sua importância como uma língua viva, rica em expressões e significados, que reflete as experiências e vivências de seus usuários.

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. A variação fonética em configurações de mão da Libras à luz do sistema de transcrição de Johnson e Liddell (2011, 2012). **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 292–323, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-15. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57715>. Acesso em: 24 out. 2024.
- ALVES, I. M. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. **Alfa**, São Paulo: UNESP, 1980.
- BALLY, C. **El lenguaje y la vida**. Buenos Aires: Losada, 1941.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Blincksieck, 1951.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 26 mar. 2023.
- BRASIL. **Decreto n. 7.387**, de 09 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm. Acesso em: 23 mar. 2023.
- BRASIL. **Decreto-lei n. 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/del0025.htm. Acesso em: 8 maio 2022.
- BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 26 mar. 2023.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- DINIZ, H. G. **A história da língua dos surdos brasileiros**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras. Petrópolis: Arara Azul, 2011.
- DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ENAP – Escola Nacional de Educação Pública. **Palavra em Libras – FOGO**. Disponível em: <https://enap.gov.br/pt/video/2025-01/rede-de-canal>. Acesso em: 7 maio 2025.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da LSB**: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUÉRIOS, R. F. M. A substituição em linguística. **Revista Letras**, Curitiba, v. 19, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19744>. Acesso em: 8 mar. 2025.

GUILLAUME, G. **Principes de linguistique théorique**. Québec: Presses de l'Université Laval, 1973.

GUIRAUD, P. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

HJELMSLEV, L. **Prolegomena to a theory of language**. Trad. Madison: University of Wisconsin Press, 1961.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL**. Brasília: Ministério da Cultura, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

IPHAN. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL**: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016. v. 1.

KARNOPP, L. B. **Fonética e fonologia**. (Coleção Letras Libras – Eixo Formação Básica). 1. ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/scos/navpaths/indexnavpath1.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation de la subjectivité dans le langage**. Paris: Colin, 1980.

LIBRAS – **Portal de Libras**. 2020. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUCIANO, T. M. **Expressividade na língua portuguesa**: o valor interjectivo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1985. 256 p.

MONNERAT, R. Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do ethos. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 97–109.

MONNERAT, R. S. M. **Processo de intensificação no discurso publicitário e a construção do ethos**. 2003.

MONTEIRO, J. L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

MONTEIRO, J. L. **A estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOULY, G. J. **Educational research: the art and science of investigation**. Boston: Allyn & Bacon, 1978.

MURRY, J. M. **O problema do estilo**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAZ GAGO, J. M. **La estilística**. Madrid: Editorial Síntesis, 1993.

POTTIER, B. **Linguística geral: teoria e descrição**. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

POTTIER, B. **Semantique générale**. Paris: PUF, 1992.

QUADROS, R. M. *et al.* **Corpus de Libras**. 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

QUADROS, R. M. *et al.* **Gramática da Libras**. v. 1. Rio de Janeiro: INES, 2023.

QUADROS, R. M. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. (org.). **Comunidades surdas na América Latina**. Florianópolis: Bookess, 2017. p. 135–152.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; MACHADO, R. N.; LUDWING, C. R. Inventário Nacional de Libras. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5457–5474, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334>. Acesso em: 3 maio 2023.

QUADROS, R. M.; SOUSA, A. M. Brazilian Sign Language corpus: Acre Libras Inventory Corpus da Língua Brasileira de Sinais: inventário de Libras do Acre. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 805–828, 2021.

ROCHA, R. B. Estilo, expressividade e axiologia no ensino-aprendizagem da língua em uso. **Revista de Estudos da Linguagem: Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 155–175, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/34996>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SIGNPUDDLE Online. Disponível em: <http://www.signbank.org/signpuddle/>. Acesso em: 7 maio 2025.

SILVA, C. A. **A expressividade em textos poéticos: a interpretação em imagens por alunos surdos**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

SOUSA, A. M. **Expressividade e produtividade lexical em colunas sociais: discussões em torno do grau**. São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2018.

SOUSA, A. M. **Inventário da Língua Brasileira de Sinais da região de Rio Branco – Acre**. Projeto de Pesquisa. Rio Branco: Universidade Federal do Acre/CNPq, 2021.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R. Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: possibilidades para o estudo da variação lexical. **Revista Moara**, n. 65, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/16051/10831>. Acesso em: 10 out. 2024.

SOUZA, D. R.; CRESTANI, L. A. **A dicotomia de Ferdinand de Saussure**: sintagma x paradigma e suas contribuições para o processo de desenvolvimento da linguagem das crianças. 13º ENCITEC. Criar, inovar, empreender, 2017.

SPITZER, L. **Linguística e história literária**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1968. (Biblioteca Románica Hispánica).

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

TUKANO, D. **Nhe'e~ Porã: memória e transformação**. Curadoria: Daiara Tukano. São Paulo, SP: Museu da Língua Portuguesa, 2023.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, T. S; XAVIER, A. N.; **Recursos manuais e não manuais na expressão de intensidade em Libras**. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 63, p. 120–137, 2019.